VOLUME PRETO - 1947/1949

Volume Preto

Natal - de 1843 - 44
Casais - 1848 - 54 →

Contos e Anotações
em prosa e forma

Natal, 17 Dez. 1947

Natal RN

dito para o resto?

— Você é o tipo que me serve. Não direi que não. Estou numa situação inevitavelmente embaraçosa: escute só. Não, primeiro tenho que me dar o assentimento, depois explicarei em pormenores ~~do que se trata~~ — Assim fui assaltado em plena rua, sob a chuva e sol ao mesmo tempo. Sol e chuva casamento de viúva, chuva e sol casamento de espanhol. Interrompi o estribilho que ia dando cadência militar a meu passo e arregalei os olhos. ~~Cerrei entre os~~ ~~dentes, encontrei cravos, disse~~ ~~galicismo, ia dizer em~~ Olivier levou-me pelo braço, recendendo a cabeça em todas as direções para poder responder, negar e afirmar tudo o que ele perguntava em surdina. ~~Estou em~~ ~~como um cálice de vinho do porto~~ ~~boa gente, se alguém ajuda, ganando~~ ~~pode compreender o que eu para~~

~~Giz me queria ~~ ~~cavalheiro fa-~~
~~lado~~.

— Não, o sr. me desculpe, mas não sirvo para isso.

Entraram na sala e todo o auditório voltou-se nas poltronas para ver quem chegava se anunciando daquela maneira. Por um momento senti o medo do escritor em cena, depois pensei a meu pulso espectador, e quando sentei à mesa diretora e recebi o sorriso cordial dos outros dois membros componentes e o olhar pacífico da platéia, tive a nocão exata de que saira de casa justamente para aquilo: apenas havia me esquecido. ~~Tal e qual~~
~~o momento de vinda.~~

O homem que me analisara bateu palmas, fez-se silêncio e de repente tive a dolorosa impressão de que iam ser o veredicto de um crime por mim cometido. ~~Ha~~

Rápido exame de consciência: ~~parece~~ ti. Só então reparei que ele se vestia de panamá cor-de-rosa, camisa da mesma cor e gravata amarela — ~~é o caso de pelotiqueiro~~ ~~em auto~~ de aniversário de criança ao cujos anos. ~~Tinha que fa-~~
~~ja es~~ ~~vestido de mulher só~~ E olhava suplicante para a platéia e disse:

— Aqui, nosso anfitrião Monsieur Pierre Chacun. — Olhei para o lado ~~mas~~ como não houvesse ninguém lá-si para disfarçar e concluí que era eu ~~a~~ M. Pierre Chacun. — ~~Não~~
~~é isso~~ — Não se assustem, continuei eu. É francês mas conhece muito bem nosso idioma e está apto como qualquer um de nós — e fiz um gesto abrangendo toda o mundo todo que só a banca— apto para julgar o trabalho de cada um.

— Pronto, concluí eu. Agora

viriás mostrar suas habilidades
e eu, com a longa experiência
alcançada na França, com ou
sem Chacun, terei que votar
ou expor meu ponto de vista.

O homem condescendente voltou-
se para mim e disse para ninguém mais ouvir: Oratória.

— Primeiro candidato!

Toda a assistência mudou de posição nas poltronas, sussurros, suspiros e lá do fundo, a passos de cão sem dono a quem se faz festa, veio uma moça de costume azul e gravata marron, a cabeleira escura se pendurando nas bordas de uma boina preta.

— Senhores, há um clérigo e há uma tiara — começou a falar. Depois continuou, por muito tempo, e começou-me perfeitamente que eu era Pierre Chacun e que o cavalheiro se enganara: Voltei hoje de França e não compreendo nada de português.

Detive-me em todas as caras da platéia: ~~Tudo~~ gente moça, estudantes, provavelmente, com expressões de alta importância, compenetrados, circunspectos, com exceção de duas mocinhas sorridentes lá na penultima fila que mal continham o riso, apesar dos olhares de padre fazendo sermão para fiéis que levam cachorro para a igreja, que os moços de vez em quando lhe dirigiam. Na primeira fila um rapaz de colarinho duro e laço verde claro no peito não me tirava os olhos e, não fosse minha importante posição naquele momento, teria perguntado em que lhe posso ser útil, pois, vez por outra, meu ~~exame~~ ~~do~~ fisionômico da assistência era precipitado

por esse olhar ~~do~~ imbecil que, de início, me orgulhou "quem me dera ser como M. Chacun, fala francês, e é membro da mesa diretora"; mas por fim me irritou sobremaneira "M. Chacun está perdendo a calma; já se remexeu na cadeira, daqui há pouco pede que eu o deixe em paz".

Comecei a examinar a ~~parte da~~ sala ~~onde estava~~ enquanto o segundo orador espunha sua tese — eu continuava sem compreender. A mesa era ~~uma~~ ~~dona~~ simples, uma caneta bem na minha frente. "O respeito de tudo está dentro dessa caneta!" Mas não tinha coragem ~~de~~ ~~para~~ abrir. Atrás de mim um quadro negro, giz, um boneco riscado no quadro. "Falta de respeito." Olhei para o fundo da sala. "Só mesmo uma de vocês duas é que pode ter feito isso."

Com um movimento desusado na platéia aproximou-se o orador (((!))) das palavras líquidas. Por um momento os olhares brilharam de satisfação: eis a nova esperança. Depois ~~eles~~ muitos me encararam em desafio: Chacun, o senhor dará o prêmio a este! Encolhi-me na cadeira que rangeu e quase se desmanchou. As ~~duas~~ meninhas ~~do~~ riam alto. Psiu! O estúpido da frente jogou de mim botando na cara uma dessas expressões que se escolhem para ridicularizar professores e, dali em diante, passei a sentar-me como se estivesse com um furúnculo na coxa esperando a todo momento que me dissessem: o senhor aí, levante-se e me responda.

Então fiscal o orador, bebi uns copos de suas palavras e estava

para me convencer de que sua doutrina era certa ~~quando ter-~~ ~~minava~~. (dependendo apenas, ~~como~~ ~~se dizia~~, de que ~~se~~ ouvisse tudo aquilo mais de uma vez, quando terminou. Naturalmente eu esperava que houvesse alguma reação dos ouvintes, já que havia e que houve quando tomou a palavra. Mas, não. Silêncio absoluto. E estava eu querendo uma explicação para isso quando corem uns zunzuns pela plateia e aplaudiram toda a assistência e os dignissimos componentes da mesa levantaram-se rapidamente e saíram dali, buscando também seu assento entre os outros. Não tive tempo siquer para pensar. Já entrava um senhor magro, alto, de óculos, um livro debaixo do braço que olhou espantado para mim e ~~disse~~ perguntou:

— Que faz o senhor em minha mesa? O Curso ~~não vai~~ ~~hoje~~ vai dar aula hoje? — Os alunos caíram na maior gargalhada deste mundo e senti-me só de frente à multidão, um semblante se acabando. Num segundo compreendi tudo e num esforço supremo de amor próprio consegui ~~não~~ pregar nos lábios um sorriso "desde o começo eu sabia do que se tratava" e saí calmamente como um frequentador de cinema: "desprezei uma parte do filme; e não preocupei sabes se alguem acreditou no meu sorriso.

Á porta disse-me Mr. Pierre Chacun pendurado onde havia qualquer coisa de Curso Particular Pela Inspeção Federal e

~~Mas de vez em quando sinto~~ ~~vou~~ ~~saindo~~ de ~~de~~ mau tempo de Pierre Chacun.

Tirei da carteira o último cigarro, amassado e torto como bengala de ~~falsos~~ cinco.

~~Casamento~~

Triste. Sim, sempre foi uma mulher triste. Todo seu aspecto era de alguem que pensasse pouco a começar de sua condição de inferioridade perante os amigos. E essa inferioridade apenas ela a sentia — e intensamente; os demais apenas pulsavam na orgulhosa, por sua arrogancia, pelo olhar de despreso que entendiam ver estampado na face. Mas ~~vai~~ seria despeito? ou inveja? Já estava com trinta anos de idade e ainda solteira

~~Muitas vezes, quando levada a~~

~~pensar~~ O sofrimento é que nos prepara a vida, me disseram um dia, em lí algum lugar. E aceitei. Aceitei porque, na verdade, a pratica nos leva à maior compreen-

são

Começar por onde realmente começou.

No escuro da noite aquela visão de morte. Mas é preciso que não seja tétrico ou sinistro; seja, antes, terno, todo ele feito de reflexão.

Dizer o que parecem olhado de repente: um morto, simplesmente, que se recolhe ~~numa~~ sobre a maca com certo cuidado para não lhe despertar do último sono. Nesse segundo em que o ônibus ia aproximou do carro parado que recebia o corpo, nada mais aconteceu senão a atenção dispertada para o fato, a necessidade de saber o que se passou. Ninguem ficou indiferente (a curiosidade) todos olharam para fora e perguntaram.

→ O aparecimento das muletas.

— Como foi?

— Ainda disse: "O que fará um aleijado a uma hora dessa na rua, sozinho?", Depois ouvi o barulho

e olhei. O manto de pano branco no chão.

— E o carro?

— Não sei se era jeep ou carro de passeio. Mas foi embora.

Então falar sobre a luz do ambulatório que iluminava vagamente a viatura e lá dentro a barba do aleijado. Completamente silencioso. A cabeça recostada na parede da consciência, os olhos não se podia ver se estavam abertos. Completamente silenciosos.

No chão as coisas deixadas pelo homem.

— Junte aquilo e ponha dentro do carro.

Mas a mulher olha com nojo e finge não ter sido com ela.

— Morreu?

— Ainda não. (Terá sido fatal?)

Porque morrem pessoas?

— Não sei se era jeep ou carro de passeio.

Que especie de homem iria na direção?

A angustia desta pergunta. Na verdade foi então que a angustia cresceu. Onde teria começado? com as muletas e as barbas brancas. Porque morrem velhos aleijados? A barba parada, não tomava parte em sua dor; se ele risse ela estaria da mesma forma. Mas porque essa barba? ~~Recordei todos os atos assim que já passaram por minha vida; porém realmente, e até nem dessa maneira.~~ Os olhos, fechados, talvez, que esses sim, participam de tudo. Porque não o esticaram no fundo? Aquela cabeça recostada, e as muletas jogadas para dentro: "leva isso também, que é um pedaço dele". ~~Dias~~, ~~Foi~~ apanhado aos pedaços e ~~atirado para o canto~~ amontoado ali, a cabeça para se ver que era gente. Quando sei eu num velho de muletas, barbas brancas e — o

que terá pensado e sentido? "É agora, meu Deus? o que ~~quer~~ provação queres me mandar?" ~~Digite~~ Nas horas de dor e aflição nos lembramos de Deus. Ou será que em sua miséria nunca ouviu falar em Deus? Impossível. Todos os miseráveis ~~já ouviram falar~~ o conhecem, participam de sua vida e talvez esperem uma ressurreição. O Deus para eles é ~~teros~~, um que sofreu também e foi pobre e foi desprezado. O que sentiria esse velho em presença do desprezo? Ou não sentiria o desprezo, quem sabe apenas a repulsa dos outros por si. É mais doloroso. Somos desprezados quando ainda temos alguma qualidade digna de inveja, e o asco vem de alguma coisa que se comete ou que se nos foi imputada. O alheio é a miséria. Quem é o responsável por isso? É velho de muleta e mendigo, pela estrada escura da noite, vestido de branco sujo não pensará, por certo, em nada disso senão - que o seu problema é o estômago.

Porque essa ânsia de alimentar uma vida imprestável? Ou toda ela tem finalidade? E se tem, não será ~~[illegible]~~ "cada um por si e Deus por todos?" Nessa grande corrente de homens nos ~~[illegible]~~ ligamos misteriosamente aos outros. Cada um faz falta à vida de cada um.

Em presença da dor o que se raciocinará? Nada, possivelmente. "É agora?" Não creio que se diga: "Meu Deus, até que finalmente me concedeste a hora da partida." E não sei como tenham havido santos que disseram coisas parecidas. Que se passou com Job? "Pereça o dia em que nasci, e a noite em que se falou: Um homem foi concebido." E a noite em que se falou: um homem atropelado. Não um homem, simplesmente, mas um homem aleijado; não

apenas um aleijado, mas um velho aleijado, e mais, um mendigo velho e aleijado das pernas, caneplando muletas ~~como se levasse remédio para a~~ mulher à morte ~~no leito de tabes~~, e barba comprida dos antigos profetas, não para se parecer com eles — que sabe ~~o que~~ deles? — mas para esconder a vergonha de não poder se separar de si — ou de não querer (muitos dias de reflexão sentimental)

Esse teria sido o atropelado.

— Morreu? — Ainda não. (como se fosse inevitável, indispensável, "não perdi hoje meu dia, quando cair um velho morto". Em presença da morte nos inibimos. Porque? Só quem sente é que pode dizer o que sente. Mas as idéias que no sugere a morte?)

— Cortado, descansou. — Ainda não morreu. — Não sei se era jeep. — Ouvi a batida e olhei. — Ninguem pega os casos que ~~ele~~ dizem no chão?

Depois segue o caso. O aviões vai embora, volta o silêncio. Cada passageiro estuda o caso em si.

Porque fugir a esta pergunta: Que espécie de homem iria na direção?

~~O segundo personagem do conto.~~

— Porque hei de parar o carro? A polícia. E a consciência? Esta está dentro de mim, é minha e eu a domino. Não pude frear. A luz muito fraca de meu farol e as três pernas na frente, duas muletas! Descansou, e devo me agradecer. Voltar? Ridículo. A esta tempo já terão avisado a polícia, ao hospital. Se não houver ninguem na estrada, ficará até que a manhã venha denunciar meu crime ao mundo. Mas não pude frear. "Meu crime ao mundo"; estou dramatizando, e o tom de minhas palavras — na realidade não diz nada, mas mesmo no pensa-

mente a voz que me fala em silên-
cio toma entonações diversas. Por
mi servidão, ao menos, deveria
ter parado, apontado o corpo (e os
muletas?) posto no assento do
carro, (ensanguentado tudo) e
levado ao hospital — Encontrei-
isso na estrada. (voz de falsete)
Mas não, eu vou dizer aqui ~~e~~
vou como se nada tivesse acon-
tecido. Como se nada tivesse acon-
tecido? Rir, a consciência em a
dominar.

Não poderei garantir que hou-
vesse sangue, estará morto? Estará
morto? O que significa matar
alguem, um velho, e muito me-
nos ainda, um velho aleijado das
pernas (que sacrifício carregar a
vida por mais tempo ainda), es-
carpas esfarrapados. Estará no
reino de Deus. E qual será mer-
reino? Que fiz eu mais que cum-
prir uma divina determinação.

— Cris em destino? me perguntou
da hoje. Nasci para ser tua e
pa mais que faças não me esca-
parás. Olhou-me ternamente,
"é tão bom saber que voltarás
amanhã, que voltarás todos os
dias". E eu, o que me leva a
obedecer esse tal de destino?
(voz de dramalhão) Onde estava
portanto minha culpa, se foi
algo inevitável, como minha
morte também seria? Não, não
quero morrer atropelado. (Porque
essa maneira feia ~~que~~ como repe-
entem as perguntas feitas e respon-
didas pela consciência. Ela está
dentro de mim e a dominar sem-
pre? Como então, pra assim dizer,
sair de dentro de ti, ouvir a voz
a ponto de identificar o tom
em que fala? E agora, não
te parece ser um grande juiz
que te argüe?) Não se morre
moço. Não se morre moço? Não

~~pono~~ moner moço! Não pono mor-
rer moço? Não quero.

Para que voltar, para que
apanhar o corpo, para que vir-
tir em formar na cabeça uma
idéia mais nitida do desastre?
Não quero saber como ele era, x
preto ou branco, magro, esquelético
Que espanto de paz viria em
seu semblante... "Termina mais
um dia e vou para casa ver meus
filhos. Eles me esperam, como sem-
pre, e correm a meu encontro, me
abraçam (sinto raiva de ser aleija-
do e não poder corresponder a
todos o carinhos), levam meu
unico pé, cansado, e me despem
das muletas com o mesmo olhar
de toda a noite. Que espécie de
olhar?" Não. Presente-se a morte.
Não de uma maneira precisa: "a mor-
te está para chegar, vem pelas
minhas costas", mas um estado
angustioso de quem perde o filho
único, sem ter a consciência ain-
da do que significa, ~~com toda a~~
~~estranheza~~, era perda. Se é assim,
o velho aleijado, ora, não
cumpriu o destino? foi premeditado? já não havia ele vivido
o suficiente?

— Em questão de viver, onde
está o suficiente? Já determinou-
te efetivamente quantos anos quer
viver? (Nem uma a menos, nem uma
a menos)

Então, parar já de nada ser-
ve. Voltar? Quem sabe ainda sal-
vo sua vida. Mas então qual se-
rá sido a finalidade do desastre.
Pois alguma consequência terá,
não será por certo a convalescen-
cia num hospital de pronto socor-
ro ou uma luta de consciência que
justificará o acidente. Por anto
lado, não terá servido para
prolongar-lhe a vida? "Acredita
em destino?" Prolongar a vida por

uma convalescença bem cuidada. Conforto? Para quem leva uma vida de mendigo (Que te dig se ele — ou ter sido? — um mendigo? Pela roupa, pelo alvejão — ou por uma queda que tens para sebrir cada vez mais ten proximo pera te salientares?)

— Ah! é facil! É facil saber se morem ou não é a consciência cá — ela é minha — estará tranquila, (seja qual for o resultado?) estará ... não sei que vós de demonio. Consciência tem algo de Deus ou é só demonio? Quando é que a sentimos? Em presença do bem ou do mal? Se há algo mais além da consciência tirei a resposta mas se ela é única, não se apresenta hipocritamente ante o mal feito? não nos deixa cair, cair?. A consciência é uma voz que acusa, não evita, nem mesmo remedeia, ela apenas acusa. É'

demoniaca. Pinto saudades do tempo da fraqueza de minha infância "menino, não atravesses essa ponte, que ela vai cair". Não sigas por aí que serás assassino com ten carro. Mas usa os freios! (Os farás, porque não consentes hoje! — "Vem mais cedo hoje, sim? Não quero ter-te por mais tempo junto a mim". Não é minha a culpa. Desviar o carro já em cima, seria suicídio "Não quero morrer moço!"

— Excesso de velocidade. O senhor é considerado culpado.

Porque voltar? Outros já terão achado o corpo.

(A cabeça recostada, o silêncio a barba crescida — terá sido sempre morte, nasce no rosto ou vai crescendo, não participa da vida? Da mesma maneira como nossa sombra: é um companheiro, um escravo vergonhas que Deus nos deu. Ou

uma vaidade? Não na velhice desamparada, naturalmente)
Terá insistido em voltar? Insistiu consigo próprio para voltar, nas cada uma e cada pé e a cabeça (cinco ao todo), todas essas coisas, cada uma por si, coordenar todos os movimentos, reunir tudo numa só vontade, "voltar e recolher o corpo", e o pensamento que não conhece tempo para-se num segundo ou num ano e a idéia fixa não se afasta assim, nem resolve depressa, (a não ser por instinto, e num caso há também mais que um instinto em conflito, de fuga, de misericórdia, o medo, afinal o instinto de conservação, mais forte, e a liberdade). O pensamento não conhece o tempo.

— Posso saber se morreu ou não. Nada me resta fazer hoje. Amanhã o jornal publicará a notícia. ENCONTRADO... (morto?) Que me resta fazer?

Porque a mim me escolheram para cometer um crime? Há tanta gente sem coração!

— Desalmado, nem parou o carro.

— Não sei se era jeep.

Pois bem, morreu, e agora? a mim que não o matei, o ~~que cabe~~? Por querer (não terei cumprido uma designio superior? Não, o que aconteceu não pode ter sido com relação a mim, foi "para ele" que aconteceu. Amanhã de nada me lembrarei. Lembrarei até quando a mancha (na minha frente) a mim que fui vítima de uma cilada — fui cúmplice não sei de quem para o cumprimento do destino do aleijado — a mim o que estará?

FUGA ~~Myrka~~ ~~O Entero~~

~~Um~~ jardim quasi sem flor, ~~só~~ visto dos planos ~~e degraus~~ ~~de relva~~ de grama, ~~e~~ limitado de cogumelos de cedro ~~de grama~~, e uma ~~fila~~ camélia rajada que apresenta uma ou outra camélia branca. → Pela janela do quarto via os cedros ~~imitando~~ ~~colados como~~ cogumelos, ~~ficus guardados, sentados~~, e os planos do jardim ~~que~~ descaído em escada de grama até à rua. Jardim quasi sem flor, e de relva concentrada nos camélias brancos ~~e pintando com~~ e rajadas de vermelho. Ao se acordar pela manhã, ~~lembrava-se logo de~~ corria à janela e olhava a geada ~~que~~ cobrindo as folhas da grama e dando-lhes ~~uma~~ um encanto novo e pensava ~~de pintura em face de mulher~~; ~~e o sol tinha todos os dias o trabalho de derreter essa~~ ~~tela~~ ~~costumada~~ ~~as folhas pintando-as de manso~~.

Muitas vezes ~~ia~~ encontrava seus pensamentos perdidos no verde duro do cipreste esguio, que se deixava ficar o dia inteiro imovel; ~~como a gadanha do fogareiro~~ ~~fincado do~~ fronteiro

~~do relógio do sol~~. Então amava os ámores e recordava todos os que tinham ficado dentro de si, desde ~~à que~~ os goiabeiros a onde ~~tinha ido~~ todo sonhar junto na infância, até aos plátanos vibrantes de luz que no inverno amarelecem, ~~ficam encarnados~~, e perdem as folhas; e aos salgueiros da beira do riacho, sempre tristes, e mais tristes ainda quando ~~está~~ ~~inverno~~ ~~triste~~ ficam nús e semimortos, de ramaria complexa de desenho a bico de pena, caindo para o chão. Sonhava com os crepúsculos ~~em~~ ~~tarde~~ ~~flor~~ que jamais pudera ver e substituia pelos silvestres espinheiros ~~floridos~~ ~~e~~ projetando ~~os~~ copas floridas nos ápices bamentos de um rio sem nome. ~~Ele encontrado~~ ~~numa viagem qualquer~~.

Ao amanhecer, se preocupava com o céu e a paisagem dos longes até ~~que~~ se confundirem. Via nos tons roseos e lilases dos montes sinais de adeus que a natureza lhe fazia; sentia-se então diminuir e reduzir-se ao coração que doia dentro do peito. Se o céu

estivesse puro divaí não se atreveria a
olha-lo, pois sabia ~~perfeitamente~~
que em tardes assim buincaria de
roda e cantaria até à noite,
sem se importar com o frio e o
chamado de casa para ~~ceia~~ jan-
tar e dormir. ~~Dela~~ O inverno e tudo se
consumia ~~a~~ numa névoa agulada;
~~o céu~~ ~~seu~~ coração comprimia-se a
ponto de tornar-lhe a respiração cansa-
da e viciante. Parava de respirar por
instantes para que ~~nunca~~ alguma lhe
impedisse de sentir toda a grandeza
do momento. Quando a primeira
luz elétrica se acendia, ~~ela~~ fechava
os olhos e a janela e ia, tateando,
~~para~~ continuar ~~o~~ sonho na
escuridão do quarto.

No pedaço de rua que o jar-
dim divisava ver, janavam ~~os homens~~
~~e as mulheres que fora~~, a multidão
de seres ~~que todos~~ dentro de si que
sempre carregara consigo; ~~crianças~~,
~~pobres e velhos~~. ~~Ela~~ Era criança

já havia sido ~~uma~~ mocidade e velhice,
sempre um tanto fora de si, como
se estivesse na embriaguez — pensava;
mas ao chegar o dia em que se
submeteu à prova de se embriagar
apenas chorou de desilusão, porque
aí mesmo é que se perdia a si e
ficou num canto, em abandono, —
~~como~~ criatura ~~da maneira~~ dividida em dois pedaços ~~que~~ enquanto
~~de~~ o melhor era coisa. ~~De todo o~~
~~tudo~~ Da velhice conhecia a ternura
pelas crianças, ~~o sentimento de impreste-~~
~~tabilidade~~ sentindo-as como filhos desgar-
rados; o sentimento de imprestabilidade
de si dizer ficar numa cadeira de
balanço com um ~~livro~~ rosário na mão; e
a saudade do mundo. Reagia. ~~Ainda~~
Encontrava-se ~~separada~~ nos braços da mãe supon-
lhe os seios, ou brincando com chaca-
lhos de celuloide azul e côr-de-rosa.
Aos cinco anos sentia ~~como agora~~, desejos
desesperados de chorar como criança,
inconsequentemente; acariciar cães

abandonado que olham ~~para~~ e se despregam com espinhos de
gente e não esperam nada de ninguem a não ser maus tratos e
um ano podia ~~ser~~ fora. C' verdade
que amava as flores, em todas as
idades, e enfeitava altares em
pensamento com lírios do brejo que
perfumavam toda a igreja de sua
imaginação; mas também odiava
pessoas sem motivo algum — dei-
xava-a ficar em derrota sem com-
preender nada sobre a vida, até
chegar uma voz, um som qualquer
que lhe arrancava de si para
prega-lhe ~~a ideia~~ a ideia mais
adiante, talvez aonde ~~fosse~~ se
transformasse num espinho de so-
breira que se cravaria na mão de
cuidado de alguem. Então ~~ela~~
sofria por ter nido cruel e se
deixava pelo chão para ~~não~~ se
costegar sob os pés de todos.

Tambem ~~sentia-se~~ em abraços
estava

comunhões e participar do prazer dos
beijos, sem se entregar totalmente
a ~~ilhas~~, pois queria ~~ficar tudo~~ o
~~momento~~ dar ao momento a
~~retirada~~ importancia do
aparecimento de anjos ~~nas nuvens~~
do céu: conservou a imagem viti-
da de lençóis brancos e ~~tochas~~ velas
acesas ~~com~~ chamas paradas e auréolas
de ouro. Compreendeu, depois, que
se devia procurar intimamente e
traçar seu próprio caminho. Nova-
mente participou das idades e dos
cursos, refletiu-se em muitas pes-
soas, sofreu e sorriu pelos pontos
de contacto descobertos. Quando pediu uma
resposta a si, continuou sem nada
perceber. ~~Estão~~ Entregou-se ao
desespero e sentiu uma grande noite
aproximar-se. Ouviu que lhe
chamavam Myrha, e lembrou-
se do ~~dia~~ pai: ele nunca soubera
se Myrha tinha sido um principe
ou uma princesa egípcia.

tua de bronze às notas graves, e cálice de cristal aos mais agudos. Os violinos penetravam-lhe dolorosamente os ouvidos, arranhando-lhe lágrimas — nesse momento, sua figura [illegible] não estava mal entendida do estava era o sinal mais claro de que mergulhara no seu primeiro e grandioso sonho. Minha estudara violino nos dias de sol da infância e, lição após lição, via fugir a ambição de virtuose que lhe acometia seguidamente. Descalcia os sapatos que era o mesmo ouvir ou executar, com uma [illegible] vantagem até [illegible] — ouvindo-a, lia sentia totalmente o [illegible] música, sem se preocupar com o instrumento. Mas [illegible], contra sua vontade, parou a aliar a audição à execução e tomara a forma de bonecas [illegible] mulheres dos concertos. Insuportável, fechou seu [illegible] ao estojo e guardou-o como fazia recolhendo [illegible] sacrários — num [illegible]

Pela [illegible] caminho, [illegible] [illegible] [illegible]

que se transformara em violino e cin
~~cou~~ o arco ~~violino~~ suspenso
como pulhatura sobre a tela si
~~de sua existência~~ violino

Traçou o arco pelo pincel e dissol-
via-se em tintas sobre a superfície lisa
da tela. Usava frenticamente o
vermelho, o roxo e o amarelo ~~conseguindo~~
efeitos de céus incendiados e desertos
em brasa nas suas paisagens: esprimia
nervosamente tubos inteiros de tinta
— sentia-se Van Gogh — e ~~pinta~~ perci-
bia sóis desesperados nas convulsões
de ~~seus tetos~~ seus quadros. Pintava
figuras esquias com esperança de
~~trabalhos~~ tabaqueira, copiava em segredo ~~as~~ repro-
duções de El Greco e ~~contemplava-se~~ distava-se tinha
pra si profundas de ~~dentes~~ depressão; re-
conhecia-se nos alienados ~~enredados~~
que lhe batiam à porta, sofrendo a
consciência de sua incapacidade.
Entregava-se à aguarela sem vencer o
óleo, ~~trocou de cores~~, passou a pro-
~~verde malva, lilaz~~ tintas que lhe
~~deram o efeito~~ do preto ~~branco~~, e verde,

~~e ainda o roxo — não pondo alma~~, ~~para~~
~~pacato~~ ~~consequia~~ foi verde malva, lilaz e cinzento.
Realizou uma única fôrça do sol intensa-
mente frio, mas ~~violento~~ com o pêso pin-
celadas ~~nervosas~~ de retoque. Cerrou-se
si em lágrimas sobre o papel e vagou
pela casa com os olhos esbugalhados, lá-
bios inchados, e o desespêro de ter perdido
todos os filhos e estar prestes a se entre-
gar aos olhos misteriosos que lhe assal-
tavam de todos os cantos.

— Mythra!

A arte — pensara — é uma fonte
donde qualquer um e todos podem retirar
um pouco
água para encher seus cântaros.

Olhava para dentro de si e procura-
va noite e dia ~~em~~ o eu inimigo com
ânsias de estrangulá-lo. Nessas ocasiões
não percebia nada ou ninguem ~~em~~ redor,
e quando emergia desse estado
~~abraçava-se~~ era para abraçar-se estrei-
tamente em seus próprios braços, ~~pois~~
proteção que encontrava contra toda a
inimiga da humanidade.

E continuou na constante fuga de si e para si

— x —

Olhava a mesma de rua que o jardim lhe dissera à noite. E viu crianças de branco levando ramos de mimosas, caminhando de vagar e olhando medrosas para trás ~~e sepultoras~~ ~~sem fazer~~ ~~não para~~ ~~insepultas~~ ~~Reparou que~~ O cortejo crescia e crianças que já eram moças ~~vestidas~~ de azul, faces descoradas ~~e cabelos escondidos~~ desaparecendo entre os cabelos lisos. Depois surgiram homens de preto e chapéu na mão, olhando ao acaso para os lados e, por fim, — lançou-se na mais incontida agonia — apareceu um caixão roxo de galões de prata que seis homens carregavam. [Trans]trompeu-se no morto e amortalhou-se, sentiu ser o caixão e sobre o peso do cadaver dentro de si e sentiu os braços nos elos lhe carregando; parou a ser cada homem que transportava o morto, foi as mulheres piedosas de calcanhares soltos e colheu um ramo

de ~~mimosas~~ açafates quando ~~Ela~~ criança do cortejo, ~~e, como elas, também sentiu medo~~ ~~Olhou~~ ~~ela~~ Desviou os olhos ~~que caíam para sobre~~ o cipreste simbol do jardim que se transformara num cemitério de cruzes brancas; lançou-se ao chão e de joelhos pôs-se a pedir que lhe trouxessem a camélia mais ~~branca~~ pura do jardim. Recebeu-a nas mãos tremendo, com um sorriso triste, beijou-a e chorou perdidamente sobre ela, recobrindo na flor a face ~~toda~~ do branca morto.

Acompanhou o enterro com os olhos até ~~que~~ desaparecer entre os arvores do jardim; ~~e com o fechamento lúgubre do portão do cemiterio e mais e mais se lhe opunha o coração imaginando o pó da terra sendo cavado jogados sobre o caixão~~. O morto foi sucessivamente todos seus parentes ~~mortos~~ desaparecidos, por fim enterrou-se ao mais sincero e doloroso pranto — inconsolavel. Recordou o dia trágico em que sua mãe deixara o mundo: "Myrtha

x Fumentan seu pranto, por não poder conceber que sua compreensão estava fora da idade, a quem a mentira lhe feria o amor próprio e uma ~~inteligência~~ alma de criança repria. Por que pensariam que chorara?

não tem idade para compreender estas coisas"; mas ela chorara e compreendera, ~~pedindo intuitivamente a vinda mais rubra~~ ~~pedindo~~ ~~a vinda mais rubra~~ ~~cometida pa uma atoga estúpida~~.

Quando a viu de mãos amarradas sobre o peito, uma eterno sonho enteiá os olhos e o véu preto sobre o rosto, pareceu-lhe que perdera para sempre seus carinhos. "Não chores, ela vai ~~pôr~~ pôr uma criança

1ª (Depois, o morto foi seu pai, esquelético, morrendo aos poucos, perdendo fala, e só ~~tinha~~ os olhos para ~~falar com~~ ele, ~~por isso chorara tanto para~~ dizer sua tristeza, por isso chorara tanto até à morte!* ~~Neptha despedaçara o seu~~ coração ~~sozinha bondosamente~~. Amara os pais o mais que alguém pode amá-los e os perdeu tão cedo! como para não verem sua desdita, ~~Mas afinamara para si — isso apressou~~ ou para apressá-la.(+) Identificou-se então com o próprio morto do caixão, ~~como~~ tal-lhou-se, [perdoou ~~tudo~~ a todos ~~seus~~ defeitos] sofrera bastante ~~para ser~~ e pecara

* Estas mães duas mortes, gotem-se como vela acesa que se enfeita com a propria cera que lhe destroi a forma, tendo

sariam que chorara?

com completa da tragédia? O abandono numa deserto inverso onde seus passos, em qualquer direção, conduziriam sempre ~~ao desespero, ao~~ (nascera com a consciência dos cães).

ainda
ainda, para ser capaz de ~~perdoar~~ assim o perdão] —, sentiu o calor do verão, o cheiro das flores e das vilas se dissetendo; alegrou-se com a ~~pureza~~ suavidade do pranto e da tristeza de seus irmãos [ ] e deixou-se levar pelas suas olhando, ao mesmo tempo, os homens que tiravam os chapéus pra tomar a Deus e com ~~um~~ secreto prazer ~~por terem sido poupados~~ de ~~que~~ vierem a desgraça alheia antecedera a sua. Os ~~homens~~ que lhe seguravam as alças do esquife observou os pensamentos de sepultura de um, ~~de~~ cansaço de tanto; e, como ~~um~~ terceiro, ~~acompanhou-o~~ sofreu um profundo desejo de morte e de abandono. Mas o quanto amara a vida em todos os momentos, até mesmo nesse, pois sentia-se imensamente longe "desse" drama. Neptha invejou-o e viu o quinto homem que seguraria a alça ~~do lado~~ dissimulado com ar de indiferença. ~~Mas~~ ~~grande~~ o tormento interior ~~ninguém~~ com um olhar de indiferença. ~~Disfarçou-o com sua dissimulação~~ por coisa a trêmula chama de seus sonhos abandonados.

trêmula

~~Só~~ O último desejava-se levar insensível, o pensamento perdido em sua própria existência e com um vago desejo de voltar em seu coração: recomeçar a viver, agora que compreendia poder ter sido ele quem morera.

Minha olhava o enterro desaparecer. ~~Foi~~ Os crianças do acompanhamento e, como elas, sobraçar ramos de mimosas pálidas e apalios quase murchos pelo calor dos velas. Veve medo da morte, sendo criança, e ~~voltou a [illegible] si [illegible] para lamentar pelos dias [illegible]~~ lembrou-se que ao voltar do cemitério teria ~~saudade~~ da escuridão e veria ruas e amplos de móveis se em seu próprio quarto. Com o pensamento, levara o enterro e mais ~~+ mais~~ se lhe oprimia o coração quando começou a ouvir a pancada seca das pás de terra atiradas sobre ~~a~~ o caixão. Pensou que, mais cedo ou mais tarde, a tampa cederia ao peso da terra, que os tábuas começavam a vergar, chegou a ouvir estalos da madeira. Por entre lado, o ar foi se tornando pesado e quente, ~~sentiu~~ e entrava pelas narinas, impuro como voltava dos pulmões, começou a sufocar. Reuniu toda a força que lhe restava e conseguiu desviar os olhos da mesa para anemená-los sobre o cipreste ~~imenso~~ do jardim que ~~continuava imóvel e~~ projetava um pantanio de sombra, ~~pelo sol~~ obrás marcando horas vagas no chão. Sentiu os pernas tremerem e se apoiar sem forças na janela. Viu um maravilhoso céu com nuvens de fogo, ~~nada~~ e enquanto ~~se~~ desfalecia sorriu ~~docemente~~ tristemente com seu último desejo de viver, refazer sua vida, curar-se de tudo, ser simples, vulgar - ~~mas~~ viver em paz.

+ Num instante, estive a ponto de dominar a ~~tentação~~ raiva, mas ao compreender que uma pessoa qualquer, um desconhecido ~~estava~~ era o cadaver, uma dolorosa pergunta formou-se irônica em sua mente: O que

(1)

fizeste p/ sua sabedoria; até aonde conseguiste
para sua denota?" Tomara a mi todos na
outra e a ignorancia humanas.

"Adivinhas"

Recife do Natal o ~~premiado~~ livro de estreia de Veríssimo de Melo. Trata-se de um volume em que reuniu 168 adivinhações colhidas na capital do Rio Grande do Norte, de grande interesse folclórico, e que nos dá uma idéia da ~~imperfeita~~ popular modalidade. Algumas daquelas adivinhas ~~são~~ coincidem com as nossas do Sul, mas as mais belas são sempre as desconhecidas de nós, que nascem ~~e vivem~~ por lá e por lá vivem preocupando as crianças, e a gente grande ~~também~~.

Conheci Veríssimo no ano passado. ~~Que me apresentara~~ ~~seu mestre Câmara Cascudo, do Natal~~. Uma vez ~~fui~~ visitei-o em sua casa, mostrou-me a papelada, falou numa porção de livros que queria ~~apresentar~~ nos "mais tenha coragem"; quis saber do folclore catarinense, anotou variantes, e ~~confiou~~

pá era tarde ~~da noite~~ quando nos despedimos. ~~Ele~~ Trabalha de noite. De dia é diretor do jornal "O Democrata", é secretário do Prefeito e ainda, de vez em quando, desaparece ~~estudando~~ para ir a Recife fazer exame na Faculdade de Direito.

Eu sei trabalho, publicado pela Biblioteca da Sociedade Brasileira de Folk-lore, do Natal, parece-me uma preocupação inseparável: a honestidade. Demonstra espírito pesquisador e consciência científica. Trabalha não para si, mas para o futuro, com a intenção de ~~colaborar~~ contribuir para a ~~minha~~ obra maior e definitiva, sugerida por José Ribeiro: uma coletânea de adivinhas brasileiras, como foi notar o autor na introdução. Extremamente anotado, o livro é de muito interesse para os estudiosos do assunto. E a nós, ~~que~~ ~~nunca~~ ~~como adivinhações~~ que em criança ~~gostávamos~~ ~~os irmãos~~ mais velhos ~~a propunham~~ ~~nos~~ ~~os irmãos~~ mais velhos adivinhos. ~~que nos entretinham~~, admira como ~~os adivinhações~~ ~~adivinhações~~ correm mundo. A de nº 44, por exemplo, que na minha terra ouvi "redondinho, redondote, não tem fundo, nem batoque;

o Veríssimo apresenta variantes do Natal, de Belem e Parahyba, Galiza, Asturia, Italia, França e Mallorca.

É com "Adivinhas" que ~~Veríssimo de Melo~~ Em "Adivinhas" encontramos o neologismo ~~de~~ de Câmara Cascudo ~~cria~~: estoria, para ~~da imposição~~ da lição o que se refere à ficção, ~~em oposição~~ ~~donde se vê~~ como se encontra no inglês, story e history.

Com capa de Lula Cardoso Ayres ~~desenho~~ um bom desenho, notavel pela simplificação e harmonia dos traços, ~~pela tristeza da criança, em vidraça~~ ~~cena a evocação do preto velho contador~~ ~~de histórias~~ — o livro de Veríssimo de Melo nos deixa ~~esperando~~ a espera dos que virão, ~~entanto~~ a bulha poética do sertão no destino, os cançoes de berço, os brinquedos de roda e tudo o mais que o Sul tem que aprender do Norte.

Euclides da Cunha - Os Sertões - (Homem - II - Um paradoxo sertanejo)

Chegar e dizer:

"Vivemos separados desde a infância, temos sangue igual e vidas diferentes, portanto é preciso haver, acima de tudo, tolerância. Façamos por compreender que a liberdade, conforme ela seja, ~~seja diretriz~~ ~~ditada de Deus, de [illegible] sociedade e modo~~ realiza em cada um sua idéia de religião e sua concepção de sociedade, concedendo-lhes maior ou menor parte de seu ser. A liberdade desenvolve o egoismo e o sofrimento fortalece paradoxalmente o orgulho. É' mais facil ferir um sofredor, ~~porque este tem já os sentidos que lhe atenuam o sofrimento mesmo~~ porque já vai ~~já~~ carrega consigo boa dose de auto-preparação para a dor e precisa libertar-se dela. Tolher a liberdade é fazer manifestar-se o egoismo."

Perder-se nestas considerações.

É' compreensivel que cada um de nós tenha feito e sonhado com seus planos e nas ~~cada~~ cada um sentimento à plantação do outro. Respeitemos o pensamento mutuo

mente e aceitamos, de início, que temos conhecido nosso caminho; e temos presente que, embora partindo de pontos diferentes, podemos chegar ao mesmo objetivo. Ainda que estejamos convictos ser o nosso o mais certo deixemos que o outro compreenda pelo exemplo. Da comparação inteligente nascerá a compreensão e talvez um dia tenhamos chegado insensivelmente ao equilíbrio, cada qual cedendo do seu e recebendo do alheio."

~~Prossegui cheio de fé.~~

~~Era um lugarzinho como existem em muitas esquinas de quase todas as cidades, com ar triste de viuvinha de luto e que depois das tardes da noite os cadeiras~~

A pia

Era um lugarzinho ~~pre~~, como todos os outros, que recebe nas mesas de mármore manchado de ~~cognac~~ café e chope as cadeiras de pernas para o ar, na hora de fechar e varrer. Mas tinha um ~~gosto~~ triste de viuvinha ~~com ar de atmosfera de pinacotheca se entendesse~~ ~~de luto novo~~, ~~vestido cheirando a gente~~, E era estreito, duas filas de mesas grudadas nas paredes enfumaçadas, ~~com pinturas~~ onde viviam pinturas ~~apagadas~~ pela fumaça, ~~de cores indecifráveis de cabeças~~, em cores mortas. Não tinha nome, talvez em algum tempo tivesse um letreiro vivo, ~~no tempo em que pintavam as fachadas~~, agora, no entanto, nada de especial que distinguisse aquela porta ~~de entrada~~ de outra qualquer ~~na~~ na mesma rua. E os homens entravam por ela como por instinto; ~~nos~~ entravam, ~~se~~ sentavam e bebiam sem alegria, por conjura, solitários. Era, ~~pois~~ Confim, era uma igreja ~~de~~ aquele bar, onde se vai ~~cumprir sua~~ procurar um momento de paz, enquanto ~~um~~ órgão encontra notas pungentes e nos transforma em raios de luz ligan-

[illegible] com [illegible] ramos de véu — ou
[illegible] entrando em mais profundos
[illegible] [illegible] [illegible] [

garçon, ~~um~~ menino de olhos agudos e coração branco, imagem de uma infância perdida. Ficava por trás do balcão enrolando o cabelo nos dedos, as mãos brancas e os unhas sujas, mas o rosto e os olhos sempre limpos naquele sorriso grato: "não sei quem tu és, não sabes quem ~~eu~~ sou, ~~mas~~ é justamente por não nos conhecermos ~~jamais~~ que podemos sorrir assim um para o outro." ~~Acaria de pato e pedido e tragia sem repetir palavra~~ X Um velho podia esquecia-se sentado junto à maquina registradora e plantava os olhos nos tectos continuando os números nos mais fabulosos ~~recantos~~ que imaginava, "viajar pelo mundo inteiro!", pensava ~~em~~ num palácio em ouro; ~~uma balaustrada~~ aplicação um manto de veludo ~~verde escuro~~ com flores de liz ~~cinzas~~ claro." levantava os olhos como arrogância e ~~orgulho~~ para o manto ~~para~~ para os outros, deixando os braços livres. Apertava sensual os botões numerados e trocava as notas ~~calpturosamente~~, sentindo ~~nas mãos cabeças~~ perfumes e calores que as cédulas nunca tinham porque sempre andaram às pressas, de mãos em mãos, ~~sem tempo para vaidades~~.

Havia pouca luz no bar. De dia, as meia-paredes ~~estanho~~ de espaço em espaço contribuiam para a obscuridade. ~~Uma~~ clara. Boia emendavam-se vidros de cor ~~fa~~ onde se dependuravam sombras lilazes e verdes que iam ~~sumir~~ confundir ainda mais as cores das ~~pinturas~~ pinturas. De noite, triângulos monticos de luz subiam sem ~~intuito~~ pelas paredes e deixavam-se morrer ~~sem intuito~~ ante do meio do caminho andado. Por isso, nunca se podia saber ao certo o que quiseram dizer os que ~~pintaram os~~ decoraram as paredes do bar. Mas um dia, ~~e~~ foi ~~do~~ pouco depois de ter-lo conhecido, foi justamente por esse dia que resolvi "voltar amanhã", "~~ta~~" e desde então não ~~podia~~ podia faltar, como se ~~fosse~~ houvesse um compromisso sagrado cuja quebra importasse numa grande desgraça para mim. ~~Neste~~ Neste dia ~~a porta~~ entrei sem precisar pro-

cusar a porta, meus próprios passos
~~ensurdeceram~~ o caminho ~~sepulcral~~, ~~incomodaram~~
~~a audição da mente~~ ~~fizeram~~ tumulto.
~~que se processou~~ Talvez mesmo
tivesse que ser assim, pois das duas
vezes que eu saira de casa para ~~entrar~~
~~naquela porta~~ tivera que passar
três vezes por ela para enfim encon-
trá-la. Surpreendi-me lá dentro, ~~com~~
parado, uma flor rosea pousada de
leve em minha mão: ~~não~~ a luz
da clara-loia; e dali ~~refletia-se~~
~~irradiava~~ num canto da parede onde
um céu cinzento escuro abrigava
~~misteriosas~~ e minúsculas intensamente bran-
cas; da terra parda subiam manchas de
tinta ~~anoitecidas~~ pelo reflexo; e um separador
~~tinha as~~ de mãos vermelhas ~~vestia~~ sua expres-
são ~~continha~~ o desamparo dos que nas-
ceram para viver a sós e que, não obstante,
sempre lutam por alguem; sua roupa
era quasi como a terra parda, e
da penumbra saltavam seus olhos,
os espigos e as manchas das nuvens
brancas. Procurei uma mesa e
sentei-me sem deixar de olhar o canto;
ninguem aproximou-se de mim, não
me apercebi de que os sombras cresciam
e as luzes elétricas foram acesas. Na
verdade, outra pessoa não estaria vendo
~~a pintura da~~ o trigal, porque não
seria possivel com tão pouca luz,
apesar que minha mão não contribuia
com o reflexo, mas eu sentia em
mim perfeitamente os espigos de pincela-
das bruscas e falcina, ~~e olhar~~ aquele
~~vasto~~ insondavel céu sem sol, e o
olhar arguciado do segador.

Quando me retirei, fi-lo com uma
sensação de perigo afastado, algo como uma
dor que não tememos recordar porque sabe-
mos estar livres dela para sempre. E perce-
bi que esse lazarinho não era como to-
dos os outros, ~~e~~ quem sabe nem ~~tivessem~~ visitavam
~~iam~~ os cadeiras em cima das mesas para
varrer, já que tudo ali era como a ima-
gem de um ~~momento de prazer imemorial~~ instante
imemorial que estivesse sempre a nos-
sa espera, ~~dele~~ paciente e amigo.

Não pude compreender, então, como não havia descoberto isso antes. Mas, ao mesmo tempo, ficava feliz por descobrir também a causa que me fez saltar logo no dia seguinte ao do primeiro encontro, em que

entrara casualmente, para procurar cigarros. Não terá sido simplesmente por tê-los encontrado, mas é que foram tantos os motivos... As pessoas, por exemplo, que não levantaram os olhos quando entrei. Havia pouca gente, aquela hora da tarde, mas do meio do corredor estive para voltar, com a certeza de haver entrado na porta errada; depois acerca-se de mim o pensamento de que eu perturbava o recolhimento de quem se escondia do mundo exterior para poder melhor resolver o seu próprio mundo de dúvidas e mistérios; por fim arrependi-me de todos estes sentimentos e avancei resoluto falando alto demais para pedir o cigarro. Senti os olhos de todos morderem-me o pescoço — agora compreendo que ninguem terá reparado na minha vinda, a não ser o menino servindo com o olho aguçado de minha infância, que me notou o embaraço e disse "até amanhã" quando voltei-lhe as costas. Percebi caras estranhas pelas paredes, sem ter nenhuma perfeita do que pudesse ser, mas retirei-me apenado, como se tivesse saído ~~que o moço ia fechar~~ sai de uma miseria que vai fechar e de cujas salas poderão aparecer figuras tenebrosas. ~~de histórias~~ Não sei, portanto, o que precisamente me fez retornar, mas voltei no dia seguinte e sentei-me à ~~mesma mesa~~, a terceira mesa à direita, e fiquei surpreso ao verificar mais tarde que daquela em todas as vezes me sentava e de onde melhor se poderia ver o canto onde morava o regador apenas se podia adivinhar na semi-escuridão da sala. Procurava entrar em horas várias, mas a atmosfera conservava-se a mesma, dia e noite. ~~Então~~ Quis reencontrar a flor da claraboia e entrei certa vez lenta-

mente, com as mãos numa atitude de abandono estudado diante do corpo, esperando vê-las tornarem a roçar a cada momento. Estulante, não ~~mais encontrei.~~ Da parede ~~esta~~ reflexo ~~roçou~~ ~~Esta~~ lembrança a pintura ~~cada dia ~~ganhava~~ ~~ligeiramente~~ ~~aumentava~~~~ ~~da~~ que minha imaginação ~~ia~~ ~~foi~~ involuntariamente ~~aumentando~~ e transformando. Por mais que me esforçasse não conseguia ~~reconstituir~~ ~~alcançar~~ a expressão do rosto e pouco a pouco ~~fui~~ ~~afastando~~ ~~todo~~ do primeiro plano ~~do quadro~~, passou ao segundo, desapareceu, por fim, para dar lugar a ~~um~~ ~~frisos~~ dourados de tinta ~~amontoados~~, ~~saindo~~ arrancados da tela rosea e apresentando espigas avermelhadas, cheias de luz. O próprio céu era quase verde, sugerindo um espantoso sol que ~~iluminava~~ sobre a paisagem inteira — e o quadro passou a ser um rosto que se via por entre lágrimas: trêmulo e vidrado e refletido

Por tudo isso não mais levantei os olhos de meu copo. Não mudavam o sorriso do garçon menino, ~~este~~ o ~~meu~~ gesto voluptuoso do caixa, ~~meu~~, assim como se tem encontrar e desiludir-se de uma pessoa que não vemos há muito tempo e de quem perdoamos todos os defeitos para adornar a saudade dela com ~~suas~~ qualidades apenas, assim temia ~~encontrar~~ o quadro da parede e não mais reconhecê-lo.

Seria, foi, esta a joia que em prendia em meu estojo? — E tentei pela primeira vez fazer um confronto meu com os demais frequentadores: de minha mesa só via uma, a da parede oposta, e, ~~nela~~ na cadeira de assento de couro trançado e encosto de madeira recurvada estava um homem vestido como eu, as mãos entrelaçadas nos cabelos negros, o nariz fino e branco, lábios descarnados, olhos minúsculos na penumbra do bar — indecifráveis. Voltei a mim — "seria essa a joia?"; e retornando a ele: "que lhe jazia na mente?" Mas não pude

~~Estar~~ conservar por mais tempo essas perguntas e retirei-me com a tristeza na saudade que experimentamos ao nos afastarmos de ~~um ser~~ um ser amado que está para partir em breve, sem querermos demonstrar essa certeza — e sem conhecermos precisamente sua razão de ser. Algo como uma inacreditável intuição que desprezamos e tememos ao mesmo tempo — inevitável.

Dei, pois, e andei pelas ruas como animal descontiado de perigo, ou apóstata temeroso de roubo em sua fortuna escondida sob os tábuas do assoalho. E como essa classe de homens, eu também tinha ~~a certa~~ confiança absoluta em minha inteligência de haver descoberto e ~~feito~~ perfeito esconderijo. Mas havia, inseparável, o temor ao desconhecido, ao sugerido por um sentido especial, cheio de angústia pronta a despertar de um profundo sonho com seguido afôrço de entorpecente.

Depois de um dia em que me tornei vário para atender ~~todos os indispensáveis~~ ~~aborrecimentos de vida~~, ~~tal como a relação mútua~~, — a tudo, ~~enquanto tudo~~, que a vida ~~de vós~~ exige, voltei amustrado para a rua do barzinho de uma porta só, ~~atmosfera de vidros~~ por parcos meninos de olhos agudos e brancas mãos, de unhas rupas e despregados. * ~~Não vinha saída~~. Era ~~feita~~ queimado certamente por algum cigano que destruiu a atmosfera velha de mistério, mas que o inquérito concluiria: curto-circuito. Vieram ruidosos ~~os~~ bombeiros que ~~apagaram~~ todos incêndios, ~~em lojas de fazenda, em residência aristocrática~~, com os capacetes de sempre, pretos e dourados brilhando. ~~Os~~ ~~fios~~, ~~queimados~~ ~~descobertos~~ com a mesma cor, mais ráp[idos], os chamas, forçou a madeira velha assim o cupim[s] ~~se~~ figueri do outro lado da rua, ~~lamentando~~ ~~sacerdote~~ o cair ~~de vacas~~, ~~todo~~ de ruínas que os bombeiros tão bem souberam fazer isolando os outros casos, e vendo a noite

ver uma criança morta: não mais escrita o bar. ~~Caía a porta estreita e parede da frente~~ Alargara-se a porta estreita com a queda da parede da frente, demantelara-se pelas chamas o teto de clara-bóia enviduçada de verde e roxo; das paredes laterais, agora negras, subiam fumaços indolentes como gotas de fera ~~ferida~~ esperando o novo ~~disparo~~ ~~assalto~~. Teriam vindo...

1949-PA

A Visita — O Capitel — Aelia — A Procissão

Notas para o que poderia vir a ser um romance:

— Ambiente, uma cidade onde os personagens não estão muito a gosto por duas razões: ou porque foram designados para lá temporariamente e contra a vontade, ou por terem problemas e ambições demasiado grandes para serem compreendidos e aceitos pela província. (destacado).

— Personagens, cinco principais: Oliva, estudante pobre de grandes ambições li-

enobrecido de sonhos, ~~mas~~ lembrando a pia perdida: teria sido, afinal, aquela a minha pia? que o silêncio me roeram? ~~Sem dúvida~~

Agora ~~é~~ vou falar sobre ela, porque está resultada sob ~~forma~~ simples, na minha ~~imaginação~~ mais real: passará "um pobre pedaço de vidro lapidado", ~~mas~~, ~~todos~~, o maior diamante ~~perdido~~ do mundo.

* Anotação. O rio ~~estava raso e todo~~ ~~cheio de areia~~ mostrava pedaços de azul esparsos estrelas, por ~~entre~~ as ~~folhas~~ edificios. Aproximei-me, o dia não vendo mais nada, da esquina de ~~onde~~ ~~se via~~ ~~estava~~ que encontrava a rua do bar. Entrei na rua dia de gente, ~~ocupava~~ para todos os lugares. Eles não liam o que via primeiro, mas aí uma ~~gota~~ perdida dentro de mim, depois uma ~~massa~~ de onda quebrando ao longo de uma ~~costa~~ praia? ~~Não~~ ~~encontrei~~ ~~bar~~ e contei a história de

teárias, lírico, sonhador, um pouco
ingênuo, detestando a mãe pelo escanda-
do zêlo que lhe dispensa ela. José,
um oficial do Exército que deixe se
caracterizado pela sensualidade,
grosseria, surpreendentes crises de ter-
nura e sentimentalismo (explorado
pela a irmã). Abel, funcionário
do Banco do Brasil, amante da li-
teratura sem nada haver realizado
de positivo, elevado à situação um pou-
co ambígua e embaraçadora de repre-
sentante da geração: apenas pelo mila-
gre ele poderá conservar o título.
Hilda, mulher de quarenta anos,
física e moralmente decadente
(seus amores secretos por Abel) explorar
o ridículo. Barbara, estudante apai-
xonada, romântica, desejando e te-
mendo deslocar a linha dos preco-
ceitos sociais.
— Ligação entre os personagens: todos com
fundo sexual (expresso ou oculto)
e tensalidades os mais diversos po-

síveis (o ridículo e o patético). Desejo
e paixão de H. por A. até ao ponto da
concretização, embora nada mais
demora A. à realização do ato pela
necessidade física, amor às situações
ridículas e um sentimento de cre-
tinice imperdoável. Amor bestial de
J. por H. sem jamais conseguir nada
pela sua falta de tato, impulsividade
de, grosseria, e, acima de tudo, pelo
rival involuntário pelo qual sutirá
uma secreta inveja: a princípio
reagirá contra ela depois terá prazer
em explorá-la e saber por ela. De
A. para B. e vice-versa a noção da
diferença existente, a diferença entre
homem-carne e homem-espírito, a
noção perfeita e dolorosa dessa diferen-
ça que levará aos sentimentos mais
desencontrados. Alice por A. o senti-
mento confuso da adolescência, a fuga
para a arte, querer separá-la da vida
para poder dedicar-se apenas a ela.
O> diálogos de O. e A. — B. terá um

amor sincero p/ D. a quem julga uma grande incógnita, mas sê estando que jamais compreenderá e a quem, p/ isso mesmo, se julga capaz de amar eternamente. A. por B. desejo cumor incompleto: o receio da infelicidade, de adquirir responsabilidades para os quais não está preparado, a luta entre a vida e a arte. A. p/ O. termura: nele vê algo de sua própria infância, e espera muito dele como artista. O. por B. love cimme e disputa p/ D. ~~got~~ sempre procurando dissimular. Abel, um personagem estranho, dissimulado, desbocado, sidicato às vezes, inteligente, dominado pelos sentimentos não obstante (esplora suas crises de ternura pela infancia — a recordação da infancia — o romance).

— Agar, sempre descrita "fora-se. pedinte". H. dona de uma pensão que aluga quartos para A. e J. Toda a ligação dessas três personagens será necessariamente do conhecimento dos 3 apenas. (O ponto alto da trama).

A visita seria um conto mais ou menos de importância. O assunto já foi tratado no primeiro livro de minhas memórias, o que se perdeu, mas naquele tempo foi descrito com medo, temor, arrependimento e ficou apenas sugerido, sem ter conseguido alcançar tudo o que se pode tirar do acontecimento. É um fato trágico, impressionante e cômico que eu queria fosse revelado em toda a verdade e com toda a força possível. Para isso talvez ainda não possa ser eu, mas abstenho-me desse sentimento: serei eu e mais ninguem. Por outro lado, há várias maneiras de atacar o assunto: nas duas crianças e num velho. A história teria, por assim dizer, duas partes: na primeira, a chegada

da criança, o sentimento seriam
mais ou menos este: pai — uma fal-
cidade extrema em rever os filhos
dos quais se sente irremediavelmente
separado (o remédio será um sacri-
fício supremo), em consequência apa-
rece pela coragem e será carinhosa, de
uma ternura comovente, falará por
hipótese, a voz dolorida e num riso
simultâneo procurando disfarçar todo
o sentimento — lembrará uma cena
que se arrasta feliz ao encanto de dois
depois de haver sido separada por esto
— implora o perdão (como se implorasse);
o filho — em ambos, de início, a
curiosidade de rever o pai e a incom-
preensão quase total da separação.
Onde a justificativa? Era incompreen-
sível cada vez mais dolorosa ao en-
contrarem o velho pai transportado
por aquela ternura irrefletida que
o fez sentir ansiosinho por ha-
verem-no abandonado (embora não
dependesse diretamente deles — mais

com impetuosidade a vontade dos in-
divíduos maiores). Como agir com es-
tes personagens para que tenham
todo existência real, desempenhem
um papel de pouca importância? Pare-
ceria ser algo hermético, mas para O Amor
Vai, mas não tanto, por se trata de
mais de um. Faça tudo se reflete na
criança mesmo... ela é por demais je-
quitaia e virá no caso de O Príncipe,
uma tanta inocente, o pensamento
seriam elementares, ou quase para a
menina de exploração. A ação e os sen-
timentos interpretados pelos atos dela
não serão. Então há necessidade
de alguém de fora julgar o acento, e
esse alguém poderá ser... a primeira
criança grande homem: a recorda-
ção de um capítulo doloroso e de grandes
consequências deprimentes.

Era então será a primeira parte: en-
tre a chegada, a chegada e recepção, o tra-
tamento mistura até o momento em que este
o tio na mesa.

A segunda parte começará quando o pai levanta-se da mesa e dirige-se para a cozinha — cai com o atabaque ferindo a cabeça em um prego da despensa.

Todos os sentimentos se transformarão instantaneamente: as crianças, terrores: a menina sairá porta-afora, sentindo um primeiro impulso de fuga transformado logo em sentimento de cooperação, auxílio, reconhecimento que a fará procurar o vizinho; o menino ficará paralizado de horror, contemplando o sangue e a espuma, os estertores. Quando a calma e o silêncio voltam ele se entregará ao pranto, um pranto medroso em que o encontrarão, vizinho e a irmã. Nesse ponto as crianças interpretam como sendo essa a razão por que foram separados do pai; ambas sentem medo dele.

Há necessidade de uma terceira parte. Mas, note-se, não são partes que dividam a ação; nada mais são que cenas, pois a ação é contínua.

Nessa terceira cena: o pai sentirá vergonha e estará "tinto até à alma". Terá remorsos, perceberá a transformação por que passaram os fatos, vendo o medo na face dos filhos. Maldirá sua sorte, tomará mais uma vez a resolução de não voltar aos vícios. Ameaçará as crianças, falará muito e chorarão os três. Será aí o final.

É preciso que esse monólogo final seja perfeitamente convincente de que ele jamais volte a prevaricar. Que valerá mais, qual terá mais força?: o vício ou o amor dos filhos? (sentir sua perda — envergonhá-los.)

Será, com efeito, um grande canto e em preciso realizá-lo, e com o coração.

A visita

Reduzido a mim mesmo, no silêncio, no abandono, considero minha existência até o momento presente. Tenho

sido, talvez, uma flor apanhada
semi-aberta e ~~deposita~~da num vaso
sem água; ou uma cítara de
cordas partidas e porta de lado:
espero alguem que me conduza
e me auxilie na descoberta do
caminho. Enquanto isso, revolvo a
infância, culpo a todos, por co-
vardia e comodismo. E sempre
que sofro por uma recordação dolo-
rosa, esse sofrimento traz comigo
uma compensação sem limites:
traz a justificação completa de
todos meus erros e tenho a respon-
sabilidade repartida com ninguem.

Nessa ocasião, comunico
mentir que eu me considere vítima,
e esse conformismo impede, de todo,
a situação de meu ser e minha
vida no plano em comum com
meus irmãos: sou, então, filho úni-
co que acumulei toda a culpa
deixando liberdade aos demais. Fi-
co, portanto, só, e si não o fa-

te não terá sido por estoicismo: é
muito mais o egoismo dos que sen-
tem necessidade de sofrer em si
o que o orgulho impede de estender
aos outros. Lembro-me seguidamente
de Cristo, mas sou forçado a esta-
belecer uma diferença fundamental:
de acumular sobre sua inocência a culpa de toda a humani-
dade, foi um cordeiro imolado; eu
nada mais encontro em mim que
a convenciencia de me considerar
sofredor. Se, pois, Cristo aparece
em meu pensamento é mais
um defeito que tenho procurado
justificar como sendo a esperan-
ça de me tornar util.

Quando, a procura de me inter-
pretar com honestidade, reconhe-
ço ser um impostor cujo pretenso
sofrimento foge até mesmo da
imaginação; culpa dores são falsas
e instantâneas como as provocadas
pelas minhas unhas na própria

carne ; quando isso se dá, fujo de todas as conclusões e busco refúgio na infelicidade alheia. Não querendo desmentir ~~os~~ meu próprio raciocínio por pulga: ~~é~~, acima de tudo, lógico, recorro ao cinismo por ser uma solução coadunada a meu temperamento.
Poucas vezes tenho sido sincero a ponto de me considerar culpado e se, ao vislumbrar tal possibilidade, perco voluntariamente o fio ~~do~~ caminho normal das considerações e me desvio dele é por pulgar estar sendo útil a mim mesmo : afasto um estado mórbido que pode ter consequências funestas. — Embora, não poucas vezes, me aventure por sendas igualmente perigosas.

À força de me sugestionar com a dor, consegui colocar-me entre os sentimentais. Este resultado tem criado situações verdadeiramente embaraçosas e creio ser uma dos meios por que sou vingado de minha hipocrisia. O mais fácil seria os pretextos, porque carregam consigo uma pequenina carga de auto-preparação para a dor da qual se querem ver livres a todo transe. É também recorro à infância nos momentos de depressão e sofro e me consolo com as recordações mais tristes e desgraçadas. Não sei até aonde deve ir o arrependimento do que faço, até que ponto a razão me favorece, quando, por exemplo, desejo invadir-me a lembrança da visita que eu e minha irmã menor, quando crianças, fizemos a nosso pai. Lá não tínhamos mãe, e fomos separados do pai por razões que naquele tempo eu absolutamente não podia compreender. Embora ouvisse frases como essas: "é uma vergonha, um mau exemplo

para os pequenos; um perigo para
a reputação dos filhos moços";
eu não via claramente o que pu-
desse ser tão grave; mas esta-
va na idade em que se tem
medo de fazer perguntas indis-
cretas por não se ter sabido
bem no esclarecimento de cer-
tos dúvidos; na idade em que
o sub-consciente acumula tu-
do para o futuro e, além disso,
o que mais me preocupava eram
os brinquedos, os correios pelos
campos à procura de ninhos de
passarinho, e tudo o dia sin-
tério era pouco para eu me
dedicar com minha irmã a
toda espécie de diversão. Dessa maneira,
deixava aos irmãos maiores toda
a responsabilidade total e, aos poucos,
fui me convencendo que deviam
ter razão para agirem assim daque-
la maneira, e me acostumei à
vã separação.

Ainda que force a memória
não consigo lembrar-me de outras
visitas que tenha feito a meu ve-
lho pai abandonado foi. Mas
essa eu a recordo inteiramen-
te, nos mínimos detalhes, e me
demoro nela, confesso, porque só
assim sofro o suficiente para
sublimar as compensar o arrependimento de
havê-lo abandonado quando
mais precisava do amor e dedica-
ção de seus filhos. Mesmo na ida-
de em que me encontrava, se meu
amor por ele fosse grande e profundo
como deveria ser, eu não o
teria deixado (aí minha parcela
na culpa).

→ Era a manhã: de um dia de
primavera. O céu azul, a areia da
rua ainda humida do sereno,
quando saimos, eu e Lia, minha
irmã [illegible], dois anos de idade
mais que eu. Lembro-me do Pai:
a os poucos fomo-nos esquentando

os costas sob a roupa leve. E
quando estavamos para chegar
já ele ia alto e guente, nossa
cabeça loura ~~docta~~ esperava
sombra e corriamos, mesmo,
sempre que viamos uma árvore
atirando os galhos para a rua.
Quando minha irmã disse: "Lá
está a casa", parei e ela me
puxou pela mão e fomos os dois
de mãos dadas, em silêncio.
De longe, a casa fechada me pa-
receu triste como um pássaro mor-
to ~~foi encontrado sua gaiola ou~~
~~tro dia~~, E pensei em meu pai
como ~~o tivesse~~ sendo ele quem o
matara. Minha irmã falou: "Será
que ele está?" e passou a mão
pelos sarrafos da cerca, fazendo
barulho de carroceiro, pedindo
passagem com o cabo do chicote
nos raios da roda. Entramos pela
portão do lado e vimos fumaça
saindo pela chaminé: senti-me
melhor e procurei a imagem de minha mãe mas não consegui refazer ~~sua~~ a fisionomia. A boca, os olhos, o
cabelo, mas tudo solto, um de ca-
da vez. Então subi na meia porta
da cosinha e espiei. Ninguem.
"Como será ele?" Tornaram a tra-
mela e então; chamou por meu
pai. Comecei a distinguir um
arabio, depois os passos aumentan-
do o ruido, e foi a partir daí que
~~como~~ vi sua face, antes de
aparecer diante de meus olhos.
Os passos foram ~~para minha como~~
o rufar das asas dos pombos ~~brancos~~
~~os~~ que, ao ~~se aproximar~~ voltar para de casa,
eu reconhecia de longe.

Meu pai atravessou a despensa
~~e, abaixando-se~~, vindo da varanda,
e abaixou-se e abraçou, ~~nos ambos~~,
beijando-nos os cabelos e o rosto.
Seus carinhos eram como o pesar
da brisa ~~ondulando~~ pelos pantanais de aveia,
~~ondulando~~ ~~os~~ ~~sombras~~ ~~boas~~ ~~dos~~

~~árvores~~ e me sentei bem como nas sombras dos árvores onde a areia da rua não queima a planta do pé e o sol abandona nossos cabelos. ~~Ela~~ ~~Acariciava~~ ~~as~~ as mãos ~~as~~ minhas e de vez em quando ~~as~~ nos olhava na face às nossas espetando-nos com as pontas da barba aparecendo. (~~Ela~~ Lembrei-me de roças queimadas e eu parando por cima, ~~e~~ ~~pisando~~ os pés ardendo). Murmurava palavras doces e ternas, "meu menino está grande", e dizia "tu já estás uma moça, de trancinha no cabelo", e fazia momentos de silêncio, depois o murmúrio era igual ao ~~estalo~~ das chamas no fogão ~~de trapos~~, confundia-se com ele e tinha o seu calor. Falava: "pensei que não se lembrassem mais de mim. Pois eu sempre penso em vocês, quando me acordo de manhã e encontro a casa vazia. Parece até que estão todos brincando de esconder comigo, e chamo ~~todos~~ o nome de cada um, baixinho, só para eu ouvir." Nós em silêncio e ela continuando, a voz fraca e as palavras molhadas de lágrimas ~~que~~ do fundo do coração: "Depois disse para mim: ah! estão todos viajando, mas voltarão um dia, ~~quando souberem como é triste~~ e tinho razão, não é? pois agora estou abraçado a vocês dois de ~~que nada não tinha tão caro~~!". Olhei os olhos de Lia e estavam baixos, ela imóvel, o rosto fino e pálido. Meu pai tinha os olhos ~~vermelhos~~ injetados, ~~olhei dentro dele~~ e reparei nos seus finos e vermelhos, enrodada como esqueleto de folha seca. Sorriu tão triste que desviei o olhar para a chaleira cuja tampa vacilava sobre a água fervendo. Aquele sorriso, ~~como~~ ~~vou~~ ~~tarde~~, tinha era um misto de arrependimento, de perdão ~~que~~ ~~se~~ concedia, não ousando tomar uma resolução suprema por se julgar impotente para lutar por ela até o fim, envergonhava-se de si próprio

levantou-se e disse: "Olha, a água está fervendo, vamos fazer café!" Quem se lembra aonde está a lata do pó!" Liana correu à despensa e veio vindo com a lata nas mãos. Ele me olhou: "É tu! Aposto que não encontra o açucar." Fiquei parado enquanto Liana desaparecia na direção da varanda. Meu pai disse-me baixinho ao ouvido: "Corre, o açucareiro está na prateleira da despensa". Quando ela voltou nós dois começamos a rir, eu com o açucareiro na mão. "Não foi mal, eu achei o café e tu não sabias onde estava." Senti-me no meio de ~~ele~~ linha e vi meu pai fazer o café. "Porque não será sempre assim? pensei." Eu estava por não compreender os erros; me deu raiva dos irmãos maiores; e me comovi naquele momento que não mais teria meu pai sozinho. Chegou bem perto do fogo e abraçou-o por

nas costas. "Cuidado, não vai queimar a palha de milho," disse ele se referindo aos meus sapatos. Então fui procurar a lata os galinhos da porta e me sentei com as mãos na cabeça. Mas não via galinha, nem nada, eu queria compreender aquilo, onde a razão de tudo? porque separado de um pai tão bom? e comecei a chorar baixinho e a saliva não saia por quanto tempo. Quando dei conta de mim estava vindo cada um pisto pelado querendo pegar uma minhoca Chamei Liana e vimos alto, às pressas, e o pinto saiu correndo e nós dois atrás para sentarem a o minhoca achado.

Não havia pão em casa, por isso meu pai saiu para comprar. Botar o chapéu amassado na cabeça e disse que voltava logo. Liana foi com ele até ao portão e eu corri para o fundo do quintal a ver se encontrava frutas. A paneira bo

tava e um ramo grosso e retorci-
do me parecem o braço de Cris-
to crucificado da Igreja Matriz:
fiquei com medo, pois achei que
era pecado pensar assim. E corri
para longe, e era como se ca-
da galho fosse um braço ~~de gente~~
-do me pegar. Vi o céu muito
todo florido e me deitei debaixo,
olhando o côr-de-rosa das péta-
las. No céu nenhuma nuvem.
Lembrei-me de meu pai: cada ~~ta-~~
~~renga~~ ~~taco~~ de céu era um pedaço da
camisa azul dele, e as flores eram
bonitas como as palavras que ~~ele~~
~~murmurava~~ ~~dizia~~ ao me abraçar.

Liana chegou e disse: "Ainda
não tem ~~fi~~ tempo, seu tôlo." Não fa-
lei, mas sentou-se comigo: "Lá
no céu está Nossa Senhora!" —
"Aonde?," perguntei. "Como é que
quero ver? seu tôlo, está depois
do azul, com Menino Jesus no
colo." ~~— eu disse~~ Calou-se.

Puxou-me os cabelos e saiu correndo:
"Tu não me pegas, tu não me pegas!";
e corri atrás dela até a cozinha.

Meu pai levou o bule de café
para a mesa, e sentamo-nos os
três e minha irmã contou o que
estava aprendendo no grupo-escolar.
Ele ouvia ~~palavra por palavra~~, ~~sia~~
e comentava. Comecei a fazer bo-
neco com a miolo de pão e não
ouvi mais nada senão quando
ele me tocou no braço para bo-
tar mais café na caneca. Reparei
os cabelos grisalhos subindo nas
orelhas, os olhos agora tão alegres.
Bebi ~~a cana~~ o café todo de uma
vez, respirando dentro da caneca;
e o nariz melhor-se ~~todo~~ de suor
e corri a casca do pão dece ima-
ginando como seria bom viver sem-
pre ali. Liana estava outra vez de
olhos baixos: pegou a colher e
riscou uma roda na toalha.

No instante seguinte meu pai

respirar fundo. Olhamos para ele.
Ele ~~voltou~~ levantou os olhos
aflitos para o teto e saiu da me-
sa apressado, desmanchando a ca-
deira. Sem saber o que pensar
corri para junto de Liana e agar-
rei-me a ela desesperado. Ao
chegar à porta da despensa meu
pai caiu ao chão. Gritei alto.
Minha irmã fugiu pela porta
da varanda. Fiquei agarrado ao
pé da mesa sem o mínimo mo-
vimento, olhando o corpo de meu
pai se debatendo. Da boca bor-
bulhava uma espuma esbranqui-
çada que escorria para o chão.
Dos olhos ~~saía~~ apareciam o branco. Os
cabelos estavam empastados de
sangue manchando a testa, os
mãos crispados batiam no assoa-
lho, as pernas tremiam e o cho-
ro dos joelhos ~~eram seco e duro~~ pa-
cados secos e duros. Os chinelos haviam
saído dos pés que mostravam

solas amarelados de cadarço.

Apoderou-se de mim estranho pa-
vor: ~~mas~~ Não podia fugir. Sentia-me
fraco, ~~as~~ pernas o coração batendo
forte, os braços e as pernas como se
não existissem. Aos poucos meu
pai foi ficando imóvel e minhas
pernas começaram a tremer. As
lágrimas corriam-me pela face e,
no silêncio que se fez, ~~eu~~ ouvia
meus soluços mas não queria acre-
ditar que fossem meus. Ajoelhei
sobre as pernas e amontoei-me no
chão, escondendo o rosto entre os
joelhos.

Liana chegou com os vizinhos
e levaram meu pai para o quarto.
Levantaram-me, ~~fizeram~~ deram-me água
e me abraçaram estritamente,
dizendo coisas que eu não compreendia.
Depois fiquei sozinho na varanda,
sem coragem de olhar para o lugar
onde ele caíra, nem para a porta
por onde o levaram. Desejei estar

longe, junto do irmão mais ve-
lho, e me arrastei para a porta.
No jardim uma árvore seca.
--- No Uma conversa no quarto, em
voz baixa. Liana sentou-se a
meu lado, no patamar, e ~~disse~~ nada disse por muito tempo.
— "Tinha um prego na parede;
ele pôs a cabeça", ~~falou~~ afinal.
Riu o sangue na testa e a espu-
ma da boca.
---- Ouvimos mamãe voltando
do quarto e chamando nosso nome.
Olhamo-nos, o medo nos olhos. Li-
sa segurou-me a mão com força
e estivemos de pé junto à porta até
que nos chamou de novo. Entramos
devagar, e olhamos para a
cama: vazia. Estava ~~em~~ perto
da janela, sentado na cadeira
de braços, uma atadura na ca-
beça, pálido e abatido. Não nos
encarou. Tinha o olho profunda-
mente triste e pareciam dizer

dentro das órbitas. ~~A camisa branca~~
~~e amarrotada~~ Mudara a roupa:
vestia uma camisa branca e amas-
sada que acompanhava o peito
na respiração cansada; e uma
calça azul-marinho presa nos
joelhos. Passaram rápidos seus
olhos por nossa face e foram pousar
em sua mão que descansava sobre
o braço da cadeira. — "Meus filhos"...
murmurou. Um arrepio correu-me
o corpo e desejei fugir. Liana aper-
tava-me a mão. Recomeçou: "Apro-
ximem-se, é o velho e pobre pai de
vocês." Avançamos um pouco. Estu-
deu-me a mão e acrescentou: "Sim,
apesar de tudo, é o vosso pai". Levei
minha mão até a sua e senti-a
morna como água de banhado em
dia de sol quente. ~~Franchegou~~ Man-
samente aproximou-nos do peito e
falou por cima de nossa cabeça:
"Talvez eles tenham razão ~~para~~ de me aban-
donarem... mas eu me arrependo ~~por~~ de

ser atendido por estranhos. Pois, a culpa ... de quem é a culpa? Eu me envergonho tanto pelo vício! De certo pensam que sou feliz, conscientemente feliz? Ah! se vocês me compreendessem. Porque escrever de minha ~~atitude~~ vergonha de ser um fraco, a tristeza de ser desprezado pelos filhos?" Falou alto, a voz trêmula como a mão que pousara ~~nervosa~~ em meu cabelo. Acalmou-se, desceu ~~as costas da mão~~ a mão direita e pôs sob a minha: comparou-a e alisou-me os dedos. "É muito tanta falta, vivo só, como um velho inútil de asilo. Estará tudo nas minhas mãos? Haverá uma palavra: ~~mágica~~, um poder supremo (oculto em que parte do meu ser?) capaz de modificar os passos que ~~esta casa~~ tenha dado?" O silêncio chegara de novo em quando; então só lhe sentia

~~em~~ o coração pulsando ~~de~~ em cada ~~a~~ meu peito. ~~Eu tenho~~ ~~agora~~ ~~falado~~, ~~que em vão~~ ~~significações~~ ~~eu não alcançara~~, havia o medo sempre presente ~~de não poder~~ ~~compensar com a promessa que~~ ~~fizera~~, e, no entanto, era ~~por demais~~ doloroso ~~a perda~~ ~~do~~ o desprezo e a perda dos filhos.

"Aqui neste peito abriga-se muito sofrimento, ~~meus filhos~~ — continuou ~~com tristeza~~ — mas ~~eu~~ tinha quase a certeza de que ~~havia~~ não haverá mais por que se envergonharem de mim. ~~Meus queridos filhos~~ É preciso, no entanto, que ~~vocês~~ acreditem ~~em mim~~: necessito o apoio dessa crença; será ela a salvação, pois se eu ~~não~~ tiver faltado com minha palavra, ~~se não tiver corrompido~~ terei corrompido seus sentimentos para comigo; a certeza, a confiança de meus filhos terá sido ~~feita~~ traída, e

serei ainda responsavel perante todos aqueles de quem ~~os filhos~~ me tiverem ~~defendido~~ do ~~~~ porque me sentirei culpado da quebra da palavra ~~de meus filhos~~. Ouçam-me. Olhem bem nos meus olhos; ~~fa-~~ ~~~~ ~~um soco para me com-~~ ~~portar~~, ~~Pranto~~, ~~perante a fé~~ ~~de todos meus filhos~~, ~~que~~ Não ~~se~~ tornarei à ~~bebida~~ beber. Juro.

Pela solenidade de suas palavras eu compreendia que alguma coisa grandiosa estava se realizando e me lembrei de quando a Nina vai terminando e o cão entoa o último hino.

Depois ~~depois~~ ~~~~ ~~de~~ ~~~~ ~~de~~ ~~~~ ~~de

... se confunde, de envolver uma
... vida que se lhe afigura cheia de
... promessas, grande e, na verda-
... de, digna de sonho. No fim, pois,
... terá havido uma simples facécia, ou
... deseja se reflete inteiramente, como
... a dama que sempre guarda de lem-
... brar-se sempre da luta, como o
... apoio do mar que vai abandonar
... a praia e sempre se atrasa sobre
... ela e vai e volta. Como atenuar
... o encanto? Haverá um terceiro para
... julgar e contar, para dizer: ele e ela.
... Talvez não julgue, apenas apresente
... o sentimento; recorra. Começou com
... a leveza do riso? Com aspecto intro-
... vertido, de interno local, mas veria
... profundo à vista. Afinal, trata-se de
... estudo sentimento, não costumes ou
... tradição. Se entram mar e dunas é
... pela que há neste elemento de
... dramaticismo de movimento, inserido
... no. Capitão, foi, a timidez calcula-
... da e hipócrita de outro. Este terceiro

seria alguém com existência real,
isto é, não apenas uma maneira de
conduzir o conto mas uma pessoa
que examinasse o caso como se estivesse
em presença de um semelhante
e não soubesse como agir precisa-
mente. Não vai — Trata-se para
o simplesmente de um encontro
sensual numa praia deserta. Paisa-
gem maravilhosa: coqueiros, duna,
areia, o mar, como só o Nordeste do
Brasil possui. Uma criatura enamora-
da, dela o corpo maravilhoso, o ca-
belo, o beijo, o seio descoberto apa-
recendo e pérolas, uma flor desabro-
chada, timidez calculada, coquet, in-
teressada. "Como explicar isso em um diá-
rio", dizia ela, pulsando-se impotente pa-
ra tal. Mas haverá mais sentimento de
último encanto a conjuntar de uma feli-
dade incompleta porque fez-se infeli-
z — a certeza da partida, do adeus. Ha-
verá necessariamente uma angústia ge-
neralizada: o coração rebelde com a

to pensões, como se possam contar dos, pois não se repetirão, apesar de todo o amor tendente a se prolongar. Pois, será uma despedida. Os concertos serão apenas dolorosos, feridos, tristes, sofredores, como se deixassem marcas; elas foram deixadas por falta depois — quando as mesmas scenas se repetirem muitos lugares, com outros pares de personagens (um elemento fixo). O calor do sol e dos dunas e dos abraços envolvendo os corpos. O beijo longo e quente. Ansiedade de prolongar e completar o momento. Acima de tudo o sentimento da perda para sempre.

~~O Bom Coração~~

Notas segundas para um romance:

Talvez em fim pudesse ser tratado o problema da viabilidade civil e militar. Embora seus traços fundamentais sejam a ignorância, a sensualidade, o egoísmo terá de, por certo, o momento em que desejará fazer confidências, em que se tornará sentimental. Pode-se pois aproveitar isso para apresentar o problema. Não será de necessariamente um deslocado, mas uma pessoa que saiba perfeitamente da necessidade do exército e de como pode ser aproveitado como meio de vida, como carreira, vocação, ideal, etc. Aliás, sendo inteligente, pelo simples contato com os demais companheiros, nos longos anos de estudo, poderá apresentar-se a pessoa variada de nossas condições. Ele será um militar, simplesmente, não um militarista, um "oficial de elite". Naturalmente defenderá a classe quase cegamente em presença dos civis. A verdade, portanto, como melhor poderá ser dita? em reflexões solitárias ou nos diá-

logos privados com Abel? Talvez a
fosse, por ser como o é, seja conve-
niente negar a todos e procurar-se
iludir a respeito de falhas e de-
feitos.

A Abel não importa o E.B.
Como se não existisse. Poderá ami-
gar-se por delicadeza e por delicadeza
responder a perguntas e comentar
idéias. Se houver ocasião, recor-
dará fatos do tempo em que
tiveram seu tempo de serviço mi-
litar: mas, afinal, nada de
belo e grandioso terá de recordar
e não sei se haverá interesse
em se revelar, por exemplo, que
seu instrutor havia sido um
bêbado que um dia passou de-
calço e a paisana pela porta
de sua casa, quando chovia e
fazia frio; que passou fome
por imprevidência do instrutor,
que arrogou-se pelo chão, deitou-
se na lama e que o sgt. lhe
punha os pés nas nádegas para que
se molhasse bem de lama; que
no exame final o inspetor descon-
fiou de fraude. Em nada disso
haverá elogios e Abel achará, por
certo, que o melhor será ~~elo~~ calar,
uma vez que J. quererá provar
que os tempos mudaram.

Não perder-se no vulgar!

Talvez Hilda seja justamente
a pessoa que saiba essa dupla da vul-
garidade. A Abel nada mais será
H. que a dona da casa que aluga quar-
tos. Mas para J., que terá a idéia de sexo
já bem definida e determinada, que
terá longa experiência de prostituição
e vícios secretos, H. será desde o pri-
meiro momento motivo de desejo e
de sempre a verá como uma possível
conquista. Abel, que viverá intensa-
mente para seus problemas, amarguras
e dúvidas, mesmo com o correr do tem-
po não se apercebrá ~~nem desconfiará~~
que H. lhe oferecera olhares de ter-

mesa, nem deixará manter liga-
ções sexuais com ela. No entanto
J. lhe falará prosaicamente sobre
seus desejos e isso levará Abel
a antever, por momentos essa
possibilidade. Mas, cedo na
ponta de sentimento da velha,
e considerando sua idade e
sua obesidade afastará seus
pensamentos. J. será imediatível.
Não haverá melhor maneira de
manifestar seu animalismo. Che-
gará a tocar no assunto diretamen-
te e referirá a A. que reprovará com
seu silêncio. A., mulher se-
parada do marido, de olheiras pro-
fundas e negras, sentirá natu-
ralmente insatisfação, mas a
insistência de J. será suficiente
para que se negue a atender-lo. E,
na sua idade, pulga-se com o
direito de poder escolher, sem se
deixar levar pela conversa de ninguem. Estranhará por certo a
indiferença de Abel e, apesar de tudo, será ferida por essa indiferença em seus caprichos. E, a idéia oculta, começará a fazer a comparação dos dois rapazes: sentar-se-á à mesa quando os dois forem as refeições, estabelecerá paralelos e condenará pela "fina educação" pela "beleza" e a indiferença dele começará a deixar marcas profundas em seu coração; o ódio se acordará, ou melhor, será dirigido contra esse objetivo. Suas olheiras se tornarão mais perceptíveis. Ficará, por outro lado, um tanto exigente, rabugenta, e manifestará o desejo de que ele se vá de sua casa, por razões que ela dará: desejo de viver só, numa casa pequena, etc. Aí será pois o respeito à sociedade se manifestando. Chegará o dia em que surpreenderá Abel falando-lhe claramente, declarando-se e pedindo-lhe que se afaste.

Abel, diante disso, procurará afastar-se mas não conseguirá, mesmo porque não se esforçara demais. Procurará demover a velha de sua obcecada. Manterá longas conversações. Achará sempre ridículos os olhos apaixonados da velha, e sua fronte plácida ainda que não o convença escitar pelo menos tal-o-á até ver uma ponitividade de emissão, fa tudo o que haver de prosaico e ridículo. Mas sentirá também remorsos por zombar dos sentimento da velha. E também sentirá prazer pela preferência que lhe foi dada, em presença de J.

A realização será inesperadamente para ambos. A iniciativa será tomada por Abel, um tanto fora de si, depois de haver bebido de brandy e colocado em sua verdadeira posição na vida:

sentir-se inutil, com poucas probabilidades de exito em seus sonhos de arte e literatura; desiludido. O espírito, portanto, reduzido e trapido à terra, sentir-se-á "humano" e parnasiano. Destruidos os sonhos acordará a carne; e sob o efeito do alcool forçará a porta. Para Hilda será avidez e prazer completo. (Animal faminto se alimentando). Para Abel, um leve arrependimento e respeito inicial que dará lugar à repulsa ante a brutalidade do ato, a fonte experiencia demonstrada pela velha, o chocante de certas palavras. (O preço do vulgar e do demasiado afeição)

Foi saberá na mesma noite. Esperará a volta de Abel, os olhos abertos de madrugada. Começará então a fase do cime, da inveja.

---

(2)

Sôbre J. G. V.

Acabo de ler um respeitável volume de mais de quinhentas páginas, "A Quadragésima Porta", de Geraldo Vieira. E releio a crítica de Wilson Martins sôbre o mesmo escritor, publicada em Dom Casmurro.

Não tenho agudeza crítica, e esse artigo concorda quasi sempre comigo; mas obstante, quero dizer-me algo do que me sugeriu, de como recebi o sr. J. G. V.

A mim que desconheço quasi inteiramente a literatura nacional, que não tenho palavras de elogios aos poucos livros de autores brasileiros que tenho lido, a mim me foi de sabor ler esta "Quadragésima Porta".

É' quasi inexplicavel como uma cultura assim não possa ter uma maior auto-crítica. Há tanto mau-gôsto em certas coisas indadivelmente elementares. Quanto à minha maneira de ser (ou de desejar ser) em literatura, vejamos os pontos discordantes.

Pôr títulos nos capítulos. E que títulos! Considero isso "demodé", absolutamente desnecessário. Se já dividir o livro em partes é que aí estarão seccionados os assuntos, ou melhor, a ação estará dividida, no tempo ou no espaço. Por mais que seja o simbolismo, a explicação, o esclarecimento desses títulos são desnecessários. "O camaradismo e a circunvalação", "O racionamento da lágrima", "Indícios". Ainda mais desnecessários num autor como esse que escreve para uma platéia seleciona-da, culta, que conhece francês, inglês, alemão... que acompanhe o movimento literário do mundo (e artístico de um modo geral); pois do contrário, se um nome citado ou uma imagem evocada suprisse suas ignorâncias e citações não estariam cumprindo com

ses fins. Quanto à minha maneira de ser (ou de desejar ser) em literatura, vejamos os pontos discordantes.

Pôr títulos nos capítulos. E que títulos! Considero isso "demodé", absolutamente desnecessário. Se já dividir o livro em partes é que aí estarão seccionados os assuntos, ou melhor, a ação estará dividida, no tempo ou no espaço. Por mais que seja o simbolismo, a explicação, o esclarecimento desses títulos são desnecessários. "O camaradismo e a circunvalação", "O racionamento da lágrima", "Indícios". Ainda mais desnecessários num autor como esse que escreve para uma platéia seleciona-da, culta, que conhece francês, inglês, alemão... que acompanhe o movimento literário do mundo (e artístico de um modo geral); pois do contrário, se um nome citado ou uma imagem evocada suprisse suas ignorâncias e citações não estariam cumprindo com

sua finalidade, o autor não estará atendendo à sua. 2 Outras vezes são palavras frias, caídas por descuido ou não sei porque, como na página 344 "aproveitaram-se para se beijarem." (2.ª edição - Globo). Numa carta de Sandyra há entre parênteses: (estou escrevendo difícil!), só porque fala em "demográfica", e no entanto supõe-se numa carta que absolutamente não deixa lugar a observações desta natureza, momento em que tratando desses dois personagens e de sua ligação na trama, de sua condição social, cultural, etc. Enfim, é um ponto que me dispendi do livro, que faz o autor se afastar da nota de Bergson ou antes de W. M.

A uma constante demonstração de cultura chega a irritar, quando consegue livrar-se disso em troca de uma maior agu-

deza psicológica) terá ainda conseguido progressos inestimáveis. Há uma sede tremenda de fazer saber que conhece todas as coisas. Dizer, por exemplo, que fulano tem discos gravados por todas as cantoras gravadoras do mundo! e citá-las. Brincar de encher duas páginas com substantivos indicando a profissão e a condição de todo o mundo que passa pela sua Carmantina! (pg 430-31). No capítulo II da I parte a enorme descrição de Paris, afim de fazer aparecer Ohanian, chega a nos fazer perder o fio do romance. Por fim me acostumei a isso e tive que concluir que o homem sabe até aonde quer ir, aonde quer chegar. A trama foi pré-estabelecida e, de uma maneira ou doutra ele chegará ao fim.

Muito mundanismo, dinheiro, os personagens não têm problemas profundos e dolorosos, são

livros, de belos cheios e consagrados tudo. Não há conflito. A antipatia é fraca e Brígida não consente em uma separação de tantos anos, abandonada pelo marido em Portugal.

A nós que estamos no Brasil e que lemos livros sobre França e portanto de ouvir nomes de ruas, de lugares de Paris, que portanto de viajar e conhecer muito este livro agrada. E aos franceses? É quase uma reportagem, um livro de viagem onde os problemas pessoais ~~estão~~ são envolvidos pela mudança do panorama e desaparecem nesta constante modificação. Não nos prende muito a atenção — é como se, no teatro, o enredo da peça nos desinteressa e ficamos a analisar cenários e costumes.

O romance é atual e o autor faz questão de ficar isso, pois como se não fosse suficiente o falar nas duas grandes guerras e outros acontecimentos mundiais de interesse, desce até a citar nomes de artistas de cinema americano e a cada passo fala em Hollywood. É um livro destinado a não permanecer, me parece, porque, como reportagem de guerra há livros próprios para servir mais objetivamente à essa finalidade de retratar uma época; e como ficção não soluciona grandes problemas.

Há, no meu ver, uma grande qualidade: a de situar o personagem principal, o principal para mim, pelo menos, Albano, desde a infância: começar a ação antes mesmo de seu nascimento, depois a infância, para atingir a maioridade, sua completa formação. É grande a quantidade de personagens e o autor dona perfeita.

Isabel

apresentá-los e estabelecer as necessá-
rias ligações.

mente bem o aparecimento dele
e sua ligação.

F. J. V. Ponto de falar em
Dostoievsky. Naturalmente não
há termo de comparação entre
eles, embora o autor faça
seu personagem lançar o princí-
pe Mischkine ou Dioscha, al-
guma vez, e fale nesses escritó-
res diretamente citando-lhes os
nomes; ou, então, copiando
incidentes do grande mestre, como
por exemplo a cena em que estan-
do perdendo Albano e outros, co-
meçam a referir atos de ferocí-
dade que tinham cometido e
de que se envergonham, como
em O Idiota, em casa da Nas-
tasia. Também é constante li-
gação com a Bíblia, até o absurdo
daquele que a rabo de cói[illegible]
recita pelo País afora.

Enfim, tudo isso são conside-
rações primárias. Preciso ler al-

guns de seus livros cuja ação se desenrola no Brasil para depois voltar ao assunto.

---

(3)

Abrir-se com cuidado, lentamente, como lentamente se forma o feto nas entranhas, e como a natureza abre a flor. Não fazer como a criança que desmancha o botão querendo transformá-lo em rosa.

Para o "Capitel" — a moça será inocente e pura, usará tranças e será como "La Natti". Referir: os dois alamos do portão, como torres de igreja, (ela dirá baixinho ao passar por eles: Ave Maria.); a maneira como distribue o leite de madrugada, as pernas cobertas de um passo, e o amor pelo cavalo; sua dedicação pelo capitel, as flores que usa para enfeitar, o que pensa e diz em presença dele (a imagem dum Bom Jesus de Zumaia); o tempo da

nua quando faz a tinta na beira do caminho e levanta os cachos para o antemanhã correndo, o amor pelo vinho tão cedo, o amor pelo vinho tão cedo desobedecido e que nunca lhe despertara nada até aquele momento em frente ao capitel (aproveitar aqui, não o caso, a nota sobre o botar a o alvi.)

Venho aos poucos chegando à conclusão de que me devo demorar sobre um diário, conversar com ele, confessar-lhe os desapontamentos — como toda mocinha lírica ao atingir a idade do primeiro amor, dos desejos inconfessáveis e dos sentimentos que ela acha serem só dela e por isso não dá a ninguem o direito de conhecê-los.

Não sei o que deva dizer-te. Venho lutado comigo mesma, procurado afastar tudo o que nos diga re

Estivemos abraçados no convés, olhando o mar. Em seus olhos havia o desejo de que se retirassem as âncoras e o navio deixasse o cais. Queria beijar-me, porque assim o tempo não se faria sentir e sua ilusão seria prolongada.

Por muitas e muitas razões amava o mar: Por ser ele vasto e misterioso e inexplicavel ela o amava, e tambem pelos tons de verde e azul que conseguia realizar, mas por que ele lhe parecia ... o que? Justamente essa incapacidade de compará-lo, de uma vez por todas, a alguem ou a alguma coisa profunda, soberba, definitiva, é que a deixava pasmada em presença dele. Procurava em si os sentimen-

tos ~~os~~ mais desencantados, o que lhe haviam causado os maiores abalos, mas nenhum deles era capaz de ~~id~~ concretizar a idéia de mar. E lhe perguntavam o motivo de se deixar ficar a admirá-lo em silêncio, respondia simplesmente: "O mar é bonito", pois sabia que se a pessoa sentisse por ele o mesmo que ela, ~~sentia~~ haveria de compreendê-la perfeitamente. Se não, o maior superlativo seria tão inexpressivo como a mais singela palavra que usasse. Quando procurava explicar a si mesma essa estranha atração pensava na inconstância das águas, ora apresentando a calma de uma lagoa, ora se levantando em ondas cuja força lhe diziam confusa, ~~via~~ ~~revelava a liberdade~~ e lembrava-se que também ela era assim: incompreensivelmente seu estado de espírito ia do ~~mau~~ máximo do desespero ao mínimo, independente de sua vontade — como ao mar o vento rebela — e nesses estados de desespero muitas vezes queria, em perfeita consciência, acalmar-se mas era impotente. ~~Para isso escalava~~. Apaixonava-se, então, do mar pois sabia que aos poucos lhe advinha uma calma repousante, como se demônios o abandonassem e ~~os mares~~ ~~pulsassem pelo mar~~ se precipitassem pelo declive do mar, e ali se afogassem. O mar tinha a grande propriedade de conservar-se puro. "Não traz, como a terra, o rastro dos trabalhos dos homens e da vida humana," "... logo se desvanece o sulco das barcas que o atravessam", e ainda em misterioso poder ela se inclinava porque seus pecados, que a princípio os havia julgado inconseqüentes — a uma

hora de pecado sucede outra em que nenhum sinal ficou — agora já estavam ~~fazendo~~ fazendo sinais à superfície. E da maldade de seus olhos, as sombras em seus pensamentos, os laivos de vício em seus lábios eram como se o mar, o grande e profundo mar estivesse repleto ~~de batalhas,~~ dos destroços das batalhas e dos naufrágios, e ~~os~~ mastros ~~se~~ houvessem do lado de fora acenando bandeiras e flâmulas rasgadas.

O mar

"O mar sempre há de fascinar àqueles em quem o nojo pela vida e o atrativo do mistério se tenham antecipado às primeiras penas, como um pressentimento da insuficiência da realidade para satisfazê-los. A aqueles que necessitam repouso antes de

haver experimentado cansaço algum, o mar ~~os~~ consolará e os exaltará vagamente. Não traz, como a terra, o rastro dos trabalhos dos homens e da vida humana. Permanece, nada para senão impelindo e como logo se desvanece o sulco das barcas que o atravessam. Daí essa grande pureza do mar que não têm as coisas terrestres. E essa água virgem é muito mais delicada que a terra endurecida que para ser atacada requer um "pico". O passo de uma criança sobre a água cava um sulco profundo com um claro rumor, e os matizes unidos da água se quebram por um momento; logo, se desmancha todo o vestígio e o mar volta à sua calma, como nos primeiros dias do mundo. Aquele que está farto dos caminhos da terra ou que adivinha antes de havê-los intentado, como serão ásperos e vulgares, ficará se-

dupido pelos caminhos pálidos
do mar, mais perigosos e mais
doces, incertos e desertos. Tudo
nele é mais misterioso, até essas
amplas sombras que flutuam
ás vezes aprazivelmente sobre os
desmedidos campos do mar, sem
casas e sem sombras e que ex-
tendem as nuvens; esses casarios
alestes, esses vagos ramagens.

O mar tem o encanto
das coisas que não calam durante
a noite, que são para nossa vida
inquieta uma licença para
dormir, uma promessa de que nem
tudo há de aniquilar-se, como
as criancinhas que se sentem mo-
nos só quando brilha a vela.
Não está separado do céu, como a
terra; está sempre em harmonia
com suas cores, se comove com
seus matizes mais delicados. Ir-
dia sob o sol e toda a noite pa-
rece morrer com ele. E quando

já desaparece, continua lamentan-
do-o, conservando algo de seus re-
flexos melancólicos e tão docemen-
te que se sente que ao olha-los
se lhe desfaz o coração. Quando
a noite quasi chegou e o céu está
sombrio sobre a terra enegrecida,
luge ainda debilmente, não se
sabe por que, mistério, por qual
brilhante relíquia do dia fundido
sob as águas.

Reflexo nossa imaginação
porque não faz pensar na vida
dos homens, mas reposa nossa al-
mas, porque como ela, é aspiração
infinita e impotente, impulso sem
cessar interrompido por queda, la-
mento doce e eterno. Também nos
encanta como a música, que não
traz, como a linguagem, o rastro
das coisas, que nada nos diz dos
homens, senão que imita os movi-
mentos de nossa alma. Ao balan-
çar-se com suas ondas, ao cair com

ela nono espírito, esqueci seus próprios deslocamentos e se consola numa harmonia íntima entre sua tristeza e a do mar que confunde seu destino e o dos ceus."

XXVIII - El Mar - Los placeres y los dias — Marcel Proust.

Tenho pensado em recomeçar minhas memórias, meu diário, as confissões, ou seja que nome se possa dar. Memória é mais próprio para a velhice e confissões para quem já cometeu o último pecado; para aquele que já o livrou de todos, tem dele a justa medida e se arrepende ou age convictamente. Diário me parece um título banal, pois me lembra os livros de adolescentes que os trazem escondidos pelos recantos do quarto e a eles recorrem para falar

em amor e toda a vulgaridade de uma vida de mocinha aos quinze anos. Mas não será, certamente, esse o definitivo por que não me decido definitivamente. Não sei mesmo precisar. Há sempre mais de uma razão a impedir que sejamos decididos, daí a dificuldade de dizermos quais são e qual a mais importante.

Perdi "O ideal de um jovem mediocre" em que havia escrito meus vinte e quatro anos de vida, até minha vida para Natal.

Perdi um romance que havia começado e, embora já bem decidido a nunca terminá-lo, pulpava-me com direitos sobre ele. O meu cabia destruí-lo e, no entanto, não sei que destino tomou.

Há também uma tremenda diferença entre vida interior e vida exterior. Uma falta de confi-

dência, de pessoa com quem se
ponam trocar idéias sobre os
assuntos de vida pessoal, mais
dirigidos para o espírito. Com
quem se pona tratar os proble-
mas de arte. Enfim, a solidão
dás sempre se manifestando das
maneiras mais absurdas e ines-
peradas.

Tambem a inspiração
me tem sido falha. Era minha
intenção escrever vários
contos, cujas idéias fermentam
há bastante tempo na imagi-
nação, durante os meus dois
anos e talvez — uma idéia
longínqua — reunir deles dos
melhores e fazer um volume;
publicar. (mas esta palavra soa
mal porque existe ausência de
livros — e eu não me conformo
que pona estar errado, pois tudo
está em perseverar e fazer obra

de valor).

Naturalmente tambem existe
inseparavel a idéia de que morre-
rei cedo e de que tudo terá sido
em vão: serão minhas cartas, meus
trabalhos, chorarão à vez, e farão
uma grande fogueira. O que mais
fariam? Se eu morrer moço se-
rá justamente o que farão; se eu
morrer velho talvez eu mesmo
me encarregue disso, daqui há
alguns anos. Então, aí está a
nova razão: estar sendo tudo
inutil. Pois sinto que não levo
uma existência normal. Serei
sempre frustrado, se perseverar
nisso. Porque, em minha carreira
me formei deslocado, construí
um passado irregular que trará
sempre circunstâncias desagradá-
veis, porque minha sensibilida-
de nem sempre foi bem inter-
pretada, meus silêncios, minha
maneira de ser, meus próprios

(5a)

ato, talvez, e terei de viver quase sempre à margem, como um pranda. chuva que só se procura quando se precisa dele, mas que muito acham ridículo e por isso preferem capa ou molhar-se todo.

No entanto me procuram às vezes como Oráculo. Pintome melhor nenas ocasião e procuro não desapontar o pedinte. É claro que ele não se satisfaz enquanto não tenha falado tudo o que queria dizer e, terminada sua confissão, será completamente surdo às minhas palavras. Começo-se de que sou bom ouvinte. Mas esse, apesar de tudo, que me fale, talvez pelo que haja de canção de ninar criança no tom em que o Oráculo Zona aconselha.

5b

Não custa alimentar uma ilusão enquanto se vive. Ou, o muito que custa é a satisfação de sentí-la. Por certo não será eternamente uma ilusão. Ou morre por si, como a flor na planta em que se abriu, ou a matamos, como a mesma flor se a transplantamos para um vaso. De qualquer maneira sempre é mais humano, mais justo e normal que a deixemos fenecer depois que deu tudo o que tinha a dar. Se algo se enraiza em nosso espírito é porque fará parte de nossa personalidade, e, como parte integrante do ser, está aí para cumprir uma certa e determinada missão, ou finalidade brilhante de fogos de artifícios. Deixemo-la pois, em ilusão e os demais, vivendo sua vida. E já que a conhecemos e sabemos de sua existência, concorramos

com o que sobrar de nossa forma-
ção, chamamos sua formação, sua alimentação, mesmo
que um dia venha a nos
dominar e nos escornaçar —
como o filho que ao nascer
mata aquela que o gerou.
Não a enigmática inconscientemente? ~~Vão o boy para viver~~
~~de próprio porque o chamaram~~
~~ao banquete?~~ Quem planta
o germen é responsável por
sua criação.

Estar só. É delicioso estar-se
só e voluntariamente. Saber ao nosso
alcance a possibilidade de movimento,
ruído e gente: abrir uma janela,
vestir-se, sair.

Mas estar só, em silêncio
e voluntariamente não é fácil.
Eis-me proibido deste so-
nho. Serei melhor por isso?
Quem falará mais eloquente

no silêncio?: os planos ou os fracas-
sos! Nem sempre nos reduzi-
rão aos outros, nem sempre se têm
reduzido.

Haverá quem conceba reali-
zar um fracasso para si? Mesmo
o suicida recorre à morte como rei-
vação, (ainda que interiormente
duvide e busque argumentos e
se desespere).

A mentira é constante: no
silêncio ou quando nos perdemos
na vulgaridade ou quando nos
reunimos na pedanteria. Sempre
em presença o que se pensou e
o que pensamos realizar. O réu
conta as ocupadas pela dor, o
alpes pelas pedras que separa
uma a uma, e se tem pena de
terminar é que lhe pesam os bra-
ços, não o remorso. No entanto,
o homem que vive e sofre as ocu-
pações olhará ele para o certo
das pedras e desesperará pelas que

faltam ou pelos que já sofreu? Não conhece o número dos que faltam. Mas, de qualquer modo, toda a que sofre a mais será um crédito.

Dores superpostas. A ferida cresce. Será preciso ir até ao fim para voltar a fechar-se a chaga.'



O criminoso conhece seu castigo. Prepara-se para sofrer até: (aqui o fim). Eis portanto uma imagem imprecisa.

O adolescente

Ela me esperava. Vesti-me com essa certeza, ainda que a tarde nada apresentasse de anormal, talvez apenas uma apreensão para dali a duas horas. ~~Enquanto me penteava, olhei o céu pelo espelho~~

~~e fiquei em dúvida se devia levar a capa ou não.~~ No entanto, era certo que ela ~~não~~ estivesse contando os minutos, pensando em mim, alimentando ~~com fogo brando~~ a esperança de que eu não faltasse ~~"desta"~~. ~~Já~~ Sentava-se na banqueta da penteadeira, namorando seu próprio olho na imagem do espelho, achando-se moça ainda e convencendo-se disso pela cor negra dos cabelos, ~~negra e empastada~~, os dedos, ~~se contraindo~~ mergulhando neles, ~~com cuidado~~, ~~feito~~ e ~~saindo~~ brilhantes de ~~serviço~~, ~~liso~~ para ~~baixo~~ procurando ~~do anel perdido~~. ~~e saindo os dedos~~, brilhantes ~~isso~~ para ela era como acomodar alguma ~~coisa~~ ~~numa pasta mi-~~ ~~tando~~ e voltando com perfume ~~da~~ ~~pasta de flores~~ que trapia ~~suas~~ de ~~adolescência~~ infância para dentro do quarto, ~~pois que nunca mandara de pôr~~ ~~fumo~~ ~~tinha a marca de extrato~~ ~~que usava~~. Isto eu podia perce-

ber um seu sorriso que se demorava no rosto até ir perguntar o que havia. Entao contava e eu não portava de ouvir, mas ouvia por displicência, deitada, correndo o olhos pela parede e sentindo o desejo inútil e cansativo de que a fachada da casa cedesse e o mundo todo descobrisse nosso espaço. Ela vivia entre sombras: o quarto dela escurecia propositadamente com uma cortina na porta, e outra na janela, escuras, um verde quase negro; e a volta ao acontecimento do passado chegava a ser mórbida, procurando dessa forma conservar a mocidade no pensamento já que o tempo não lhe permitia mantê-la em seu corpo. Perguntei-lhe: não tem medo de envelhecer? "Tenho raiva" — respondeu em seguida, sem embaraço, acostumada a se dizer constantemente isto. Não se ofendeu com minha pergunta nem se achou ofendida à minha presença. Pergunta e resposta foram como se tivessemos parado de conversar para ouvir o barulho de uma pedra que se atira água, recomeçando depois sem haver perdido o assunto. Ela sempre olhando-se ao espelho que falava. Não que estudasse expressões ou fizesse poses; dirigia-se a si mesma e se o fazia em voz alta na minha presença era para poder falar em voz alta, coisa que, sozinha, lhe parecia ridícula. Não era admirava olhava também por narcisismo; sabia os pontos em que era irremediavelmente feia e, já gorda, sendo meridional, conformara-se. Era como se quisesse sentir o tempo passar por ela, pará-la,

acostumar-se a uma sequência de instantâneos ~~cujo ponto~~ de descerrando uma uma cena maravilhosa; ~~que~~ ~~vai~~ a surpreendida ~~de~~ ~~cada~~ ~~vez~~ ~~que~~ ~~ela~~ ~~abria~~ os olhos em vez de ~~escuro~~ dilúvio absoluta.

Daí, ~~andando a pé~~ os olhos nas nuvens ficando sempre mais escuras pela noite e pela chuva que viriam. Rir. Ri, ~~a pé~~ ~~pelas ruas~~ e me surpreendi com a mão suspensa para apanhar uma flor azul desfolhada, num. quase: ~~não~~ o pensamento de um filho que leva rosas à mãe. Senti-me ridículo imaginando Clotilde cheirar a flor e beijar-me a testa agradecendo. ~~Rosa~~ Aliás ~~que da forte velha: tão grande assim~~ ~~a diferença de idade, Eu, um~~ ~~para de leite com, ela o~~ ~~nos~~ ~~leite ponto a~~ ~~chamava~~ Entretanto ~~Eu~~ Estudo corria ~~ou antes, quando~~ ~~ela~~ minguada não alcançava vinte anos. o dobro ~~ainda~~ não é - ela ia, pr'ento.

como para que eu sofresse as mesmas experiências que ela e me ilustrasse com isso, para ficar em condições de transplantá-las depois a uma outra corpo. Compreendiamos ~~isso~~ o que se passava, eu aceitava-a friamente, ~~x~~ até certo ponto — pois se nossas relações eram vulgares e calculadas da minha parte, ela não se podia conformar com isso, embora se esforçasse não fazendo perguntas, por exemplo, com medo de ~~de~~ decepcionar-me, mas Clotilde, ~~tão~~ ~~em~~ ~~pouco~~ ~~tempo~~ ~~ela~~ sentimento acordo ~~tolerante~~ ~~e~~ ~~contrariada~~ apenas ~~a~~ o cálculo ~~natureza~~ ~~morbida~~ ~~prevalecer~~. Por isso sofria, um sofrimento quasi doce, ~~cultivado~~, mas completamente desabrochado, mas cultivado com carinho, de início, por parecer frágil e desprotegido. No fundo de seus olhos, no entanto, já se via de relance um receio de que esse sentimento viesse a ser uma

~~fora~~ pedra ~~arrojada~~ nascida pelo pião de
areia que ~~deixou~~ deixou do monte. Mas,
~~porque~~ não podia ~~ela~~ ter o ~~conhecimento~~
de que a pedra estava ao pé.
Sua primeira ~~experiência~~ tentativa de
amor havia sido forçada por
outrem, esta, inteiramente sua,
~~era dela~~ surpida com cuidado,
lentamente, como lentamente
se forma o feto nas entranhas,
~~e como a natureza abre a flor~~
tinha o valor de um sonho lon-
gamente aspirado e finalmente
~~conseguido~~ obtido. Julgá-lo com-
pleto, definido, imovel, seria
matá-lo com o radismo de colé-
cionador de borboletas; ~~ampliá-~~
~~va-o~~, então, ~~ainda que talvez~~
a perdê-lo por isso.

Entrei na rua onde
morava e ~~subi~~ comecei a
sentir a chuva ~~nos cabelos~~ na sua cabeça,
e a roupa foi ficando escura
nos ombros e na gola. Quasi
noite. C a chuva facilitava-me
entrar sem ser visto, pois nin-
guem estaria às janelas. Estra-
nho: não me sentia culpado de
nada. Minha consciência era
uma vela branca no mar. Mas
Clotilde tinha um pouco de onda
revolta, nos gestos, nas palavras,
nas profundas olheiras dos olhos
castanhos. Arrependimento não
seria, nem identificação com o
erro, mas um estado próximo do
desejo de não ter sido livre para
escolher o primeiro amor e de
reconhecer o segundo como ~~proi-~~
proibido. Por isso, o perío-
do de ser desenganado ~~foi~~ mais figurava
~~figurou~~ em suas recordações reais
em ~~frente~~ frente ao espelho. No entanto,
seus gestos denunciavam-lhe a expe-
riência de outrora e sentia prazer
podendo ensinar: "vivi antes de
ti vivera, e ~~ainda estar~~ estar ti
igualando a ~~mim~~, encantando-ti,
~~estranhar a experiência~~ pois estar mais

uma vez me antecipando a ti, ~~ti~~ quando te ensino."

Cheguei. Abriu-me a porta e sorriu. Entramos no quarto e confessou ~~te~~ esperado o dia inteiro a chegada daquela hora em que eu viria. Beijou-me o rosto e, fechando os olhos, deixou escorregar, maciamente os dedos pela minha face como se ~~tivesse~~ lesse aí o que reconhecer depois de cega. Abriu os olhos: eram líquidos de paixão e imaginei-lhes as íntimas vozes se lhe sacudirem com força a cabeça. Afastei esse pensamento absurdo e ela sorriu de mim, mas não perguntou nada. Nunca me perguntava nada. Ausente, pintava-me como desejava que eu fosse; era ~~a~~ suficientemente esclarecida para não ~~me adaptar~~ me identificar ~~em todos os sentidos~~ com o modelo, e, assim, feroz não me desejava falar.

Ajudou-me a partir, como sempre, para a penteadeira. Soltou os cabelos e vi seus braços saltarem brancos e flácidos para fora das mangas azuis quando levou os dedos ~~para~~ à testa ~~e fincou~~ ~~fincou~~, as pontas desaparecendo entre os cabelos. ~~como dentes de gato~~ Pareceu-me mais velha, a carne mole, os seios escorridos que o espelho deixara ver. Meu atordimento dos primeiros encontros impedia-me de observar. Agora, que os fatos se repetiam, sobravam claros de tempo em que o pensamento analisava a situação. Mas, mesmo assim, eu preferia demorar os olhos sobre seus movimentos vagarosos de se vestir, de pegar a pluma e bater no rosto; ~~espalhando o pó de arroz~~; ouvir sua voz de timbre puro, um pouco calculado, talvez, querendo parecer com ela to-

do o canto ~~do quarto~~ para ~~encontrar~~ ~~me distrair com~~ nada ~~mais~~ ~~vinda~~ ~~a vis~~ distinta daquele ~~que me distraia~~ ~~ou~~ eu carregava comigo certa vergonha do primeiro dia ~~em que~~ ~~não gostava~~ e evitava pensar nele demoradamente. Era natural que para mim a vida tivesse sido iniciada com esse acontecimento: antes dele tudo ~~o mais~~ fora apenas a preparação ~~desse fato~~, por isso ele era um marco anunciando o ponto mais alto e ao qual se chega cansado, mas de um cansaço voluntário que, nos faz esquecer completamente ~~os~~ as dificuldades da subida. ~~Os dois~~ Esse sentimento de vergonha, ~~ao entrar~~ era muito de mais para eu julgá-lo fora de propósito ~~absurdo~~ e esquecê-lo: foi a surpresa ridícula de me ver abraçado e beijado por ela, ~~no pior~~ ~~acaso encontrar~~ inesperadamente. Notou meu embaraço e demonstrou justificando ~~o~~ ato: "É tão útil para ti como necessário a mim". Naturalmente haveria alguma tensão interior ~~em todas~~ nossas relações anteriores e seus olhos eram um constante atestado disso, brilhantes, ~~e~~ apaixonados, fundos nas órbitas, a pele escurecida ao redor, ela emergindo como mãos crispadas. Mas deste ponto à realização, ~~havia um~~ desdobrava-se uma valle diante de mim e ela o transpôs com um só gesto. Era ~~lógico~~ natural que o sentisse: me parecia absurdo que o praticasse.

Clotilde tirou o olhar de sua imagem e voltou-se para mim, despido sobre a cama, a colcha branca despejada ~~como~~ ~~estava~~ no chão. Não paravam de falar e contar como portara de se embrenhar no mato, quando criança; ~~cortou-se~~ ferida pelos espinhos, ~~e pontas de palha~~, sentiu-se aflita com a idéia ~~a propósito~~ sobrevivesse a ela —,

de ~~se~~ perder e vagar até à noite não encontrando saída. "Mas seria impossível — dizia — porque era um bosque pequeno. Mesmo que eu ~~fosse~~ fechasse os olhos não conseguiria; no entanto, usava da melhor maneira possível minha liberdade."

Comecei a vestir-me; ~~ela~~ abotoou minha camisa chamando-me pelos costas enquanto ~~eu~~ penteava e penteava os cabelos. Colou seu rosto ao meu e nos olhamos pelo espelho. Reparei em seus lábios finos e comparei nossas faces, sentindo o morno de sua carne encostada à minha. Afastou-se bruscamente, ~~rapida~~ ~~ao tocar~~ o que ~~estava~~ pegara, e entregou-me a gravata sem me encarar. Por certo ~~trapaça~~ escondida a convicção de me perder, ~~mas~~ tudo, enquanto ~~pretendia~~ ~~prolongar~~, retardaria esse ~~tudo~~ momento. ~~Tudo fazia~~

~~para conseguir-lo~~. Passara noites estudando o meio de trazer-me a ela, quando vizinhos, passáramos um pelo outro e nos cumprimentáramos. Conseguira introduzir-me em sua casa, porque ~~sabia~~ do meu amor pela música e possuía um piano fechado na sala. E o piano ~~foi~~ a parte visível do plano oculto que nos ligava, fazendo-me voltar a ela mesmo depois que ~~me~~ fui para outra rua.

Pronto para sair, atravessamos abraçados a sala e entreabri o piano no canto, como se nos olhasse ~~de escuta~~ ~~roqueta~~ forçada de surdo, um ao lado do outro, esperando alguém para o debulhar. Era noite ~~e de fora~~ e pensei numa pessoa aparecendo de repente batendo na porta em que estávamos encostados. Se ele estivesse aqui? — perguntei. "Não viria mas. Nos primeiros ~~tantos~~ tempos cheguei a esperá-lo,

apoia se ~~ela~~ ela se apoiaram tanto comigo como aqueles que me apoiaram em meus maus. "Ela ~~era assim~~ Não falava com ninguém. Era desprezada, abandonada, — diziam — mas era respeitada, do seu jeito que ela se fora por não suportar vê-la tolerando-o, apenas, ~~por não ter podido~~ escolher como sempre sonhara. como a uma roupa que se usa enquanto não se tem melhor, — e até ao dia em que teremos. Justamente esse sentimento de provisoriedade de humanidade, fazia-o abater-se dias inteiros. "Assim — confessou ela — foi-se como chegou: indesejável."

Beijamo-nos ainda, ela tateando depois meus lábios, ~~ressecados~~ com a ponta dos dedos. Tudo escuro, mas eu sabia que ela conservava os olhos fechados. E quando saí para ter que a impressão de ter um fantasma pousado, em meus lábios que fugindo logo aos primeiros pingos de chuva.

Ela me amava. Não como a um homem, talvez, mas como a um princípio pelo qual ~~ela~~ pensável. ~~Ela~~ Era então começara a ~~ser~~ me ~~ser~~ amado, ~~começo~~ porque me sentia ~~não mais~~ incompleto, como se desse amor dependendo de alguém, ~~mais~~ incompleto, o desejo de vê-la, o compromisso de lhe corresponder os ~~amor~~ sentimentos. Porque superestar-se assim a um plano preestabelecido? Ser uma asa inativa, onda imobilizada; ~~estar~~ ~~o sangue~~ parar enquanto o sangue continua correndo e exigindo ação. Não ser "em" mas permanecer, o "ser" sonho. E os pensamentos ~~eram~~ eram aos pares, sem pena, — inadiáveis. Eram,

como ele, uma vez procurando fixar limites. Tinha, então, a coragem de assumir decisões, antecipar-me a ela ~~antes que ela fizesse comigo~~. ao menos uma vez, e tomei a ~~suprema~~ resolução, ~~abandoná-la~~, ~~ao~~ ~~sofrido~~, ~~pela falsidade~~ ~~piedade de seu sofrimento~~ por saber ~~até que ponto seria~~ ~~sofrido~~ ~~penoso~~, mas evitando meu próprio sofrimento. Abandonei-a.

Areia

Havia uma grande palma caída e a brisa carregando areia para cobri-la. O ~~cogueiro~~ estava ~~movendo-se~~ da mesma maneira, o mesmo som de folhas ~~roçando~~, como se ~~Quando?~~", ~~perguntava-se ele~~. Ela ~~se perguntava: "Por que?"~~ Ambos

olharam em silêncio a folha desaparecer lentamente, muito lentamente, talvez mesmo a noite chegasse antes de ela ~~estivesse toda desaparecido estivesse enterrada~~.
Seria melhor que anoitecesse primeiro, ~~ele compreendia~~, pois, se a ela parecia que um simples movimento seu era ~~a~~ suficiente para libertá-la da areia, ele sabia que normalmente os grãos tratariam de enterrá-la, ~~para sempre~~.

— Quando terá caído esta palma?

— Por que deve ~~ela~~ ser soterrada?

Olharam-se e permaneceram imóveis, ~~seus corpos~~ deitados ~~lado a lado~~ na areia quente. Na palmeira as folhas balançavam-se, como sempre, cochichando ~~sinais~~ ~~feitos~~. ~~No~~ Apesar entanto, pensava ele, ~~está~~ do chão, completamente, livre, aí está, reduzida à impotência: quando ao ~~cogueiro~~ nada mais ~~lhe~~ que agitar-se ao vento e, agora, ele mesmo ~~tratou os grãos de areia para~~ cobri-la.

→ encarregou-se de → escondê-la.

Mas ela, conservando ~~a~~ mão
diretamente as dele, e experimentando com a
calor da areia, ~~com a esquerda~~,
~~pensava~~ angustiava-se ante a
certeza de que nada podia ser
feito para reanimar a folha
caída, ~~ele~~ ~~liberta-la~~, ~~tirá-la~~
~~fazê-la~~
outra vez verde, ~~a~~ devolvê-la à
árvore e, fora de si em sua
aflição, ~~articulou~~ murmurou:

— Deve haver um meio.

— Não, começou ele, ~~pausadamente~~:
~~a vida~~ partida é necessária e ine-
vitável. Estamos nos despedindo.
Porque prolongar esse sofrimento?
~~Ela~~ Ela compreendeu-se, de início mas
logo ~~depois~~ compreendeu o que se
passava. Não chegou a ouvir toda
~~as~~ palavras mas percebeu que
ele dissera "sofrimento" com uma
entonação irritada na voz e pen-
sou: "devemos nos separar agora",
mas não teve coragem para ~~dizer~~.
Apertou-lhe a mão tremendo ferdi-
+

~~do~~ Ela respondeu ~~nada~~ e arrependeu-se
~~logo~~ ~~dele~~ ~~gesto~~ por julgar que antecipava a separação.

+ b e, com o mesmo temor, arrependeu-se
do gesto. Percebeu seu rosto al-
çar-se sobre si e cobrir o azul do
céu. Viu seus olhos ~~azuis~~ e olhou-se
dentro deles. Disse com pressa:

— Se me amasse como eu te amo...

~~Logo voltou o azul~~ Ele voltou
ao seu lugar e suas cabeças toca-
ram-se de leve.

— Porque não te amas intensa-
mente?, ia ele perguntar ~~a ela~~, mas
lembrou-se que já lhe dissera
isso e que recebera como resposta:
"em mim nada tenho de grandioso".
Lembrou-se também que a detestou
naquele momento, por ~~aquela~~ sua fra-
queza, e que pensou dizer-lhe:
"Ama teus sonhos, ama teu peca-
do". Mas tinha quase a certeza
de que ela lhe diria: "Pois ~~é~~ porque faço,
~~precisamente~~, tu és o meu sonho

e o mar pecado." No entanto, era preciso dizer alguma coisa. O céu todo azul, o calor, da areia aos grãozinhos batiam ardendo no corpo como picadas — imaginou-se coberto de mel e as formigas se aproximando dele —, o sol pousado em seu corpo como morcego, [illegible], era preciso dizer algo, porque ficaram ressoando as palavras "se tu me amasses como te amo," como eu te amo, ela dissera, e o eu foi justamente dito para ficar tatuado em sua mente, eu te amo, eu te amo. Sentia-se livre, mas temeu olhar em volta como se de repente a duna fosse um deserto inteiro e aquela mulher seu único caminho, o único caminho aonde experimentar sua liberdade.

— Bem sabes que te amo, ouviu ela, e desejou dizer

"sim, não o duvido, mas tu amas apenas minha presença, meus lábios, os cabelos, como dizes, e eu... eu quero-te também pela tua ausência, pela esperança de reencontrar-te, quando me deixas só. Amo a certeza da volta e alimento-me com a recordação de tuas palavras e das carícias que trocamos."

Cruzaram-se-lhe os olhos d'água e suspenderam a respiração por instantes, procurando dominar-se. Contemplou o azul em silêncio e aconchegou-se mais ao corpo quente que jazia imóvel ao lado do seu. Deu-se conta do rumor das ondas e perguntou-se como seria a vida sem todos aqueles momentos em se permaneceriam vãos para sempre. Ela se convencera de que tudo na vida é consequente, sabendo que ele partiria para não mais voltar, sentia-se prejudicada, como

se todos os carinhos empenhados, o beijo comedido, ficasem estampados em seu rosto como marca de canôa, e seu espírito, até entaõ ~~quasi~~ totalmente sonâmbulo, naõ queria, absolutamente, receber aquilo como ~~uma experiência~~, uma prova, um treinamento, — a preparaçaõ para a vida. Desejou poder abandoná-lo, despojá-lo, mas, levantando o busto, caiu em láguimas sobre seu peito nú.

Ele conduziu-lhe o rosto entre as mãos até seus lábios ~~e abandonou a cabeça~~ e apagou-lhe os soluços com um beijo. Voltaram ao silêncio, um ao lado do outro, os olhos fechados, a brisa envolvendo-os e querendo cobri-los de areia como à folha de palmeira. Ouviam o ruido do mar, como era estranho! O ruido encontrado na areia, era como se os anos fossem secos e se quebrassem sobre eles, igualando a casa se desmoronando. O sentido do mar... Mas era a duna que o impressionava, como se um parentesco de sangue os unisse. Sentia por ela a atraçaõ que uma mulher jamais lhe despertara. Entretanto, naõ se aplicava em descobrir essa relaçaõ porque percebia ao longe uma fraqueza imensa, nessa mesma duna; naõ era a ela, em si, que amava, mas era ~~sua~~ possibilidade de movimento, essa insatisfaçaõ, e tinha pois naõ ser dela mesma tudo isso, naõ ser completa, e necessitar do vento para realizar sua angustia inconsciente de se transformar.

— Que me importa?, interrompeu ela seu pensamento.

— É melhor mesmo, te

conformar-se, aproveitou ele.

— Não, não é isso, lamentou-se ela, é incapaz de explicar a propósito de que viram aquelas palavras, ~~ele atou~~ ~~a~~ ~~propósito~~. Como pudera ele supor que lhe seria tão fácil ~~a~~ conformar-se esquecer? Ou lhe seria mais cômodo supor que ~~ela~~ ela o esqueceria com a mesma facilidade que ele? Pensou dizer que nada ficaria ~~um~~ dito depois que partisse. Mas achou-se ridícula pronunciando essas ~~tão~~ palavras ~~piedosas~~ e convenceu-se de que, mesmo sendo verdade, jamais as ~~pronunciaria~~ diria, como simpatia, resolveu, "porque ele há de sofrer sabendo que ainda o amo."

— Não te esquecerei assim depressa, como o desejas.

— Tenho a impressão de que nos esqueceremos ao mesmo tempo um do outro — disse ele, e pensou: porque fala ~~ela~~ em esquecer? ~~Nada mais~~ ~~porque~~ ~~que~~ ~~um~~ ~~complexo~~ ~~formado~~ ~~de todos~~ ~~nós~~ Temos um pouco sempre um pouco de cada um que encontramos — e com quem convivemos —, e incorporamos a nós esse "pouco" e usamos dele sempre que é necessário. Como, pois, esquecer?* Sempre me lembrarei, por exemplo, que ela me disse uma vez: "~~Tenho~~ ~~minha~~ ~~capacidade~~ ~~de~~ ~~esquecer~~ todo esse encontro no meu diário?"; porque a sua incapacidade será tantas vezes a minha pela vida afora..., e eu estarei usando suas palavras a propósito de tudo.

* Agora ela estava ferida porque lhe dissera: não te esquecerei "como o desejas", e ele passara por cima dis~~so~~ ~~com~~ ~~a~~ ~~indiferença~~ de quem esmaga flores nas procissões. No entanto,

~~sua dor se ela rebatesse~~ ~~essa~~ ~~sua~~ ~~desespero~~" ela não se sentiria menos infeliz se ele lhe houvesse respondido algo carinhoso, porque descontaria de sua sinceridade. Por outro lado, com que direito igualava ele suas capacidades de recordar o passado? Tinha a certeza de que, se fosse o caso de esquecer, a ela é que caberia achar-se só, com toda a recordação acumulada para si. Entregou-se a um "desespero calmo" — como gostava de dizer — ao entregar-se sem direito e um sentimento do ridículo ~~afastaram-se dela~~ ~~desapareceram~~. Ao mesmo tempo que ~~ela~~ se rendeu ~~se~~ ~~de suas lembranças~~, abriu os olhos em direção ao sol e desviou-o para o rosto de seu amado: viu-o através de uma sombra ~~espécie de penumbra~~ azulada, depois fechou-os com força, comprimindo as pálpebras, e observando a mancha de sol que ia mudando de côr até ficar ~~rosa~~ de um roxo triste que lhe trazia à idéia os santos encobertos da Quaresma, ela de véu na cabeça, andando de vagar em direção ao altar, o rosário enrolado nas mãos e uma oração decorada nos lábios, quando sentiu a areia quente que ele lhe derramava no braço. ~~disse~~:

— Então, já te esqueceste de mim?

Ambos se sorriram ~~falsamente~~ ~~encararam-se~~ e rolaram pela duna ~~indo~~ ~~alto~~ ~~como duas crianças~~ ~~brincando~~ e por um momento foi como se tivessem esquecido por completo ser aquele o último encontro. Abraçaram-se e rolaram pela duna. Mas logo em seguida ela desembaraçou-se dele e arrastou-se

até a folha colhida da felmeira.

— Eu te amei muito, falou baixinho, como para ela mesma e mais ninguem ouvir. "Porque hei de dizer que ainda te amo da mesma maneira, pensou, se desprezo esse ~~amor~~ sentimento tão profundo?" E isto ela jamais teria coragem de dizer em voz alta, pois estava decepcionada consigo própria, e uma pouco envergonhada de si. Talvez não fosse tão profundo, esse ~~sentimento~~ amor que julgava ver desprezado por ele. E sua decepção vinha tambem de não "sofrer" realmente uma separação, mas suportá-la como algo amiudamente esperado. Detestou essa clareza de espírito prático que brilhava dentro de si e ~~se culpou por~~ espantou-se por encontrar tão perto ~~de si~~ uma pessoa a quem culpar por isso. Justamente ele, durante todo o tempo de sua ligação, nada mais fizera que inspirá-la de um senso comum da vida, de amoldá-la para aceitá-lo como ~~ele~~ o era, "um meteóro" ~~que estava de~~ dizia, que estava sempre para partir sem deixar raizes. Lamentou, então, todas as lágrimas que derramara e quis lembrar-se do instante exato em que passou a encarar os fatos com mais sinceridade. Sublinhou "sinceridade" com ~~uma pouca~~ ~~dela~~ de ironia e lembrou-se da mancha de sol projetada nos pálpebras: "entao, foi esse o momento? Teria sido quando ~~vacilou~~ pensou a vacilar "se valia a pena sofrer todos aqueles instantes, ou se ficariam vãos para sempre?" Perdeu-se nessa busca do ponto inicial e, as mãos enterradas na areia escaldante, ouviu:

— Olha o sol derramando, é hora que vamos embora.

Ele ~~provocou olhares~~ fitando-se ~~de cá~~ levantou-se e olhou o mar com duas passadas voltando. — "Pensa na ~~fuga~~ viagem", — disse ela. — Mas ele dizia consigo: "Qual será ~~precisamente~~, afinal, o meu caminho? E se eu o estou abandonando neste momento .... será para jamais reconquistá-lo, certamente". Sentiu-se triste e só, mas não chorou porque ela arrancou da areia a folha caída e, tomando-o pelo braço, disse:

— Vamos. O vento que reconhece sua obra.

Para escrever algo sobre três ou quatro prisioneiros que projetam a fuga: a idéia terá surgido dos pensamentos indolentes, da in-

dolência física que tem como conseqüência, muitas vezes, uma atividade febril da imaginação. Um, então, terá concebido todo o plano, sentindo prazer nos detalhes (ainda que seja um plano simplório e quase descabido). Com este, portanto, o problema conterá uma primeira parte, a concepção do plano; uma segunda que será a explanação da idéia aos companheiros, e, afinal, uma terceira em que ele sentirá a indecisão: já haverá gozado na mente o prazer da fuga, e, sendo um detento por trinta dias, nada lhe trará de melhor a evasão, — não virá melhorar sua situação. Outro, como todos enfim, terá pensado em fugir, pois esse pensamento passará obrigatoriamente pela mente de todos os prisioneiros do mundo, — como o desejo de morte e de suicídio chega ao homem livre, um dia — mas, esse outro haverá ape-

nas pensado como por obrigação, sem se deter sobre o problema, porque ele sabe que toda a fuga é castigada severamente e que nada de bom lhe resultaria. No entanto, quando um lhe põe ao corrente da concepção ele lhe dará todo o apoio, de início unicamente porque percebe o prazer do companheiro em expor seu plano, depois por sentir-se contagiado por esse prazer, pelo prazer de ludibriar a vigilância, ainda que não tenha raiva dela (no entanto se ela não existisse, ele não entraria no plano). No entanto ele teme que depois de fugir terá sentido arrependimento, mas também arrepender-se-á se não seguir os companheiros: (qual o arrependimento maior?). Resolve pois "fugir" até ao momento final e desistir depois, quando todos tiverem se escapado. Mas no instante em que um sente que já "fugiu" o suficiente, outro, decepcionado pelo amigo e enojado de sua indecisão, fugirá por ele. Portanto: um fugiria pelo amor à liberdade, mas seu plano foi o suficiente para alimentá-la: é um contemplativo, apesar de tudo; e o outro, que desde o início estava de acordo mais por solidariedade, que por interesse próprio, cuja maior parcela de prazer estava no poder ludibriar à sentinela, este será um dos que fugirá para não desperdiçar o plano do camarada. Estes dois serão "presos disciplinares", com penas de pouca duração. Haverá um terceiro, condenado a um ano, por crime de "deserção", que sabe perfeitamente que voltará, voluntariamente, pois não tem absolutamente a quem recorrer: talvez se entregue no mesmo dia, ou no dia seguinte, mas quer fugir pelo prazer de ser livre por esse tempo. Jamais des-

pregaria essa oportunidade e
se não eternizara a idéia pri-
meiro que o outro é que não
teria coragem de fugir sozinho,
e depois de pôr o outro ao corren-
te do plano seria forçado a execu-
tá-lo, sob pena de sentir-se des-
prezado e desprezível para sempre.
Sorrirá, pois, a tudo o que um e
outro disserem e concordará não
por solidariedade, como o outro,
mas por auto-satisfação e pelo
amor à liberdade (ainda que ele
volte justamente por tentá-la, por
não saber precisamente o que
fazer dela, por incapacidade de
usá-la.) Aliás, para tornar-se
um desertor já agira assim, por
um ato gratuito, inconsciente das
consequências, ou para poder re-
fletir, justamente. O quarto
será um preso à disposição da
justiça, preso ainda por pul-
gar, pelo crime de haver mata-

do um homem, em defesa própria.
Será introspectivo, passará dias
olhando o teto em silêncio, e por
isso será respeitado — por isso e
pelo temor que seu crime produz.
Mas o problema será naturalmente
doloroso: por não saber qual o re-
sultado do julgamento a que será
submetido; pelo desespero de aguar-
dar esse julgamento, pela dúvida
da solução. Uma coisa não haverá
nem homem: o arrependimento de
haver assassinado; pois tratava-se
de sobreviver. O que significa
matar alguem, quando, pelos
acontecimentos, um deve ser ani-
quilado? Como todos, o quarto terá
pensado na fuga, por temor de que
a justiça humana falhasse; mas
quando lhe falam na evasão, con-
tenta-se com sorrir e afasta-se
do grupo para ir deitar-se e mi-
rar o teto. Terá sonido mas, a par-
tir desse momento notará em si

o despertar do ódio pelo um; o
ódio que jamais teve por ninguem,
mas que nascia com essa pri-
meira conversa e aumentava
dia a dia, como contra-veneno à
sua angustia que tambem crescia
por mais essa dúvida: fugir ou
não fugir? Compreendia que a
fuga seria um argumento pró
acusação. Mas não fugir e espe-
rar o resultado ... e se o resultado
fosse a perda da causa? Tambem
seu ódio por um terá fundamento
na inveja que terá por ter sido
um quem manifestou primeiro
o plano. Quem, a não ser o quar-
to, teria o direito de sonhar com
a liberdade, mais intensamente
que ele, já que ele, apenas ele entre
o quatro é que poderá perdê-la
por muitos anos? E no final
ninguem, quando vier, verá apenas
uma grande bandeira presta

a cair de um mastro, ele se lança-
rá em sua busca e fugirá — ape-
sar de tudo. Enfrentará a liberda-
de apesar de tudo. Quando um
disser que não vai se evadir, quan-
do o outro se escapar com nojo
de um e pela obrigação de ir "com-
pletar" a personalidade de um, e
por sentir aí nesse ponto o que
poderia repercutir, como teria re-
percutido nos outros sua própria desis-
tência calculada; quando isso
se passar e o desertor tiver trans-
posto a fenda com sua esperança
imbecil, o quarto, em sua evasão ~~não~~ terá perdoado um e
decidirá que um apito falso em
substituição a ele, a ele que devia
ter agido antes. Perdoará a fraque-
za de um porque compreende na-
quele momento que ela apenas ante-
cede a sua — não se iludo que
se arrependerá, assim como sabe
que voltará a prisão, embora faça

tudo para manter a liberdade.
E cada um terá, para si ou
para os outros, consciente ou incon-
cientemente, um segredo. (Nem
sempre é a parte mais miseravel
do ser que se conserva em segre-
do — essa é desmudada, muitas
veges, por provocação, num mo-
mento de revolta contra si próp-
prio; ou para se saber até aonde
somos acreditados e até que pon-
to nos seguem: pois a verdade
parece mentira em certas ocasi-
ões, e muitos preferem considerá-
la assim a se darem por venci-
dos, a reconhecer que foram lu-
diabriados.) Assim, nesse problema
da fuga, cada um manterá um
segredo — humilde, miseravel ou
cabotino segredo.

A ação terá início quando
for descoberta a fuga. Haverá então,
dentro da prisão, um homem com
os olhos vermelhos como se tivesse

chorado o resto da noite. Não se saberá
quem é ele, inicialmente. Depois pro-
cessar-se-á o resto da ação, ~~retrospectiv~~
~~cronicamente~~ até ao ponto final, o momento
da fuga. Até certo ponto do desenrolar
dos fatos será, pois, desconhecido o
homem que ficou. Quando o autor
planeja fingir para os outros que irá
e dizer para si que ficará, o leitor
pensará a crer que terá sido ele
quem ficou. É bem verdade que ha-
verá um pouco de indecisão em to-
dos os personagens, mas diante des-
sa auto-afirmação será evidente a
identidade do desconhecido. O assas-
sino deve permanecer um enigma de
ação até o último momento. Sua apatia
levará os companheiros a crer que não
poderão contar com ele. O leitor no en-
tanto deverá ser forçado a concluir que de
se encapará e sua atitude final surpreen-
derá não aos camaradas que a ninguem,
pois eles, preocupados em preparar o pla-
no não se lembram mais do assassino

Poderá ser aproveitada melhor a indecisão, talvez, da seguinte maneira: fazer outro diante da desistência de um. Nesse ponto permanecerá a dúvida sobre qual ficará, pois restam ainda três, e terá saído justamente o que decidira ficar. O desertor por certo sairá logo e restarão os dois. Qual dos dois mais provavelmente ficaria? O assassino. É preciso, apesar da fraqueza do outro, dizer alguma coisa que nos leve a crer que o assassino é que ficou. Talvez o outro queira se reabilitar perante os companheiros. (mas, desvalorizar mais uma vez a palavra?) e pensará também que, assim, será também castigado por não haver alertado a guarda. Poderá decorrer bastante tempo, até, para se efetuar a segunda parte da fuga, pá que a primeira turma não provocará suspeitas da sentinela. Quando, pois, estivermos persuadidos de que um deseja reabilitar-se, ele resolverá sofrer seu próprio castigo, e o assassino talvez lhe agradeça o que fez em prol de sua liberdade, e desaparecerá pelo buraco do teto aumentando a serpente e o emaranhamento de um que ficará imóvel para o resto da noite.

Os nomes: Eliezer será o que matou em defesa própria, Otaniel preparou o plano e será encontrado de olhos avermelhados no amanhecer, fazendo o que combinou ir tudo decidido ficar, e por fim Zavaris, o desertor.

Maria Fragia

~~Mas ela estava num mundo~~
~~e eu~~ Mas o mundo dela é um, e o meu outro. No entanto... quem sabe? Não, não convém alimentar por mais tempo esse sonho. Recuso outra vez mesmo de haver tentado qualquer aproximação. ~~Para~~ ela será melhor assim, pois. Continuará como sempre, o mesmo olhar

tranquilo, o sorriso igual, os lá-
bios pintando-se de luz, como
uma pétala de flor encontrando
sua imagem no espelho das á-
guas mansas.

~~Quando levantava-se tão~~
~~cedo~~. Ela ~~descia~~ subia pelo cami-
nho de casa, com os braços cheios
de flores e parava contrita pelos
dois álamos do portão e ~~cantava~~
~~baixo~~ baixinho "Ave Maria". Porque
os álamos ~~passavam~~ como duas torres
de igreja. ~~E havia sempre uma~~
~~pássaro pousado no último~~
~~ramo~~ e ela imaginava-o
~~como sendo uma cruz bem~~
~~alta~~ alta que as cruzes todas
~~nos~~ cantava, às vezes.

Chegando à estrada, apro-
ximava-se do oratório todo bran-
co por fora, ~~com~~ pintado de azul
bem claro e ~~por dentro~~. Ajoelhava-se, en-
costando ~~a cabeça~~ no alto as mãos
segurando as flores; apoiava
a cabeça nos braços e, sem olhar
a imagem, fazia a oração. Depois
levantava os olhos, ~~e~~ sorria ~~estendia~~
~~ela~~, e começava a retirar as
~~folhas secas e as murchas~~ flores
murchas do ~~vaso~~ antes. Enquan-
to isso, olhava para a imagem
do Bom Jesus coroado de espinhos,
~~com~~ as mãos amarradas e uma
~~pal~~ palma muito seca enfiada
entre os dedos. Examinava a ca-
ra ~~roxa~~ de ~~sangue~~ que lhe pendia
dos ombros e ~~satisfazia~~ verificava se os galos
~~tinham~~ de prata estavam inteiros.
Com um lencinho branco tira-
va a poeira da face de Cristo, mui-
to de leve, como se ensaiasse lá-
grimas. ~~E~~ Pedia ~~que~~ que os auto-
móveis passassem tão depressa, sem
respeito algum à imagem da beira
de estrada. X Punha-se na ponta
dos pés, depois de haver colocado
depositado a última flor, e, fazen-
do o sinal da cruz, aproxima-

va os lábios da mãe chagada
do Senhor. Ela ficava sempre
triste, porque se lembrava de que
mas não chorava ainda. Afastava-
se então alguns passos e olhava
o conjunto. Retocava
a posição das ramos e voltava
va a olhar. Trocava uma flor
por outra. até ficar satisfeita.

Corria à água e molhava
os dois vasos até que transbordassem
e lhe refrescassem as mãos. Como era bom
haver ali perto aquela água
fria e clara! Voltava ao oratório
e começava a arrumar os vasos.
Ajeitava as dobras do manto roxo
e sentia como ficava bem aquela côr e como dizia com a
tristeza do Cristo. Ela tinha os

olhos baixos e a face magra e
tão pálida! Depois fechava os
olhos, para prender o quadro completo
do oratório com a imagem e as
flores. Retirava-se, então, e ficava
por detrás da cerca esperando
que alguém passasse.
Quando aparecia, voltava
triste para casa; mas
se uma pessoa cumprimentasse o Santo,
levava a mão
à testa e ao peito sentia-
se leve, feliz, e corria para
casa com os braços afastados
do corpo e as mãos abertas, brincando
com o vento escorrer por
entre os dedos e imaginando
que as ramagens eram como as
asas de um pássaro beijando.
e agradecendo-lhe as flores. ①

Duas vezes encontrava

(2) Encontrei-a muitas vezes, à tarde, na varanda cheia de sol, sentada junto dos potes de ~~areia~~ barro, ~~que~~ descendo em ~~cone~~ escama verdes e enroladurando-lhe a cabeça. Vestia então uma leve blusa branca por onde se adivinhavam os seios numa palpitação tranquila de sono inocente. ~~O colo~~ ~~pelo decote~~ ~~lhe~~ na pele rosada do peito, que o decote deixava aparecer, pousavam reflexos verdes dos olhos ~~redondos~~ de areia; e nas mãos envolvendo os longos cabelos da trança desfeita escorria uma coloração ~~castanho~~ bronzeada que vinha um pouco da parede, outro tanto do próprio cabelo castanho. Talvez o maior encanto viesse, no entanto, de seus belos olhos ligeiramente baixos, acompanhando a cabeça reclinada sobre o ombro direito. Eram de uma pureza, de uma ternura ~~[illegible]~~ mas tão tristes ~~não~~ como se sofressem uma ~~dor~~ ~~expressão~~ natural, imutável,

como se tivessem sido pintados assim ~~naquela tela~~, e apenas ~~a~~ destruição ~~duma~~ tela ~~pudesse~~ transformá-los. Ficara ~~alguns~~ horas ~~assim~~, movendo apenas as mãos. Alisava os cabelos, sentindo prazer no seu contacto. Separava-os em três ~~[illegible]~~ rolos espessos e depois começava a teci-los, dedilhando-os como bilros de rendeira, os dedos ágeis, as unhas aparecendo de vez em quando brilhantes como luzes. De repente, desmanchava uma parte da trança e recomeçava com toda a ~~[illegible]~~ lentidão, as mãos de leve, ~~parecendo~~ de que tinha a vida inteira para terminá-la. ~~Os braços~~ Por fim, ~~um~~ braço caiu sobre o colo ~~e~~ e os dedos procuraram ~~alguma coisa~~, alcançando a fita ~~preta~~ negra de setim que ornamentava um pequeno laço a bela trança. Então, ~~virou a~~ voltou a cabeça para a esquerda e, o lábio inferior displicentemente

pendido, ~~acompanha~~ lançava um olhar desde o lacinho até o ombro. Juntava depois ambas as mãos em concha sobre o colo ~~e levantava os olhos~~ fazendo com elas um ninho ~~e levantava~~ ~~olhos, fitando para~~ e olhava para longe, ~~como se~~ acompanhando com o olhar o vôo dos pássaros que fugiam de seu colo.

Nesse momento eu temia que me visse. Ainda ficava algum tempo na varanda, até do sol desaparecer ~~os~~ dos farrapos que envolviam a fazenda. Depois levantava-se abrorta e entrava, deixando-me só e triste com o desejo cada dia maior de lhe falar aparecer, de lhe falar. (3)

Mas eu ~~seria como~~ saía das folhagens e dizia-lhe tudo o que sentia nada mais ~~seria~~ era que um pecado. Assim ~~não~~ não a perturbar e continuando sendo um raio de sol que ~~penetra~~ ~~pela~~ transpõe uma janela: estas ali, ~~imóvel~~ vendo e ~~ouvindo~~, mas incapaz de uma só palavra.

— No restos de madrugada, via-a transpor o portão e saía a cavalo para entregar o leite na cidade. Levava então um pano azul na cabeça e sentava-se de lado na sela que trazia um baixo espaldar coberto de feltro vermelho. Sobre as pernas usava um pano ~~escuro~~, porque ~~era~~ mas ficava cinzento escuro que ~~afastava todos os~~ seria necessário afastar todos os rapazes que desciam para entregar os ~~garrafas~~ litros de leite ~~que~~ ~~pendiam~~ de um lado e dentro da ~~sua~~ sela. Enquanto acompanhava-a ~~com~~ ~~seu~~ pela margem da estrada, eu podia ver sua mão ~~pousada~~ acariciando a crina ~~d'égua~~ ~~da~~ desde as orelhas e escor-

[illegible] e sob a [illegible] percor-
rê toda a extensão do pequeno
do [illegible] aquele movimento
[illegible] apenas perceptível,
na meia claridade do amanhe-
cer e do encanto ao pêlo
traço claro [illegible]
to do animal.

④ Entrei em a acompanhava-
-a com os olhos até que desapare-
cesse entre os cedros do jardim e
atravessava a estrada para ficar
nas flores que tinham sido postas
por ela. A capelinha [illegible]
[illegible] ficara justamente
sobre o caminho. O [illegible] primeiro degrau
quasi enterrado e coberto de pó: apenas
se adivinhava [illegible] no amarelão do
[illegible] barro pulverizado. [illegible]
Dali podia-se ver a casa lá em
baixo, circulada de [illegible] clara-
ções, os álamos do portão, a ave-
nida do jardim e as portas e jan-
las azuis destacando-se [illegible] das
paredes brancas. Para mim era
sempre uma paisagem nova,
paisagem de férias que se leva
para casa, e fiquei algumas
vezes na porta do oratório até
que a [illegible] se [illegible]
pensamento. Lembrava-me de
ter-la visto descer correndo a ladei-
ra e, [illegible] — uma decisão pro-
visória — resolvia falar-lhe no
amanhecer seguinte. Quando abria
cantarolando a janela do quarto
[illegible] que ficava ao la-
do do meu. ②

③ Mas eu saí das folhagens
e dizer-lhe tudo o que sentia ... afi-
nal, não poderia exprimir precisa-
mente o que se me passava no cora-
ção: era uma leve angústia, [illegible]
[illegible] uma quase apreensão que,
[illegible] fazia falta se em [illegible]
[illegible], me enchia de prazer,
me dominava; e em tinha a certe-

ça de que me fazia uma falta imensa, se eu a despregasse ou apagasse. Depois, permanecia como um raio de sol que transpõe uma fresta de janela: estar ali, vendo e ouvindo tudo, mas incapaz de uma só palavra.

Repuia também na ~~em que colhia a uva~~ tempo da colheita da uva. Tudo se transformava, então. Da estrada viam os passeiros acompanhando os morros em suas mais inesperadas dobras. Completamente cerrado, o verde novo das folhas escondia os cachos repletos de frutos, e sempre me parecem que ao ser colhido o último grão, desceria sobre a terra aquele ~~tapete~~ véu pesado, e os vidreiros ~~ficariam~~ voltariam a ficar novamente mas como no inverno. Ela aparecia com um chapéu grande de palha e apanhava os meus escolhendo os mais belos cachos. Recolhia-os em dois cestos e subia para a estrada carregando os braços nús que ficavam vermelhos ao sol forte de verão. (4) Renovava os galhos secos da tenda que ficava junto ao caminho, e construia quasi interiamente um novo teto para que houvesse bastante sombra e as uvas se conservassem frescas por mais tempo. Depois tirava o amplo chapéu e cobria os ~~seus~~ cabelos castanhos com um lenço azul, soltando uns voltos da trança sobre o seio esquerdo. Sentava-se no banco tosco, sem encosto, e esperava a passagem dos automóveis com o busto erguido e o olhar ansioso. ~~Comprei~~ Eu a via cansar da espera. Percorria então com os olhos a paisagem ~~em~~ ao redor. Realmente bela, como a fazenda mergulhava no vale. Todos os vinhos desciam pelas encostas e era coisa branca ~~branca~~ imponente, como uma

pia ~~pesada~~ que dirigiam aos barcos das parceiras ~~formavam~~ aquela calor, ~~estando, como não era~~ com uma asa ~~de~~ pesando no centro da teia.

Estranho, como não me recordo da cor de seus olhos. Mas vejo-a ainda perfeitamente no rosto avermelhado ~~pelo~~ de calor.

(4) Nesses momentos ~~gostaria~~ queria correr e ajudá-la. Mas tenho, sobretudo não poder sigue levantar ~~uma~~ as cestas roxas de frutas. E se tivesse forças para isso, teria também para dominar meus sentimentos tão confusos e turbados? Temia ~~a cada momento~~ feri-la com qualquer palavra que ~~lhe~~ dissesse, tinha quase a certeza de fazê-lo.(4) ~~E olhava para os grãos de uva machucados e pensava que essa tinta~~

Quando se fazia ouvir de longe o motor de um automóvel, ela ~~arregalava~~ retesava a trança,

escolhia um cacho ~~de uma~~ bem maduro e cheio, e, saindo da sombra para o sol, levantava-o à altura do ombro, com o braço ~~praticamente distendido~~ quase esticado, mostrando-o aos passageiros. Às vezes não lhe davam atenção ao certo, talvez por já terem ~~comprado~~ feito a compra em outra colônia. Então voltava-se decepcionada para o barco e, repondo o ~~cacho~~ as uvas no cesto, ficava a alisá-las ~~os grãos~~ com as pontas dos dedos ~~ressecados~~, humidos, ~~um pouco murchos~~ enrugadecidos, e ~~tornava~~ tinha a pele pelo sumo ~~de frutas~~ que saía da casca sempre que espremia os grãos contra seus lábios. Se o carro parava, ela sempre sorrindo passava a balança ~~para~~ para as mãos do comprador e ~~escolhia o preço~~ ia amontoando as uvas até que o braço acusasse o peso. Quantidade pedida. Respondia a todas

as perguntas sobre a viagem, sempre alegre e inocente, e agradecia ao freguês com um gesto ~~de cabeça~~ que era sempre o mesmo: levar a mão ao peito e reclinar levemente a cabeça.

Para mim, continuará como sempre, o mesmo olhar, o mesmo sorriso. Recordarei sua maneira de tecer a trança, de enfeitar e oratória; tudo não poderá deixar de ser ~~uma~~ apenas uma imagem sagrada de infância, que eu venero.

Ao voltar para a cidade, ~~tambem~~ ~~no dia~~, nada mais fiz que lhe apertar a mão, como visita que era e me despedia. Não notei o estremecimento de meu corpo todo, nem podia imaginar que eu ~~tinha~~, dentro do carro que me levou de volta, pousei meus lábios na palma da mão ~~para~~ que estivera na sua e imaginei-a descer correndo o caminho de casa...

A procissão

Este me chamou e disse: "Te arruma e vai esperar a procissão. Quando a primeira embarcação aparecer na curva do rio, vem nos chamar."

Vesti minha camisa de ticolline branco, gola redonda e botão de madrepérola; a calça curta de flanela azul marinho, e saí descalço, com o cabelo louro caindo em franja pela testa.

~~Era de tarde e o sol ainda estava muito quente~~. Fui andando pela areia solta, enterrando os pés a cada passo porque o calor do chão queimava e fazia arder os dedos e o calcanhar. Por baixo a ~~areia~~ era mais fresca, ~~e estava com força~~ a areia clara que se amontoa-

va no peito do pé, e ela se adiantava para a frente
à minha frente como farrapo
que se lança ao rio. Logo depois
da esquina uma faixa estreita
de grama verde bordava a mar-
gem do caminho. E então fui
por cima dela até que os espinhos
das rosetas começaram a me es-
petar a sola tantas vezes, obrigando-
me a parar a cada instante para
tirá-los, que desci novamente para
o calçad e fui saltando num
pé só. Mas logo me cansei e o
suor molhou-me o cabelo na te-
la e as têmporas batiam tão
forte que eu pensei que nunca
mais parariam. Diminui o passo.
Passou uma baforada quente de
vento e formou um redemoinho
com papéis sujos e cascas de arroz.
Fui pela sombra do descascador
e um resto de vento trouxe poeira
ao suor de meu rosto. Ao passar
a manga fofa da camisa pela

face, fiquei muito triste porque ela
voltou amarrada e
escura, como se estivesse esfregado
no chão.

De longe, vi o porto do Agostinho cheio de gente. Apressei-me, com
medo de que já fosse a procissão que
vibre ainda a proximar, mas, ao
me aproximar, verifiquei que to-
dos esperavam calmamente, uns
sentados à sombra das árvores, ou-
tros encostados às pilhas de ma-
deira e muitos passeando ao lon-
go do cais. Repentinamente tudo
de melancolia e pareci, vendo como
eram bonitas as patas vermelhas
com os talos de sementes negras
melinha em cada pata, pensei.
Fiquei com sede e molhei a ca-
va nos lábios. Corri para a beira
do rio e sentei-me, mergulhando
o pé na água e respirando. Me-
ninos do meu tamanho nadavam
brincando de polvilho em banaleiras

de metal com toalhas de renda dento. Uma tenda montava o balcão cheio de bolos de milho enados em folhas de bananeira e eu pensei que ninguem compraria aquilo, por parecia ruim e mal feito. Mais uma vez estimulo dos melancias que espalhavam um cheiro doce por tudo; depois corri para a beira do rio e sentando-me no barranco do cais, mergulhei o pé na água e comecei a balançá-los até formarem tantas ondas que perdi a conta. De repente tive medo que uma traira me mordesse os dedos e abracei os joelhos de encontro ao peito, fitando a superficie do rio comendo tão devagar que parecia parada pronta a parar a cada instante.

A margem oposta era plana e verde. Depois vinham as árvores seguidas de elevações

cada vez mais altos que iam crescendo de grandeza, até que a ultima era uma abobadada enorme e recortava aquel mancha escuro contra o céu sem nuvens, à minha frente. Mas para leste estava tudo coberto de branco e procurei descobrir uma aviação que se anunciava debilmente pelo ronco. Em vão: lá andava entre os mineiros, por certo um anjo perdido.

Quando todos se aproximaram do porto, subi um foguete explodiu no ar e olhei para a curva do rio. Lá vinham as embarcações embandeiradas. Frases dos hinos rolavam tranquilas por cima das águas e eu ouvia baixinho, sem compreender as palavras, mas achando suave como uma das canções de minas. Atrás de mim comprimia-se o povo, uma menina roçando-me os cabe-

los com ~~um~~ vestido de organdi.
Um foguete estrondou mais forte
e acompanhei a varela des-
~~cendo e recolhendo~~ riscando
o espaço e ~~recolhendo~~ sumin-
do no rio. Vi belos fogos de
lágrimas pingarem o cêu de verde e vermelho
~~e verde~~ e corri o olhos para
a procissão que se aproximava
aos poucos. O primeiro barco
era grande e lentamente lisa.
Com ~~a~~ vela completamente
inflada de vento, deslizava so-
bre o enfeitado de flores que des-
ciam em guirlandas se arras-
tando nas águas. ~~Altas, pelo~~
O hino já falava em céu, ~~nas~~
estrelas, nos anjos, e os meni-
nos destes vestidos de branco
cantavam-~~no~~ cheios de fé rodeando
o andor. Já então o velerio fana-
va ~~os pastôres~~ minha e um cordão
de bandeirolas subia da proa
até o cimo do mastro, ~~para~~ des-

cendo em seguida para ~~o altar~~ trás. O altar
inclinava-se ligeiramente para
um lado, para o outro, e o diade-
ma de Virgem Imensa e brilhava
ao sol ~~que~~ ~~ela~~. Pensei que a Santa
~~ia~~ cair e ~~para a~~ levei a mão
ao peito onde o coração batia forte.
O andor estava coberto de seda bran-
ca, ~~e~~ ornamentada em panos sus-
pensos por ramos verdes.

Seguiram-se os embarca-
ções menores, todas enfeitadas com
bandeiras em papel crepon de todas
as cores, ~~e~~ os botes, as canoas
rasas, os batéis cheios de pes-
soas contritas, rezando em voz
alta, ou entoando ~~os hinos~~
cantigas que já chegavam apa-
gados do velerio mestre. Por fim
os batéis sem ~~bandeiras~~ nem
~~bandeiras~~ dos que aumentavam o
cortejo e conversavam e sorriam
abanando para a gente da ~~praia~~ margem. ×

~~Então lentamente para a~~

procissão que se afastava. ~~Quando~~ O estrondo de um foguete atrasado ficou ressoando aos meus ouvidos e dizendo: "~~E quando~~ ~~vai esperar a procissão...~~"

x Uma fagia água: então duas meninas riam e derramavam canecas cheias pelos lados, e a cadeira de balanço ~~lava~~ da embarcação lançavam gritos nervosos e alarmados. ~~Na outra~~ Em outra beira um rapaz que mergulhara a mão e ficou vendo as bolhas que a água fazia de encontro a ela. Não levantou os olhos nem a mão durante todo o tempo em que o vi. ~~x~~ Parecia triste mas não creio que regasse. ~~Não sei porque, fiquei das fisionomias que [illegible] e esse~~ Passada a última batina, ouvi o choque das pequenas ondas nas tábuas do cais. Só então reparei como estava ~~x~~ encrespada a superfície do rio, desde o veleiro grande que eu já não via bem, até à ~~última~~ à canoa que ~~esperava~~ ~~fechava~~ o ~~desfile~~ acompanhamento.

Olhei longamente o desfile que se afastava. O estrondo de um foguete atrasado ficou ressoando a meus ouvidos e dizendo: "quando a procissão aparecer na curva do rio, vem nos chamar." A lembrança de Ester fez-me levantar e correr em direção ao povo, abrindo passagem. Senti sua mão quente me apertando as orelhas. Vi o caminho toldado em minha frente e ~~---~~ dei conta das lágrimas me enchendo os olhos. Não deixei de correr. Nem me lembro de haver sentido a quentura da areia escaldante, mas ainda me vejo, com a pena da canseira, tropeçar em minhas próprias pernas e cair ao chão, sujando toda a camisa branca. Olhei para os lados. Não vi ninguém e enquanto ~~x~~ me limpava, tirando grãos de areia do rosto

e da boca, aumentou-me o pranto e fui sacudido por tantos soluços que me senti na terra e assim fiquei ~~até~~ alguns segundos, branqueando-me depois e retomando a consciência. Da esquina olhei ansioso para casa mas não vi ~~minha~~ mamãe na janela. Imaginei-a escondida, olhando-me pelos frestos do postigo. "Ela me espera, nem vai me deixar falar" — pensava ~~eu~~ — e não tinha mesmo uma palavra siquer para justificar minha falta. ~~E~~ Estava não só pelo castigo mas muito mais por uma tristeza infinita que me dominava ~~por~~ ao saber que ainda faltava um ano inteiro para outra procissão igual àquela, e que por minha culpa ~~Ester~~ não a veria.

Reuni-me à calçada sem coragem para entrar. Então ouvi o som de vozes e me admirei vendo Ester, com as vizinhas, ~~que~~ voltando pelo caminho que eu acabara de fazer. Chegou e disse:

— Bonito moço de recado, hein? Não fosse o menino do lado eu não teria visto nada da festa.

Reconheci o pranto. Por ~~Ester~~ embora feliz por ter minha irmã ~~Ester~~ podido acompanhar-se, como eu, pela beleza da procissão nas ágoas, nascia no meu coração um profundo desgosto de mim mesmo, ao me dar conta de que outra criança pudera voltar ~~para outra~~ em tempo com a mensagem.

Os Inocentes

Profundamente belos são os madrugados de inverno, quando há poucos minutos no céu e ~~se~~ podem ver as estrelas se apagando aos poucos. É como se o frio aumentasse, pela falta dessas luzes brandas que morrem. No entanto, o azul vai-

-se tornando mais nítido e as sombras abandonam lentamente a terra, deixando que apenas a bruma envolva os objetos.

Quando, cercados pelo silêncio, assistimos calados ao alvorecer do tempo hibernal, pensamos muitas vezes que se prepara algo grandioso para o dia nascente; e, por temor de que estejamos enganados, nos deixamos ficar imóveis ~~como todos os gelo~~, até que também o nevoeiro se dissolva no ar e nos convençamos de que, afinal, nada de sobrenatural acontecerá "hoje": talvez esteja reservado para amanhã, ou para outras pessoas.

Mas não era um pensamento assim que o dominava naquele instante. Talvez mesmo, não possuísse um determinado pensamento, claro, definido, isolado, pois, procurando recordar todos os ~~pormenores~~ fatos, não podia iniciar sua narrativa dizendo: "eu estava pensando em ..."; ~~quando~~ por isso começou a contar indo diretamente ao assunto: "quando cheguei à porta ...". Mas, na realidade, ele estava completamente distraído, e foi ao mover o pé direito, que lhe ardia gelado dentro da botina, que bateu na arma e lembrou-se de sua missão. Chegou-se para a porta e olhou pela viga gradeada. Ainda muito escuro, nada mais percebeu que o ~~vulto~~ tio dos quatro camas da prisão. Julgou ouvir, então, uma conversa em voz muito baixa, ~~mas~~ aproximando o ouvido da grade mais lhe pareceu o soluçar de um dos homens. Recuou a porta. ~~Imediatamente~~ Recebeu como resposta o ranger de uma cama.

falar: "O que é para?" Silêncio. Voltou a luz, voltam a falar. Há ordem para que não se apague! Ouviu que se levantavam e, logo após ao ruído do comutador, deu-se conta de que ~~[illegible]~~ "canos" [illegible]. (1) "Donde estão os outros?" ~~[illegible]~~ Não obteve resposta. (2) ~~[illegible]~~ prisioneiro ~~[illegible]~~ vermelhos de pranto ou de vigília; e levou a mão à campainha, dando o alarme.

No anoitecer da véspera, e mesmo depois que se fizera noite completa, ~~[illegible]~~ ainda estavam lá. ~~[illegible]~~ — uma palavra, uma gesto — nada que denunciasse ou apressasse. Então a intenção secreta ~~[illegible]~~ já devia dominar as consciências dos prisioneiros. ~~[illegible]~~ Cedo de se esperar que assim fosse.

Não como uma coisa inevitável, é certo, mas algo possível, provável ~~[illegible]~~. Com efeito, não será a evasão um pensamento obrigatório? Quando um dos presos falou para os outros: "Estou pensando em fugir...", ele sorriu e disse:

— Quem ainda não pensou na fuga? — consciente ou inconscientemente de que essa idéia é ~~[illegible]~~ como o desejo de morte ou suicídio apresenta-se ao homem, um dia.

Porém, grande é a distância que separa a intenção da realização. E todos a compreendiam. Talvez mesmo se deixassem subjugar por essa separação. Mas também havia — inseparável — a noção do transitório, do provisório, na situação a que estavam sujeitos no momento, ~~[illegible]~~ do isto a sua atmosfera de irresponsabilidade quase total, em

faca da vida (?) No entanto, Eliezer, pela natureza de seu delito, via-se privado desse sentimento até certo ponto consolador. Para ele, aquela prisão era a ~~mesma~~ ~~casa~~ ~~câmara~~ do ~~um~~ cárcere onde seria lançado após um julgamento ~~que poderia ser~~ imposto. Essa dúvida o atormentava. Não o remorso. O que significa matar alguem, quando se trata de sobreviver? E quando, pelo desenrolver dos acontecimentos, um ~~tem~~ deve ser aniquilado?

Eliezer sofria. Deixava-se ficar estendido sobre a cama, os olhos parados fitando o teto, e sua imobilidade ~~de cataléptico~~ não era perturbada por ~~ninguem~~ nenhum dos presos, que escondiam em si um profundo temor pelo crime que cometera. Ele instigava as recordações. Não para sofrer com elas, mas para fortalecer em si a certeza da inocência. No início, tudo eram sombras, nuvens, obscurecimentos; depois os fatos começaram a aparecer claramente a seus olhos: por fim, ele já tinha que, com tanta insistência todas as coisas, havia um ponto em que ele próprio duvidara de sua ausência de culpa. Fechava então os olhos, comprimindo uma pálpebra sobre a outra, com medo de que os companheiros adivinhassem-lhe os pensamentos.

Otaniel, que o olhava de seu canto, consolava com um sorriso ~~interior~~: "Bem ponto ~~fa~~ quebrou-se o plano." E tinha ímpeto de sacudi-lhe os ~~ele~~ ombros e dizer:

— Que te falta? Aí aqui meu projeto de fuga. Completo. Mas dominava-se: "ainda não

é tempo". Dependia-se: "talvez amanhã seja tarde demais." E, conduzindo o olhar para a janela, demorava-se a fitar os costas de Javarís que olhava para fóra (4) como para criança proibida de brincar).

→ Otaniel sabia que ao se voltar Javarís mostraria os olhos de uma tamma imbecil, os lábios grossos e mal seguros, e lhe sorriria como se dissesse: "diz o que quers, e escutaremos juntos." Com efeito, já não se escapara antes, sob um impulso de revolta incontrolável, que lhe custara um ano de prisão como desertor?

Otaniel não sabia o que esperar de Josué. Tinha um espírito vivo, alegre, os olhos muito brilhantes e inquietos. Dos quatro, era o que mais falava e dava atenção a tudo o que se dizia com o deliberado propósito de ser agradável. Por isso mesmo, o companheiro não fora ainda capaz de dizer até onde ir sobre o ponto certo em que devia desconfiar dele. E achava fundamento até para julgá-lo capaz de uma denúncia.

Quando, pois, Josué voltou-se e falou para todos ouvirem:

— Lá fóra deve estar bem mais quente que aqui,

Otaniel ouviu isso como se fosse um tiro dando a partida para uma competição. Escutou de coração Falou:

— Por que não estamos no sol? — Todos o olharam, porque havia no seu tom de voz o princípio de uma revelação.

— Minha cama é a mais distante da porta, acrescentou, venham até aqui.

(5)

~~O último a se aproximar~~ ~~foi Eliezer~~. Veio lentamente, "por solidariedade", parecia dizer, ~~e não~~ foi quem primeiro falou:

— O que é?

— Tu bem sabes, Eliezer. Como tu, também tenho pensado em fugir.

Josué riu alto e Zavaris disse alguma coisa ~~em~~ que Eliezer não prestou atenção. Limitou-se a sorrir e nada mais falou, deitando-se contrafeito por não poder deixar de ouvir tudo o que diziam os três junto a ~~ele~~.

— Por onde? perguntou Josué.

— Olha o teto. Não, lá naquele canto, a tábua carunchada, padre.

— Depois a ~~telhado~~, cumieira, o telhado, as estrelas... sonhou Zavaris.

— Para alcançar o teto, começou Otaniel.

— Põe-se o estrado da cama, concluiu Josué.

— Quando será?

— Não sei. Mas deve ser de noite. Uma noite fria é melhor, porque a sentinela nem sai da guarita.

Interrompendo Otaniel, Josué disse mais:

— Hoje ou amanhã. Não se sabe quando fica pronto o xadrez novo ou se seremos logo transferidos para lá. Precisamos resolver. Hoje ou amanhã.

— A guarda vai ser reforçada! exclamou Eliezer, saindo do silêncio em que se escondera. Separaram-se e cada um ficou em sua cama ouvindo as vozes dos soldados no lado de fóra.

Otaniel olhou tranquilo para quem dera o aviso: "ele não

fugirá, mas acaba de provar
sua discreção." (6)

No entanto, Eliezer levou a mão gelada para a testa e procurou esconder com ela os seus olhos. "Quem, mais do que ~~eu~~, tinha o direito de sonhar com a liberdade? Otaniel, que provocou ~~a~~ desordem ~~e~~ está aqui por tinta dias? Ou o outro que se demorará ainda menos, por ter faltado ao quartel ~~dois~~ dois dias? Quem? com mais intensidade... Esse imbecil, quem sabe?, que se fugir hoje voltará amanhã, porque teme a liberdade e é incapaz de usá-la: por isso ~~foi~~ voltou quando passou a desertor." E angustiado Eliezer pensou que apenas ele, entre os quatro, poderia ter seu estandarte rasgado por muitos anos... Encarou Otaniel com ódio, por

conferir a ele a culpa dessa nova dúvida que lhe nascia no peito: Não lhe era suficiente o desespero nascido da incerteza pela conclusão do julgamento? Agora lhe haviam escrito na mente: "Tenho o direito de fugir?" ~~Na verdade,~~ a resposta brilhou intensa e desapareceu na confusão de seus pensamentos. Pois não houvera testemunhas oculares quando cometera o crime. ~~Com a~~ ~~fera própria~~ Sua evasão seria, portanto, um argumento de acusação. Mas não fugir, esperar o resultado... e se o resultado fosse a perda da causa? Uma grande porta aberta em sua frente; duas belas asas preparadas nas costas, e o espaço inteiro a lhe chamar...

Pavaró estava contente. Sorria, mesmo, com as mãos ~~amarradas~~ sobre ~~a~~ a cabeça de encontro ao

transeunte. Otaniel havia sido sua voz em outra boca. Também tivera a idéia, e antes de todos — comunicara-se — porque mesmo antes de ser preso já imaginara escapar-se.(7) ~~Talvez mesmo, confessara~~. Não comunicara ~~só~~ o plano por ~~escapar~~ medo. Medo de que não o acompanhassem. Sentir-se-ia desprezado pelos companheiros, e, por fim, desprezível, pois não fugiria só e o plano teria ficado pendurado à grades como um trapo inútil.(8) Sorriu, pois, e ~~esse~~ sorriso foi notado por Eliezer que acabava de descobrir em seus sentimentos um pouco de inveja de Otaniel, por ter se avançado em apresentar o projeto, por ter-lhe roubado a iniciativa.

Com os dedos enterrados no cabelo, José tinha os olhos mais abertos e brilhantes que nunca.

— Por que não?, disse ao se afastar a guarda e para apoiar as palavras de Otaniel:

— Poderia ser hoje...

Depois, ainda com os olhos arregalados, deu-se conta de uma pergunta que ~~o~~ tornaria ~~justificaria~~ justificar a sua fuga. "O prazer de ludibriar a sentinela?"(9) Arrependeu-se do entusiasmo com que acolhera a proposta do outro e, ao procurar justificá-lo, compreendeu ser aquele o único plano exequível, por isso comum a todos; e se pensara sobre ele havia sido por distração, por obrigação. Ao ~~reconhecê~~ ser ~~obrigado~~ forçado a reconhecer essa verdade, envergonhou-se de si, sentiu-se humilhado por saber que acompanharia os outros sem

objetivo, sem finalidade. Pouco
mais de dez dias faltam-lhe
para a liberdade. Mas — de-
cida, pois vale esse prazer pelo
arrependimento que me trará
a fuga. Serei um pilar.
Se lhes disser que não os acom-
panho, perderão a coragem.
Um pilar, portanto, em que
se apoiarão até
ao momento final. Fingirei
e ajudarei em tudo, menos...
(9+) — Quando for noite.
— Sim, Otaniel, (10) diremos ao
sentinela que a luz incomo-
da os olhos e não podemos
dormir, disse Otaniel dizendo.
— Eu falo com ele,
podem deixar — interrompeu
Zavaris.
— Então começaremos
a quebrar a madeira que
cederá por estar podre. (11)

— Eu quero tirar os
telhas, disse Zavaris.
— Para ver as estrelas?
brincou Otaniel?
Riram os três, e Eliezer
ficou pensando na palavra
estrela. (12) Es — tre — la, dizendo-a
por haver repetido tanta vezes,
já lhe parecia um grupo de le-
tras sem sentido, che-
garam as bandeja com o jantar.
(13) Comeram quase que em silên-
cio. Uma palavra ou outra,
uma brincadeira com o desertor,
e depois que voltaram a ficar
só ninguem mais disse coisa
alguma. Era como se cada um
tivesse medo de que a menos
palavra fosse o suficiente pa-
ra destruir, fracasar, transtor-
dar o plano.
Começava agora a espera.
A espera cheia de angustia em

que os segundos passam um a um, (14) como água gotejando das ~~t~~. Quando se ouve ~~por~~ lhados. ~~escorpião~~, o ruído de um pêndulo a espera é um pouco menos dolorosa, pois temos algo com que nos irritar. Os prisioneiros contavam apenas com o silêncio; o silêncio e o frio penetrante da noite. Otaniel e Josué se remexiam ao mesmo tempo na cama, ~~se~~ escondendo a cabeça nos travesseiros, como se se envergonhassem de um pensamento ~~maligno~~ odioso. Isaías, que começara a bater compassadamente o dedo na cabeceira, parou de repente medroso de esperar os companheiros.

(15) Jamais, Eliezer era uma imagem impensável. Mas ~~não~~ entregara o espírito a uma atividade fértil. Via ~~distraído~~ momentaneamente outra vez as sucessivas ~~ameaças~~ de que ~~não~~ fazia muito tempo que a mulher se retirara, por momentos, do reservado aonde bebiam. Quando reparou numa cara olhando-o da porta do corredor. Era um homem, e ao verificar que havia sido notado chegou-se e murmurou: "Ela também pode ser minha." Eliezer, ~~Ela também pode ser minha. Não se importou, pois~~ fitou zombeteiro o desconhecido, depois desviou os olhos para o copo de cerveja. "Pode sim; é só eu dizer - vem cá!", falou o importuno mais baixo ainda e com a boca junto ao ouvido de Eliezer. Este virou-se e empurrou a mão aberta na face do homem que, ao perder o equilíbrio, segurou-lhe o braço ~~do outro~~ e caindo ambos ao chão. Na queda o desconhecido sacara um punhal e, tendo ficado com o inimigo por cima, procurara afastá-lo um pouco para usar a arma.

Eliezer percebeu o perigo. Tendo as mãos livres conseguiu arrancar o punhal, ao mesmo tempo que o importuno, desesperado, reunia todas as forças e obtinha a posição de vantagem sobre o adversário, carregando todo o peso do corpo sobre o outro. Mas Eliezer, que firmara a arma em pé sobre seu peito, ouviu um gemido e pensou, no primeiro instante, que era seu próprio sangue que lhe escorria quente pelos dedos.

→ Depois, voltara a mulher, que lhe cuspira no rosto: gritou cheia de horror... "Se tivesse gritado antes — pensava agora Eliezer. Há momentos em que apenas um grito pode nos salvar. Como se nos acordasse."

Exausto por um dia de intensa atividade mental, foi dominado por um sono febril (17). Nem siquer se deu conta da revista do recolher que foi passada à hora de sempre. De resto, haviam apenas olhado pela vigia, e se retirado se assegurarem de que lá estavam os quatro, como se dormissem. Eliezer não pudera dormir (18) mas acordou com a voz de Zavaró:

— Tudo pronto! Tirei cinco telhas.

A prisão estava às escuras e Eliezer não viu o riso que o reconte da janela.

Gozou, (e arrependeu-se da pergunta):

— Quem sai primeiro?

(19) — Respondeu, disse Otávio.

— Então começo eu, murmurou Zavaró que já estava no teto, e desapareceu.

"Não será a evasão a

falsa liberdade?" — pensou Otaniel, (20) coração disse:

— Não vou, Josué...

— Miserável! (21) sentiu que essa palavra também lhe cabia. No jogo que tem de Otaniel reconheceu os atos que feriam de si, caso completasse sua idéia.

— O que importa é a decisão final, redimiu-se Josué. E fugiu.

Ficaram dois no silêncio e na escuridão. / "Quando for dia, e eu tiver de ver os olhos de Eliezer?" Mas Eliezer (22) levantou-se e desapareceu num instante, como um pássaro que foge. Não desprezava Otaniel, perdoava, agradecia mesmo, porque compreendera que "a ele cabia idealizar, a mim executar o plano." Resolveu arriscar tudo por aquele momento em que via sua bandeira desprender-se do mastro e ameaçada de rasgar-se nas pedras. Ao tentar ver as estrelas no céu, lembrou-se do deserto e disse para si mesmo: "Talvez eu seja um cínico, igual a Javaré, e volte amanhã." (23) Otaniel está só. Otaniel sofre... Como poderá receber o dia que vai nascer? Otaniel está triste, aniquilado, na masmorra. Sim, pensou em reabilitar-se; mas em que consistiria o resgate? Evadir-se agora seria desvalorizar uma vez mais sua palavra. Num ímpeto, descerrou o estado da tenda e manteve-a em segredo. "Quando voltarão?" Pois ele sabia que estariam de volta; tinha a certeza! e passou a espreitá-los como aguardara medroso o regresso do dia. Deitou-se e sofreu as gotas mornas escorren-

7

do. lhe pelas faces.
Daniel tinha os olhos cansados, os olhos vermelhos de vigília e de pranto, no amanhecer...

Qual é mais facil? Ser dominado pela inveja, ou dominá-la e sobrepujar o invejado? (sôbre Caim).

Faz quasi uma semana que escrevi "Os Inocentes". E ao reler este conto acho-o cheio de defeitos. No entanto, ao terminá-lo estava certo de haver executado, realizado uma obra prima; (no meu próprio cenário). Nunca dantes uma idéia me dominou como essa, a ponto de me fazer perder o somno. Talvez mesmo por isso eu a realizei muito apressadamente, para me ver livre dessa espécie de febre que me acometeu. Durante dois dias inteiros estive sujeito ás idéias dos meus quatro personagens, sabendo precisamente o que cada um dizia e fazia e quando. Agora que releio o conto vejo que são necessárias transformações e ampliações; pois ainda não tirei tudo o que pode ser aproveitado dessa idéia.

1 Deve ser dirigido de outra maneira o relato do crime de Eliezer que está muito vulgar. Fá-lo como Caim melhorar. Uma comparação sobre Caim será substituida. Pode ser aproveitada a hora da refeição para uma exploração do sentimento, ou melhor, da necessidade de communicação de segredos ou idéias. Aí poderá entrar a parte relativa ao "segredo", constante do plano do conto à pagina 102v. deste caderno. Naturalmente partirá de Caim a intenção de revelar o plano — se não tivera a coragem de expor

o plano com medo, medo ao despeso, etc., poderá mum sentimento um tanto exótico querer vingar-se desse medo e prejudicar a si próprio. Então o outro dimadi-b-ás, ou melhor, farão por disfarçar e poderá assim ser melhorado com mais esse tom de verosimilidade. Reforçar a idéia de que ficam um. Dar mais realce à personalidade de Otaniel e Josué, fazendo Otaniel pulgar, por exemplo, a maneira como foi recebido o plano pelos demais e talvez fazer pressentir sua decisão final de não fugir: de qualquer modo fazer aparecer nele a sensação de "estar satisfeito" com a concepção do plano, sem necessitar a realização. Isso servirá para realçar o que Eliezer pensa ao fugir, sobre que "um tem a pensar, e o outro a realizar". Quanto a Josué, não fazê-lo desistir tão rapidamente (pg. 124) mas apresentar o pensamento evolutivo, por etapas, entremeando com a dúvida e o problema dos outros. Também pode ser dito mais sôbre a espera. Ver, por exemplo, como cada um encara esse tempo doloroso que se escoa tão monotonamente. Talvez em Eliezer e na pg 123 c. possa ser acrescentado o pensamento sobre a vinheta: "Qual é mais facil?..."; Na cena da fuga talvez seja melhor usar palavras interiores, esclarecendo melhor o pensamento do homem. No entanto — tirar o máximo de fator surpresa dessa cena. Depois quando diga que "ficaram dois", estudar cada um deles e suas reações. Embora eu dizendo: "Quando for dia ...." já um mundo de amizade me domine, não posso exigir isso do ~~com~~ leitor. Otaniel só; Otaniel sofrendo também precisa ser ampliado e mais tempo, mais dúvidas e lhe apresentarão antes que monte a cama.

O não ter sido explorados melhor certos personagens pode ser justa-

mente o medo de que, com o que se
dissesse sôbre eles, viesse a perder o efeito
da surpresa que deve haver no mo-
mento da fuga: imersão de papéis
Deve-se pois esclarecer mais Otaniel e
Jomé e, apesar disso, não prejudi-
car o desfecho.

1- Enfim, mais uma vez, não
tem pressa de terminar, combater
essa pressa. Temo que a argumenta-
ção distraia a atenção do leitor,
fazendo-o esquecer ou perder a idéia
do conto. (Mas há recursos para
isso de tudo isso. É verdade que
me proponho a estudar um problema,
mas também não é um tratado
em que eu venha a ser didático.)

Mas vejamos o que pode
fazer. "A arte só se aprimora pela dú-
vida" ~~assim~~ e essa dúvida será man-
tida pela luta, pela revolta.

"Si je dors, qué me donnera
la lune!"

Conceção e ampliação:

— 1- Apenas um, dos quatro prisioneiros,
encontrava-se ali; e sem dizer
palavra, parecia espantado com a
luz que ele próprio acendera.

— 2- Outro já sabia perfeitamente o que
acontecera, e essa pergunta foi feita
com um resto de esperança ~~que se alimentava por segundos~~ de que os ho-
mens estivessem escondidos sob o leito,
ou encostados na parede, junto à porta.
Por instantes essa certeza de que havia si-
do enganado, ludibriado, de que estivera
ali muito tempo com a arma na mão e su-
portando todo o frio daquela ~~noite~~ manhã,
tudo isso lhe caiu em cima, ~~e~~ e desespe-
rou ~~de~~ por não poder esconder-se ~~dos~~ nos cantos.

— 3- Como se este ano tivesse sido pouco de lado,
igual aos dinheiros dos de uma longa
viagem por mar que não nos pertencem
inteiramente ~~porque~~ porque não podemos ver dela
como ~~pitorescos~~ desejamos.

— 4- como alguém que vê ~~uma~~ foca desa-
parecendo aos pouco dentro do mar.

e não sabe ~~mergulhar~~ para recuperá-la.

— 5 — ~~Um~~ Os outros ~~fingiam~~ não compreender — el tinha a certeza desse fingimento; no entanto, dividiu num instante de si e procurou o olhar de seus companheiros que ainda esperavam uma palavra mais clara — compreender — e disse:

— É do interesse de todos nós, e só pode ser feito se ~~assi~~ tivermos o mesmo pensamento.

Então foram-se chegando e Otaniel quisera esperar até que estivessem sentados à sua cama para começar a falar, procurando no rosto de cada peso o ~~efeito que~~ sinal que suas palavras despertariam. Mas Eliezer

— 6 — E, enquanto a guarda não se retirava, ~~ele~~ espantou-se de como tudo fora tão fácil! Sentiu-se um pouco ferido por se forçado a concluir que não ~~se passara~~ havia sido como esperava que fosse: não se tratava de um plano inteiramente seu e a maneira como foi recebido só deixara a seu favor o prazer de haver sido ~~ele~~ quem provocara a exposição. Compreendia até certo ponto que os ~~eles~~ também participassem de seu sonho, mas não podia aceitar essa realidade sem um princípio de rancor contra os demais; um sentimento vil, reconhecia; ~~absurdo como o desejo~~ Disera a Eliezer: "Tu bem sabes"; e agora surpreendia-se, talvez porque ~~via~~ frustrada sua intenção de ser o orientador, o chefe desse grupo obscuro.

— 7 — ~~Este~~ Todos os dias em que se acordavam em casa eram para eles mais duros que qualquer um da vida militar. Não que trabalhassem. Passavam horas olhando o vento mexer com as árvores, as árvores perderem as folhas, o chão ficando cheio delas todas secas. Mas ~~é que~~ com ~~ele~~ as manhãs vinham um sentimento de revolta que ~~tomava~~ perseguia e o

acompanhara em todos os lugares. ~~Que só.~~ Essa revolta não o deixara decidir-se a ~~viajar~~ viagem. ~~Ao~~ Faltando um dia para que sua ausência se transformasse ~~num~~ em crime, sentia-se tão mesquinho e miserável como um aleijado que não é igual a ninguem e que ~~portanto~~ sofre mais que todos ~~os homens~~. Sofria até mais ~~até~~ que os aleijados: porque a esses é dado dizer "não depende de mim"; e Zavarin estava são, completo, mas só que se movia e chamava o vento... e não haveria crime. Mas, nesse ultimo dia, novo pensamento visitou-o ~~e ficou~~ e amigou-se a si: "poderás voltar mais tarde, quando quiseres; e fugirás depois, quando quiseres." Enquanto o vento seco levava umas folhas do chão, ouvia que lhe diziam isso. Apegou-se à ~~esta~~ nova idéia com um sorriso tranquilo: conseguira, afinal, transformar a volta em liberdade.

Então seus dias ficaram a ser densos da esperança de ser feliz por compreender-se livre. Depois, sentia-se tentado a utilizar essa descoberta; gostá-la, como um dinheiro que se tem a mais. Ditou-se-lhe que chegar e dizer "estou de volta", era a prova maior de que ninguem interferia em sua vida. Regressar ~~e entregar-se~~ deu-se conta ~~de~~ que já não era mais livre, quando olhou os longos barros de ferro da janela. Pensou então que a situação era transitória e que lhe servia para aumentar o prazer de reconquistar o que perdera. Então, desde o primeiro dia, ~~junto com~~ a idéia que lhe deram os grades ~~lhe pareciam que~~ como ~~sendo~~ barras inteiras que se encondiam pelas paredes e ~~pousavam~~ pelo teto e assoalho ~~junto~~ a esse pensamento surgiu o primeiro ~~no~~ sintoma real de fuga. Formou lentamente o plano. Agora, ~~pensou~~ que Olaniel lhe ~~havia revelado seu próprio~~ profetizara, ele estava contente por ~~ter~~ ausentar-

do na decisão.

— 8 - Era incapacidade de agir sozinho nascera-lhe de um sonho. Acordara assustado com os companheiros ao seu redor, perguntando-lhe se estava doente. Pesadelo. Ficara sob a prensão das grades que cada vez mais se comprimiam sobre ele. Tudo desaparecera: as paredes, as camas, os prisioneiros. E os retângulos das grades barras de ferro iam diminuindo, diminuindo, e percebera que em segundos seus ossos seriam partidos e o sangue escorreria pela goelha imensa. Na manhã seguinte, ao ouvir o ranger da porta da cela prisão, sentiu o frio metal frio encostado a seu corpo. A partir dessa noite começou a decidir-se de seu novo sonho de liberdade. Mas Otaniel salvara-o.

— 9 - Seria essa a máxima justificação que encontrara para acompanhar os demais na fuga? Olhou para Otaniel que fechara os estava à janela, e pediu ao amigo que repetisse: "Para alcançar o teto..." só o estrado da cama, apenas as tábuas podres; nada mais, nenhum outro plano seria exequível. Compreendeu que pensara também sobre ele, por obrigação, por distração.

— O que me adianta fugir? — pensou — Posso mais de dez dias e terei minha liberdade! Lembrou-se de que sorrira e apertara Otaniel e Isaías com um falso entusiasmo. Envergonhou-se de si, sentiu-se humilhado ao imaginar-se acompanhando os outros, prejudicando-se sem objetivo, sem finalidade. (9+)

— 10 — Odiou-se nesse momento em que o outro lhe interrompera o pensamento, porque mais uma vez não teve a coragem para dizer de decidir-se segundo sua própria vontade. Por continuar aceitando, concordando, sugerindo até: "tarde da noite". Qual será melhor? - qual o arrependimento menor? a fuga ou a desistência?

— Diremos ...

— 11 - Agora sonara é que o obrigara a falar.

Sentia despeito por esse rapaz de mãos
molhadas, nobre, como massa crua de
~~pão~~ que se divisava Josué. A animação com que se oferecera a prestar aquele serviço fê-lo dizer algo, para não se sentir inútil, para que Otaniel olhasse para ele e sorrisse. Mas a esse sorriso José antepôs um pensamento ~~suspeitoso~~ mesquinho que ~~o~~ o fez começar a se formar: "Serei um pilar..."

—12— José torceu o pensamento: "Talvez eu pudesse ser um pilar. Se lhes disser que não o acompanho, perderão a coragem. Serei, portanto, um esteio ~~no qual~~ em que se apoiarão, um amparo." Condenou como sendo nobre essa decisão, justamente pela palavra "amparo" e por tudo que ela compreendia de cooperação e ~~ajuda~~ auxílio. Auxiliaria em tudo, continuaria dando ~~tudo~~ o apoio de suas palavras,

— Zavarin quer ver as estrelas, José.

— Estão vendo, esperando por ele. —.
e precisamente por ser como um pilar que desaparece ~~e~~ no oculto das águas e ~~que~~ se fixa no invisível; para ser mais fiável, que permanecia invisível: não fugiria.

—13— Aproximou-se, então, e a sala da prisão tinha as paredes avermelhadas, pelo sol ~~que~~ entrando pela janela. Otaniel ~~tinha~~ estava com um lado da face na luz e o outro ~~parecia~~ na escuridade. José reparou em seus cabelos claros e desviou o olhar para uma sombra na parede. Com os olhos agora, um perdido na sombra, Otaniel ~~seguia~~ estava tranquilo — ~~ao~~ acabara Eliezer, e ao receber sua bandeja, sentou-se e começou a comer devagar, reparando nos ângulos e na cor da parede que ia ficando escura e triste.

Naquele momento em que todos comiam em silêncio, fervia um segredo dentro de cada homem. Diante do soldado que trouxera a refeição ~~era como~~

se / nada lhe valesse. Via ali Renato
rapaz como ele; não percebia
a possibilidade de ali ser inventado
o papel futuramente; havia um
segredo comum, dos quatro que a cada
qual podia destroçar, desmanchar —
com a imprudência de transformar
em flôr o que é apenas botão. Além
desse segredo, havia outro latente,
escondido e interdito, talvez digno ainda
inconsciente e desconhecido dos pró-
prios portadores. Para Jozé era
claro: não fugir; o descobrir Bavaria
escondia a vergonha de não ter tido a
coragem de apresentar o plano. Mas
nem sempre é a parte mais miseravel
do ser que se conserva em segredo —
ela é desmedida, muitas vezes, num
impulso de revolta contra si próprio.
Com um desejo de remissão. E, no mo-
mento em que passava a bandeja
vasia para as mãos do soldado li-
vre, Bavaria achava-se dominado
pelo desespero de libertar-se do seu
segredo interdito. Sentia como que as
palavras subindo pela garganta e
que se ele abrisse a boca elas ecoa-
riam na sala. Estremeceu ao se lembrar que tivera medo de falar
e expor o plano. E quis vingar-se de
si mesmo, esquecido não importando
a quem prejudicasse:

— Hoje todos ganham embora hoje.

Mas o soldado zombou dele:

— Sempre que aparece tu
vais embora. (*) A que horas o outro quer que
lhe traga café, o meu coronel? contí-
nuou, brincando; e todos riram alto
mais alto como quem pudessem.

Bavaria não falou mais e
afastou-se devagar para sua cama, sem
o menor ruido, e sem coragem para
encarar ninguem. Adivinhava os
olhos de Otaviel como estariam em
cima dele, agora, de uma maneira inteligente
porque que sempre o fugiam, olhos dentes
deles a procura do fundo

A partir desse momento, o

quando a porta da prisão foi trancada, após à saída do soldado com a bandeja, o silêncio fechou-se sobre a noite, sôbre eles.

— 14 — mais lentos que a contagem do rosário encarnado pelos dedos de Ruth. mais lentos que a contagem do rosário encarnado pelos dedos de Ruth.

— 15 — Esperava que a qualquer momento os companheiros em que todos se chegando se deitassem um de cada lado da cama lentamente para ele, a cama rangeu quando se sentassem sobre ela; depois, através das pálpebras semicerradas, a esperança de cada face e guerreia fugir, mas seria incapaz, impedido pelos três que ficaram o mantiveram sobre a cama fixando-lhe o seu olhar no rosto, por ter tentado revelar o segredo. A demora desse momento esmorecia-o. De vez em quando dava-se conta de que tinha os músculos retesados por essa espera; relaxava-os, então, e procurava distrair outros pensamentos. Chegou a desejar ardentemente que lhe fossem

sem, lhe castigassem como merecia. Não podia compreender que os outros companheiros vivessem tão tranquilamente, como se nada tivesse acontecido. Nada diziam. Continuam a esperar em vão, sem compreender desejo, e mesmo impedidos de dizer que o mesmo tinha tentado fazer. Otaniel, que nesse momento esquecera-se de todos para se dedicar a si, pensava que ao entregar a bandeja do jantar dissera para si: "estou satisfeito". Otaniel, que nesse momento também lutava por uma decisão. Mas, ele sentia-se si o procedimento de todos. Otaniel acendera uma luz, quando expôs o plano: agora sentia-se responsável pela condução dos companheiros. Agora sentia-se responsável pelo caminho de Navarro e Josué. Mas não mais ambicionava, no entanto, conduzi-los. Em conhecer a idéia e dizê-la aos companheiros, por ter sido quem satisfez-se. Mas não poderia desistir; seria o aniquilamento da palavra empenhada. Perseguiar então a liberdade, agindo

conta sua vontade? — refletia Daniel durante a espera.

Josué falava, e o rapaz ouvia-o, pasmado, neste momento. Ouvia a respiração de todos e seu ouvido ávido era que alguém falasse. Uma palavra seria o suficiente para seu regozijo extremo. Não podia classificar o seu interesse secreto de encontrar a natureza que correspondesse à sua intimidade secreta. Procurava outra justificação para sua atitude, lutando contra a certeza de que ela nada mais fazia que um ato infiel, desleal, pelo qual visava a se aproximar de Esmeralda. Temia o arrependimento: queria sempre ser alguém cujos atos nada lhe trouxessem em sentimento amargo ou doloroso; no entanto, cria quase sempre ser impulsos, inteiramente

* — (Pois, muitas vezes, a verdade de certas absurdas que é mais fácil não se acreditar nela.)

Eliezer luta muito difícil de reconstituir os fatos, tal a velocidade com que ocorreram. Recordava como chegara mesmo à beira do rio, como o rangido dos dentes pelos dedos, sobre o peito, fora o seu próprio. Lembrava-se do que ouvira dele junto a seus ouvidos, e nos cachos molhados que lhe haviam deslizado sobre a face como braços. Vacilara, se lembrava de haver visto um punhal nas mãos de Hussein, enquanto escorregava da ribanceira, e que pudera tomá-lo do outro só ter os dois mãos livres. Então o homem desconhecido gritara e, desesperado, tentara atingir Eliezer com [illegible] golpe [illegible] arma ao seu peito. Mas, Eliezer fora mais rápido e o [illegible] peso do corpo do homem de encontro ao seu foi suficiente para fazer penetrar o punhal que Eliezer segurava firmemente, o calor [illegible] arrancado pela, que a [illegible] alerta, a [illegible] à morte.

Lembrava-se daquele corpo acompanhar sobre si e não era capaz de saber quanto tempo ficara assim, até se conven-cer de que estava com as extremidades descansadas sobre ele. imobilizado sob uma pressão sêrrea escâmina, "que em mesmo mater!".

— 17- a que se submeter inconscientemente, sem o haver decepado ou pro-curado. Antes, quisera ter estado desperto para acompanhar toda a evolu-ção do projeto.

— 18- e, mais ainda, o silêncio que haviam trabalhado até o momento em que Daniel acordou com a voz ...

— 19- Otaniel, encostado à parede, te-mia as investigações e ao ouvir as vozes, e o que diziam, sentiu um anseio correr-lhe o corpo. Pensou nas palavras de José e pôs-se a discutir com a salvação:

— Primeira vez, poderia ter dito; mas, concedendo-se a possibilidade da recusa, não

pensado, julgou haver na pergunta de José, algo da mesma indecisão.

— 20- e, convencido de que o companhei-ro esperava sua palavra para apoiá-lo,

— 21- José" odiou Otaniel, pensando que sua vileza secreta tinha um cumplice. descobrindo nele um cúmplice para sua secreta decisão de trair, "Daniel" que a palavra "misericórdia!" também lhe cobria. podia ter sido dita por outro, contra si. Veio rogo de Otaniel, pela sua deslealdade — e perceber que em mesmo caso teriam de si, caso completasse a vileza de ficar.

— 22- não desprezara Otaniel, nesse momento. Ouvira tudo aquilo como se fossem seus pensamentos falan-do alto. Fez suas a divisão e a indeci-são dos outros. Perdoara a fraqueza daquele que se acovardara. e compre-dia com a serenidade. o silêncio, que deixara escorregar até ao extremo da renúncia, lutando ainda por se decidir.

para se reabilitar. Eliezer agradeceu a Otaniel, compreendendo que a ele confiara aquela ideal; e expôs o plano e que a execução pertencia a outros, a Isaías, a José, com quem procurara ~~ir~~ industriar-se. Levantou-se, e Otaniel sentiu seus passos como ~~se fossem~~ sobre si. bofetadas que recebesse no rosto. Desmontado no chão, percebeu que os panos caíam para ele, rápidos, leves. Eliezer corria. Elevou sua bandeira, desprendeu-se do mastro e ~~aventurando~~ saltou no espaço, assessada de morgar-se nos pedros que a esperavam sobre a ~~eterna~~ estrada. Resolveu, naquele instante, sacrificar tudo, para salvá-la, pelo prazer intenso daquele gesto de abrir os braços e receber aflito seu estandarte. E, num instante, desaparecem.

— 23 — Otaniel está só. Por algum tempo estava quase tranquilo, por se ver o único que restara na prisão, por não ter outros olhos ~~que~~ procurando os seus e o despezando em silêncio. Sim, pensou em reabilitar-se; mas em que consistiria o resgate? Evadir-se seria desvalorizar uma vez mais sua palavra.

Otaniel está tinto e aniquilado, na madrugada. Como poderá receber o dia que vai nascer? Notar que a claridade vai chegando, ter a certeza de que virá — inevitável. Já não lhe pesava o ter desistido, mas a culpa de haver levado os outros à evasão, ter cooperado, ser o responsável ~~pelas consequências~~. Haviam cometido um ato vário, começava-se. "Quando voltarão?" Sofreu por essa pergunta, sem saber o que esperar de cada um, como ~~x~~ considerariam sua atitude, o que tramariam, o que diriam. Ou não falassem seu castigo seria o silêncio dos companheiros? Pensou na porta ~~fechada~~ batida três vezes, e a cada uma ~~sua~~ ansiedade pelas primeiras palavras.

~~Os gestos~~ A decepção em seus gestos, o arrependimento, talvez. Julgou ser dever ~~seu~~ destruir esse sentimento, quando ~~a compaixão~~ voltassem; e tentou argumentar contra a inconsequência da fuga., ~~mas não pode excluir-se desta inconsciência~~

Percebeu então que se acalmava, pensando nos outros e ~~esquecido~~ de si.

Levantou-se e sentia os olhos saltos no meio de lágrimas. ~~Pensou~~ Com o medo que aguardava o regresso do dia, ~~pensou~~ a espera a volta dos fugitivos (*) De repente, aproximando-se de sua cama e pela deitando-se, olhou para os outros e surpreendeu-se vendo todos montados. ~~Ele~~ Espantado via a ~~face~~ na claridade ~~fatal~~ da aurora ~~amanhecia~~. Inconscientemente havia ~~todos deitado~~ ~~todo o estado~~ preparado o leito que estivera encostado ~~à~~ parede. Ana estava ~~ele~~ perplexa, sem nada compreender, apontando e ~~depois~~ como as mães que vêm um filho morto, rodeado de flores, e se surpreendem, esquecidas de ~~si~~ pelas mesmas o banharam e vestiram de anjo.

Daniel começou a chorar, como ~~ela~~ também ~~chorou~~, a sofrer os gestos ~~mesmo~~ encorajando-lhe pelas faces. ~~Enquanto isso~~ ~~ele~~, foi encontrado com os olhos cansados, os olhos vermelhos de vigília e de pranto, no amanhecer...

— 24 — Essa alternativa, embora humilhante, fez com que prosseguisse mais tranquilo, para a consumação ~~da~~ ~~da aventura~~ de seu ato.

— * * "Trataras do regresso, quando caíssem em si da inutilidade ~~da~~ aventura."

Suspensão sobre os fins.

Não sei. Acabo de reler o conto. Segunda-feira terminei de passar a limpo, depois de todos os

correções e ampliações, e ainda modificando, alterando, aumentando enquanto copiava. Hoje é sábado e reli, tendo passado todos esses dias ausente do escrito. Não sei. Li-o sem amor, e me pareceu escrito sem convicção. Na cena final impressionei-me, por Otaviel sozinho, e chorei a ficar com os olhos cheios d'água — não pelo canto mas pelo que me fez recordar, por associação de idéias com um fato que não precisei, não me demorei a procurar. Mas, de um modo geral, não me impressionou. Pareceu-me, mesmo, em certos pontos, grosseiro, mal escrito, cheio de palavras feias e lugares comuns. No entanto, enquanto escrevia, e enquanto passava a limpo, estava certo de que fazia obra de valor. (Neste instante sinto raiva de mim por considerá-lo ruim e estar escrevendo isto. Procuro dissuadir-me: penso nas imagens, a do filho morto, na cena final é belíssima, cheia de poesia, trágica e sonora; a da flor transformada a faca, todas que é, sempre a considerei ótima. Lamento, mas não posso considerá-lo ruim, sem valor, mesmo agora que o terminei de ler sem amor.)

Reconheço, pelo menos, que tenho já fixado meu estilo. Pelo menos é o que noto em certas passagens em que há ligação com O Amigo da Onça, O desastre é mesmo no Adolescente. Ou será que me repito? Não, o que há são frases de construção idênticas, o mesmo espírito, enfim, procurando tornar meus duros e obscuros com uma imagem bem lírica. Consegui psicologia e poesia. Profundidade e beleza. Dostoiévski, Proust, Rilke. Não sei, ainda não sei o que tenho conseguido.

O essencial será manter sempre uma chama e não deixar que ela morra. (A beleza das velas esguias e acesas, a luz tremendo e parando sobre elas. Quando se apaga sobre um fio de fumo, um pouco assim como o último alento de quem morre e se dirige aos céus. Belo mas efêmero. Ot chama deve ser conservada por alguma coisa que se realize sempre, que se suceda sempre a algo já terminado. Não deixar morrer o entusiasmo. Criar situações para que rejuvenesça. E como se há de fazê-lo? Trabalhando, realizando, estudando.

x

Nunca pensei em como o tempo pode nos ajudar à realização. Mas por ter tido alguns dias à minha disposição me apercebi disso. Podemos cumprir

um programa. Efetuar o que anda em títulos pelas folhas esparsas. Ler e escaner. Mas também nos deixamos sonhar. Pensamos em publicar um livro e aos poucos temos de nos convencer de que isso é impossível e cedo demais, ainda.

x

Muitas vezes sou levado a menosprezar o conto. Por ser no Brasil obra de principiante. Eu mesmo, há muito tempo não leio um livro de conto, não o compro, não o tomo emprestado. No entanto, é o que tento escrever, é o que faço e o que espero seja admirado e elogiado pelos outros.

x

Pena que eu tenha perdido meus livros! Minha autobiografia infantil perdeu-se e com ela eu poderia ter aparecido. Naturalmente com muitas cores

EMBRATUR 0114400-21-0

OTHON *Palace*

LEME

NOME/*NAME* Toriza

PREÇO DA DIÁRIA/*DAILY RATE* _____

+ 10% TAXA DE SERVIÇO E 5% ISS
+ *10% SERVICE CHARGE AND 5% ISS*

APTO. Nº/*ROOM Nº* 709 VÁLIDO ATÉ/ *VALID UNTIL* _____

TÉRMINO DA DIÁRIA - 12:00 horas/*CHECK-OUT TIME - 12 NOON*

ENDEREÇO/ *ADDRESS:*AV. ATLÂNTICA, 656
LEME - RIO DE JANEIRO - CEP 22010-000
TEL/FAX: 543-8080
e-mail:leme@othon.com.br

HOSA 438

ções, modificando muito; fugindo à verdade, talvez, e fantasiando um pouco. Revisá-la completamente e torná-la mais lírica, tirando a parte final, aquêles fragmentos de Rezende, e muito do que fôi escrito em Natal sôbre a amizade. Poderia ser feito algo como "Os Cahiers de Malte Laurids Brigge," sem a pretensão de querer comparar. "Autobiografia Imaginária de Alice," poderia ser, com uma apresentação do autor falando de como conheceu Alice, quem foi ela e como morreu tão cedo. Algo como o prefácio das "Recordações da Casa dos Mortos", ou da "Escola de Mulheres", de Gide.

Mas não tenho o direito de sonhar com isso. Porque perdi o livro. Foi roubado juntamente com minha pequena biblioteca que organisei aos poucos, e mais

um livro que comecei a escrever; muito absurdo, e que jamais será publicado. Ainda estarão? Junto a isso, toda a correspondência recebida em Rezende e Natal, todos os livros de estudo militar, munições de pistola — um par de botas novo, jamais usado. Porque não falar nisso também? Estava lá dentro do caixote — o caixote feito especialmente para a viagem e, abrindo-se, transformava-se numa estante de livros. Pois que fiquem com tudo, mas me devolvam os dois manuscritos.

*

Tudo perdido pela negligência de um sargento, e pelo meu comodismo.

Eu partia de Natal para o Sul e ficaria alguns dias no Rio. Então, como o navio em que eu devia viajar, o Comandante Ripper, tinha por ponto final da

viagem o Rio de Janeiro, resolvi deixar dois volumes da bagagem para ser embarcados pelo sargento no Itanagé que faria as escalas até Porto Alegre. Eu pensei: se o navio vai até lá não há perigo de extravio. Assim seria, se o Itanagé tivesse vindo até aqui. Mas no Rio, por desarranjos nas máquinas, baldeou passageiros e carga para o Itaimbé. Essa época eu já me preparava para prosseguir viagem e já me havia o sargento remetido um recibo da Costeira, e embarquei também no Itaimbé, cheio de contentamento pela coincidência de viajar junto com toda a bagagem, mais os dois volumes que deveriam estar no porão: o caixote de livros e a mala de couro engradada.

Em Santos começou o suplício. Procurei o comissário de bordo para saber se havia documentos em que fosse atestada a procura de meus volumes. O homem procurou tudo... e não encontrou. Minhas coisas não estavam registradas e o papel que eu recebera nada mais era que um recibo sem importância. Agora seriam o sargento à última hora lembrou-se de minha bagagem e levou-a às pressas, sem exigir os conhecimentos e, assim, minha, se viesse, por acaso, dentro do navio.

Em Santos, pois, quando foram abertos os porões para carga e descarga procurei divisar os volumes — e vi o caixote de livros. A mala não foi vista e comecei a pensar que se perdera; mas também poderia estar em algum canto, encaixotada.

E em Porto Alegre desceu o caixote de livros e não veio a

mala de roupas e uniformes.

Quando começaram a fazer a descarga do navio retiraram o caixote e foi visto por mim, por R. Ruth, funcionários do pôrto, etc. E nada da mala. Choveu então, e suspenderam o descarregamento.

Porque falar em tudo isso? É um assunto desalentador. Pois bem, não vejo a mala e reclamei a todo a gente, ao Ministério da Guerra, até Companhia de Navegação, ao Pôrto, e afinal chegou a mala que ficara no Rio de Janeiro. Mas então o caixote desaparecera do armazem A3, fora roubado do armazem depois de ter sido visto por mim e por todo o mundo.

Bem, não o retirei logo porque o navio não terminara nunca de descarregar e tive de vir apresentar em Cadiz e disseram o carregador nº 5 encarregado de entregar tudo junto à Ruth. Foi ao voltar logo depois de Cadiz que soube que "nem um, nem outro", e comecei a me mexer para ver se conseguia localizar o caixote, ao mesmo tempo que providenciava para que a mala fosse encaminhada.

É no meio de tudo isso, não se ter o "conhecimento de despacho". Não se poder reclamar. Ter que se conformar com a boa vontade, ficar contente com as frágeis diligências encaminhadas "em consideração ao seu pedido". Tudo é horrível. Não preciso mais falar, acho tenho que dizer mais nada.

Bem, justamente esse erro de não o haver retirado quando lá se encontrava é que me desgosta. Tive dois erros: não fazer eu mesmo o despacho, não trazer comigo toda a bagagem

por comodismo, por pretender pas-
sar uns dias no Rio e não quere
todos os volumes a me atrapalhar;
e, o outro erro, não tê-lo retirado
logo que o vi e carregado para
casa. A mala viria depois, com
seus, e tudo estaria comigo agora,
eu com o manuscrito à mão,
minha estante cheia de livros.

1→ Tenho quase a certeza
de que quando fui de ia para
Cascias já o caixão desaparecera.
A última vez que fui lá não
estava no lugar e não o encontrei,
na rápida busca que dei. Pois,
(disse agora a primeira vez) fiquei
com medo de que tivesse sido
roubado mas não falei nada.
Como se fosse melhor eu encobrir
aos outros que havia sido roubado.
Envergonhado de aceitar isso.
Fui a Cascias me apresentar
e voltei em seguida para pe-
didir a bagagem. Então

não foi encontrado o caixote e a
mala não chegara.

2→ Fraça a um automóvel
de um amigo, andei desesperado
pela cidade inteira, a procura
do carregador 5 que não é regis-
trado na polícia, nem no cais do
porto, e soube seu endereço por
acaso, por um companheiro seu
de ofício; correndo da Costeira
para o cais do Porto, para o Quar-
tel general; fui encontrar a
pessoa para donde, provavelmen-
te fora o caixote por engano.
Mas enfim, meu nome estava
bem legível e, se fosse o caso,
quem recebeu poderia devolver.
Donde andará? O que terão feito
de tudo?

Sei que descobri até dois
homens chamados Oscar Jager
em Porto Alegre. Procurei um
tal Oscar Jager, dono de uma
empreza de transporte e encon-

tei o auto Oscar Jeger, no prado dos Moinhos de Vento, sendo a quem expliquei tudo e só depois é que acharam de dizer que eu estava enganado; que eu devia procurar o auto, etc., e assim por diante.

3- Também estive num porão de casa, com uma vela acesa na mão, numa estrada do fim da linha da Glória, aonde havia sido recolhida toda a mudança de um Oficial do Exército, bagagem essa que fôra tirada do mesmo Armazem A3. Fui lá andei de vela acesa, cheio de esperanças, e caixote por caixote examinado, nenhum era o meu!

Enfim, perdido. E nem indenização, porque eu não tinha o "carimbinho", porque eis por acaso, atiraram no navio e eis porque tinha um nome e um endereço: Porto Alegre, Rio Grande do Sul; e não sabiam os estivadores e os demais encarregados de bagagem que essa mala nunca teria chegado.

Poderia ser dito muito sôbre isso: agora estou a verificar. ~~isso~~. Tem até coisas engraçadas e ridículas. Mas perder tudo que se escreveu em anos ... é lamentável.

x 9d

Lembro-me que a comecei a escrever para um treinamento, para desprender meus dedos, como um exercício de piano, e fazer soltar meus pensamentos. Para conhecer a mim mesmo, eu disse muitas vezes.

Chamei-o de "O Ideal de um jovem Medíocre" e me recordo que acaba apressadamente, com uma tempestade. Unidade é coisa

completamente desconhecida nesse rascunho perdido. Nem unidade de estilo, nem de ação, nem nada. Começa cheia de ingenuidade e termina cheia de pretensão. Na verdade, eu gostaria de ter-te em minhas mãos, agora, folheá-la lentamente, cuidadosamente, como se folheia velhos e sagrados mamarranchos de família. Mas talvez eu não releve tudo aquilo com o carinho e o entendimento com que leio a caderneta de notas de meu pai e a última carta, a única, que conheço de minha mãe. Mas eu gostaria de ter-te agora nas minhas mãos.

Por tudo que tem de ingenuidade autêntica seria sempre melhor do que forjar ingenuidade para uma nova "Autobiografia Inocência de Clarice". Não sei, não sei o que

poderia ser feito, o que se poderá fazer.

Para essa tentativa "é preciso poder recordar os dias de infância cujo mistério ainda não se esclareceu." E também não é suficiente que se tenham recordações, como diz Rilke — "é preciso esquecê-las quando são numerosas, é preciso ter a grande paciência de esperar sua volta."

Sei que o que se escreve são as experiências, não os sentimentos. Fala-se dos sentimentos que ficaram das experiências. A vida é pois a preparação constante, e o essencial é que se mantenha a chama, a luz acesa — para que orientemos o que sobra das experiências segundo um caminho, segundo um voto, um desejo. Sim, aí entra mais uma vez Rilke. Talvez esse essencial de que falo seja precisamente o "voar" que ele retém:

"Quando cai uma estrela,

n'oublie jamais de faire tout votre,
Malte. Car il ne faut jamais ces-
ser de désirer. Je crois qu'il n'y a
pas d'accomplissement; mais il
y a des vœux à longue échéance,
qui durent toute la vie, de sorte
qu'on ne pourrait même pas at-
teindre leur accomplissement."

Sentei-me para escrever
alguma coisa. Sem ter ideia
do que pudesse ser. Por isso estou
no mesmo (não sei mesmo como
terminar esta frase).

Muitas vezes nos joga
tudo, como se eu nem tivesse
intenção de ser um escritor.
Assim foi toda essa sema-
na que passou: nem vontade
de ler, nem de escrever. Mas
insisto comigo mesmo, embora
esteja convencido de que o
livro que eu pretendia publi-

car ainda este ano, sairá jamais.
Sonhei tanto com ele ... que me
satisfiz com isso: como Otaniel.
Talvez eu perte mais de Otaniel por
ter pena dele. É um fraco, mas
tem a coragem de chorar. Seu
erro maior é ter-se julgado mui-
to inteligente e começado-se de
que conhecia os outros, e que com
suas palavras poderia levá-lo ~~a~~
~~to~~. Sim, por certo sabia como
generalizar, e o que se passava
com Josué; por exemplo, na cena
da fuga. Mas se foi inteligente
para descobrir isso, não o foi para
aproveitar seu sentimento. Otaniel
perdeu-se por suas palavras: sua
franqueza feriu o amor-próprio de
Josué. Por um erro assim perde-
mos um amigo.

Não é sobre isso que que-
ro falar. Também não sei sobre qué.
Sentei-me sem um propósito delibe-
rado, como não deve ser feito.

O que deve fazer é começar, em vez de antecipar em dilettantismo, em vão falso propósito.

Como sonhei com o livro! Passei dias inteiros vendo-o pelas vitrines e imaginando o que se diria a respeito. Foi pelo tempo de minhas férias, quando estava eu Maria Moça, A Procissão e Os Inocentes. Achei que, escrevendo em tão pouco tempo estes contos, eu estaria realizando "o milagre de trabalho" de que fala Max Jacob. Há algum tempo li o que sonhara um escritor, não sei qual, por ser um livro de estreia, e agora compreendo que é o que passa pela cabeça de todos — é um lugar comum, afinal, um sentimento vulgar que assalta qualquer pessoa, desde que andam em moda pelo Brasil escrevendo e publicando, ou escrevendo e guardando.

Chegou mesmo a escolher as epígrafes que o "Jornal" de Notícias e Bibe. Do segundo, simplesmente pela mediocridade de que dizem aquelas palavras. Só agora é que leio Bilac. Alguém diga, pois, em Rodin não está o fácil mestre em o poeta a que mais propriamente se encontra. Fortaria também de estar Brant, mas só conheço dele Os Pharos e Os Dias e "No Caminho de Damasco", da Flota. Uma citação, afinal, deveria significar conhecimento, amor, influência, não de palavras, simplesmente, mas da obra e até mesmo da vida do autor escolhido.

Sempre tinha pensado publicar uma edição pequena, particular, para amigos e críticos. Para saber o que tinha feito, pela opinião alheia. Ao sair da conferência de Carmo, feliz por ter compreendi-

do quase tudo, encontrei Raymundo Faoro e então tive a coragem de lhe falar no livro que eu preparava. Pedi-lhe que criticasse meus trabalhos, que eu tratava de copiá-los e depois lhe levaria. Agora me pergunto porque não o fiz ainda. Será por temor do que venha a achar dêle? Estive aqui neste quarto e elegi o "Brinquedo falado em Brent, "que deixou marca". Também considero o não possuir eu uma máquina para datilografar e não ter uma pessoa em quem eu confie para passar tudo a limpo e organizar o livro. Depois assumi a Secretaria do Regimento e andei atarantado, preocupado, nervoso com o serviço atrasado que o anterior me deixou e só agora readquiro um pouco de paz. Por tudo isso tenho me esquecido do livro; e pelo que

achei do último conto, quando o reli sábado último, segui-se uma semana de desconcerto e abandono. Também a carta de Lenine concorreu: "um gesto digno". Na verdade não sei como proceder dentro do Exército.

Quero dizer aqui o que pensei da parada do dia sete, quando me obriguei a fazer um revoltante gesto de cruzar os braços como continência. "Um gesto vaiista e contrário aos meus sentimentos democráticos", foi o que pensei dizer aos me perguntarem porque não o executara. Mas o executei, sim, e revoltado. Uma revolta incoerente, talvez, e vazia, mas porque encarecer tudo isso? Nada mais faço, encarecendo êsse fato, que cair na culpabilidade.

2- Aqui, por tudo e por nada, o livro dirigiu-se a si próprio. Morreu, sem haver nascido.

do J. Melhor, contudo, que nasce sem ser gerado.

Lembro-me de, quando criança, uma píbóia imensa que se deixara ficar numa bela figueira solitária de um pasto onde aonde o gado ficava. Isso me diziam, e eu a temia sem a ter visto jamais. Asseguravam que era perigoso aproximar-se da árvore enquanto ela estivesse faminta, porque nos comeria inteiros, começando pelos pés e a cabeça ficando viva até o fim, os nossos olhos sendo como que os olhos da serpente. Falavam mais que comia o gado, da mesma maneira, e que ficavam os guampas de fora e que, nesse tempo, todos apareciam para vê-la. Nunca pude vê-la, mas imaginei sempre os cornos ~~de fora~~ aparecendo e a cobra deformada, na sombra da figueira. Esse fato me aparece de repente, agora, a propósito de meu livro e busco uma relação qualquer com ele. Não sei se esse sonhado volume de contos é algo como a serpente que, de tocaia, fica as tardes todas de sol esperando os incautos; ou se será como a criança ou o gado que, alheios, vai para a figueira. Lamento, no entanto, ao reconhecer que, de qualquer modo, toda a história é imensação com que me amedrontavam a infância. Sempre grotesca, a lenda me trouxe a mente, no entanto, um belo campo verde que eu gostava de olhar quando passava por ele; apesar da árvore perigosa que era também bonita e grande, cheia de parasitas e estranha flora que, aonde o caule se dividia em muitos ramos, for-

mana um emaranhado como
uma certa vida em que a
gibóia descansasse e esperasse.

Como poderia ser a "Biografia
de Alice"? Quem seria ele, afinal?
Um moço que se perde para os mun-
dos, talvez. Sempre em luta por
sobreviver, será vencido e derro-
tado. Não totalmente vencido: sua
vitória poderia ser num sentido de
ingenuidade, de vítima das circun-
stâncias ou da vida mal prepara-
da. De qualquer modo, sua vida
será entregue ao mundo, como se
os outros cumprissem terminá-la, en-
caminhá-la, orientá-la, cada um
segundo o seu caminho. Assim é
cada qual responsável pelo destino
de Alice.

Numa prólogo e epílogo, o
escritor, numa pessoa que encontra
e conhecera Alice, dirá de como

e via pela primeira vez e a última, e
de como queria publicar sua vida,
alguma sentimento de culpa por sua
derrota, quem sabe? Seria apresenta-
da Alice, como Alice se julgou a
si própria: ele tomaria a palavra;
e em todos seus poucos anos, com
os quais morreu, haveria muito de
tristeza, de pureza, ingenuidade,
pureza, inocência, enfim, tudo o
que pode dar à sua vida um
sentido de que o seu mundo talvez
não fosse esse, e que foi uma tenta-
tiva tão cedo. No epílogo
novamente o escritor falaria pro-
curando justificá-la. Não, não mais
deve falar. Sua vida se pudesse
ser como uma mensagem — ou, pelo
menos, a desesperada busca dessa
mensagem! Ou morreu ela sem
haver compreendido nada?

Não deve ser uma obra de
mistério, nem pode ser pessimista. O
melhor recurso é que pudesse ser uma

coisa simples e espontânea, sem as complicações do culpa. O agradecimento da esperteza na qual ela tinha de ficar mais e não esperava. Recordação passada, a tristeza e a surpresa da, mesma pressa, Alice morria ainda não sabia nessa mesma pressa; como se ela tivesse ensinado que o mundo era precisamente o que ele não encontrou. Alice teve alguma a sua mente acima de tudo, e via grande dor pressa de que ele alguém se tinha de enganar do seu preparo como o preparou; não sabia, jamais, despega com pessoa, nem lembrou, depois do seu rosto, mas mais a sabia encarar como a seu lado.

O termino Alice dia não necessariamente, uma criança tão, por uma surpresa em que devia ir a mãe, bem dela vagou e na

grades lembranças. Ri toda sua bonita cabeça teria esse espanto (na área: na ala agora da cabeça, na área: na de ser, e mesmo grande a sol incide sobre as coisas mesmo pequenas e as coisas estão ali no seu lugar).

O pensa que pensamos o mundo de Alice não teve culpa a melhor das intenções por o que pôs a pri assim. Pisada de pé agudo a barulho, e uma pedra não do mundo: pois ela sera também mais criança e não a compreensão sempre perdida por ele. Na consciência que pôs a Alice sonhe a consequência de seu pensamento assim a sua, a mesma a coisa. Nada pôs ela, sem ser: encontrou, porque era a sua mesma explicação. Porque ensina a que me parecem melhor para não perder a criancinha. Ensinou ensinar ao que não teria mais do pensar

natureza — e perdeu-o por isso.

Pela subsistência, no entanto, a certeza de que havia acertado: será um tanto cega e não reconhecerá seu erro (não agirá em toda sua convicção?) Essa poderia chamar-se Céleste, pelo que há de pureza e de céu neste nome, e por outras razões.

Olívia, desiludido em face do mundo, sempre agredido por ele, lutará por sua própria salvação sem compreender precisamente qual o sentido da luta que deve manter e que sustentará, apesar de si próprio: lutará mesmo inconscientemente, quer por uma imposição de sangue, de consciência, ou um instinto de salvação frente a seus contínuos e incompreensíveis inimigos. Não atingirá o estado de "não se decepcionar pela vida", pois será demasiado ingênuo para esperar apenas a maldade e o interesse.

Mas haverá apenas Olívia e Céleste, naturalmente. Muitas criaturas povoarão o livro: mas ainda não sei o que poderá ser tudo isso.

Face às desilusões sucessivas de Olívia, e de como Céleste será cega em presença delas, ~~e~~ existirá, quem sabe, Liana que tenha a justa medida dos fatos. Mas isso importa numa definição. E Olívia não a pode encontrar, me parece. Desconfiará dela, mas terá enfrentá-la. É difícil, enfim é difícil: Olívia não deverá ser um fraco, falará por perguntas... ou cortará depois de tudo passado, depois de compreender sua falta, sua queda? Não, sua definição será ainda oculta e fugitiva para si mesmo. Talvez quando ele começar a perceber de longe o meio de atingir o princípio, quan-

do os espíritos estiverem cheios e prontos a colher, virá a praga e destruirá tudo. Ele durará, ir frustrado, ferido, mas lutará sempre: este o sentido moral «dipso: prossegui.

Mas começo a preschegue, para dar essa personalidade ao jovem Alice, não posso, como é minha provisória intenção, aproveitar só's um dos, ou mais auto-experiências afim de situá-lo na história, fazer dele uma criatura que participe, não só pelo pensamento mas também pela ação, — que participe da vida.

Não sei ainda quem será Alice.

Enfim, todas as considerações acima não são provisórias como é provisório o nome de Alice e como ainda tudo são nuvens. (No entanto, as nuvens escondem sempre os céus).

Depois de reler Dostoiévski, inteiro, ler todo Shakespeare, a obra de Rilke e a "Recherche" de Proust; depois de procurar o "Ulisses" de Joyce para saber que caminho é que ele traça: talvez (ainda assim talvez) para ser feito alguma coisa de sólido, duradouro e valioso. Duro, não. Como até agora; ainda não.

Pois reli hoje "A náusea" com desgosto. (19-9-1949)

Tomei o livro de J. G. V., "A Música e os Dados", mas não consegui ler. Há certas coisas realmente revoltantes. No entanto, fiz força para me convencer de que é bom e cheguei até à página em que copia o início de "A Idiota" e fala numa "mera coincidência". Verdadeiramente exasperador, também, aquilo do Cristo bate toc-toc com a caleça no madeiro da cruz, (apesar

de toda a provável e possível infância do tal faminho). E fala em dois meninos que têm a aparência, um de Rimbaud aos nove anos e outro como sendo sósia de Mozart — transmitindo, pois, ao leitor, a imagem perfeita de como são esses crianças, porque todo o mundo conhecem Rimbaud e Mozart. Já o título do primeiro capítulo me irritou, mas passei por cima: "Aí vai numa bandeja um personagem", ou coisa parecida. Enfim, o sr. José Geraldo Vieira não consegue me agradar, absolutamente. Gostaria de ler uma interpretação sua de Verlaine, Rilke, Rimbaud, ou Dostoievski, já que os cita a cada passo com tamanha intimidade. Se fizesse um livro menos "literário" talvez realizasse coisa melhor. Mas dizíamos, também, que não pode ainda penetrar a verdadeira sentido da obra desse escritor nacional. Um dia virei a admirar profundamente esse homem, quem o sabe?, pela maneira inteligente e bela como justapõe um caipira falando errado com um "deve ser um intelectual" pensando em França e nos poetas maiores, ao mesmo tempo que cita artistas de Hollywood e companhias cinematográficas.

12

Pena que não fosse um cisne. Mas, apesar disso, foi uma bela imagem a que vi nas amanheceres de hoje. Estava frio e a água perfeitamente parada rodeava-se de folhas verdes que se afastavam num ponto deixando vêr a superfície tranquila e adormecida como a ave que ali estava. Para as paineiras estão com as cachopas brancas se abrindo para soltarem os flocos ~~pelo~~ no ar: pois

a ave dormindo estática sobre
as águas com o pescoço empluma-
do todo voltado para trás
e o bico amarelo desaparecendo
sob a asa, era como uma
grande cachopa de paina aberta
e boiando, com as plumas todas
esperando o vento para voar.
No entanto, dentro daquelas penas
alvas, o sangue corria e, de um
momento para outro o pequeno
animal poderia acordar, se assus-
tado e correr pelo lago espada-
nando e agitando as águas. Mas
enquanto passei pela estrada de
se conservou parado, imóvel; e
procurei com os olhos ~~a ragião vizi-~~
~~nha àquela donde estava~~ → mas
não vi nenhuma outra ave que
lhe acompanhasse. Era sozinho
e dormia no amanhecer, despre-
cupado e sem se aperceber do dia.
A água parada. Uma imagem
pura sobre a porção de água que

a folhagem dizeva descontente. Às
vezes vemos uma dama segurar
entre as mãos uma taça de cristal
com tamanha ternura, olhando
o líquido com um enlevo tal,
como se houvesse uma pomba
descansando na caleta de vidro:
pois me parecem que esse belo pato
branco sobre as águas era algo
frágil como os flocos de espuma
que se formam junto às cachoeiras
e se encostam nas folhas pendu-
tas das margens dos rios; e senti-
que se poderiam encher muitas
taças com essa espuma viva que
dormia na calma da manhã.
Mas, acima de tudo, gostaria que
fosse um cisne; não tanto pela
maior beleza do seu longo pesco-
ço ou das asas amplas e engo-
madas como os vestidos brancos
das crianças, mas pelo que há
de mais belo na palavra cisne
em vez do nome pato.

Termino de ler Dietrich Oberlin, de Jakob Wassermann.
(Logo deixei o caderno e não sei o que escrevi. Marcia Betz sobre este livro)

Na verdade, há super-abundância de episódios e detalhes, principalmente na "terceira etapa". As duas primeiras partes me fizeram esperar uma coisa bem mais importante para a última. No entanto, com o aparecimento das duas "jeunes filles" o romance modifica-se quasi que integralmente. Enquanto na primeira e segunda parte tudo é Dietrich ou dirigido a ele, ou em consequência dele, a última parte cria tantos incidentes que Oberlin quasi se dilue. Embora tudo concorra para a transformação do rapaz, não creio que seu processo de formação e transformação tenha sido completo. Porque o método de apresentação do personagem foge, por assim dizer, do interior para o exterior. E ainda esperava que no último capítulo: "Je vieux", voltasse a ser dado a Dietrich o tratamento anterior.

Falta a complexidade de episódios seja o suficiente para transformar o caracter de personagem, ainda que se não diga quais as reações sofridas por eles: considerando-se o que sugere a quem lê como o que acontece a quem vive a ação. Indiscutivelmente o pouco adolescente Dietrich Oberlin sofre a ação, mas há fuga demais para pontos secundários, para os demais planos, como se mais pela apresentação de detalhes do que pelo retoque e aperfeiçoamento do motivo principal se pretendesse salientá-lo, destacá-lo.

Resulta que certos personagens, como o pai de Hanna e Cécile, permanecem apenas esboçados. Mas pe-

lo que Hanna diz e conta no decorrer da terceira parte, esse pai parece que ainda viá a cena para se apresentar diretamente; se expor, justificar-se, talvez.

Tudo isso são anotações provisórias, pois não domino perfeitamente o francês para fazer um julgamento a fundo; e muito por certo me tem escapado em consequência disto.

O livro possue passagens belíssimas e situações de um dramático penetrante, como as relações entre o herói e sua mãe Dorine. Aliás, essa mulher é simplesmente maravilhosa em suas aflições e seus sentimentos. Também é de grande poder envolvente "La Dorniuse": — "Elle est là!, elle est entre nous; ne la sens-tu pas! Laisse de la place pour elle; silence, ne bouge pas; écoute-moi!" Os Dietrich lançando-se " de tout son long sur ce morceau de terre qui avait porté la femme fille pour la dernière fois."

Pobre Dietrich Oberlin! quando tomavas a bicicleta e percorrias quilômetros de estradas, enfrentando o sol ardente cuja púrpura parecia respirar. Já havia sofrido e sofrias muito mais. Mais tarde exprimiu "son front contre le mur et se mit à pleurer sans arrêt et sans bruit."

"Mergulhou seu rosto no ventre do qual nascera; e pele se esconde mais profundamente como se quisesse para lá voltar." — "à la fois enfant et homme."

×

14→ "Há homens que não exibem uma força simples e modesta de si próprios senão quando se sentem envolvidos pelo destino e seus perigos, e que não orientam uma atividade tranquila a um determinado fim senão quando são tomados pela

15

vaga crescente do desespero. Existe nisso algo de indulgência e humildade; apenas isso pode salvá-los; na desordem e no nevoeiro uma luz de graça acende-se neles." — Portraits de Cécile — As três Etapas de Dietrich Oberlin — Jakob Wassermanns.

A novela do Curioso Impertinente: D. Quixote de La Mancha, Cap. XXXIII, IV e V.

Os dois amigos: Anselmo e Lotário; Camila: mulher de Anselmo; Leonela: ama de Camila; o amante de Leonela.

Como uma calmaria em alto mar, obrigando a caravela a ficar imóvel sobre as águas, é o estado em que muitas vezes me encontro. Como se nada

da me solicitasse e minhas energias todas permanecessem inúteis. O pensamento mesmo não realiza coisa alguma, as ideias fogem e nem sequer a tristeza, por tudo ser assim, se manifesta. As experiências, as presenças e os acontecimentos, por insignificantes ou grandiosos que sejam, não impressionam o espírito e tudo se passa como se nada mais significasse que uma diversão inconsequente. Talvez aí seja o ponto em que se participe do vulgar. O homem vulgar é o que não mantém reservas de pensamento e sentimento: sente o momento presente, como o de uma saborosa refeição; e não se comove com a ternura, nem mesmo com a tragédia, quando dirigida aos outros. Revolta-se até contra a tragédia de si próprio, sem orientar essa revolta em sentido algum senão o da satisfação

ferroal de não conformismo. Pois o homem vulgar [illegible] é auto-suficiente, e se não chega à derrota é por não ser uma inteligência especulativa. O dia em que perguntar estará duvidando de si próprio e essa dúvida seria o início de seu processo de aniquilamento. Mas, a vulgaridade precisa ser uma situação inconsciente. A consciência da vulgaridade deve abrigar sempre o desconforto de quem perde todas as partidas de uma copa e procura o verde unicamente na inveja. Porque o homem vulgar é mais sujeito a inveja do que à verdade.

Nos dias que se têm passado tenho visto as tendas de glicínias floridas, muitas e muitas casas com elas pelos portões. E é como se homens uma pro-

cissão e se lhe pedisse feita em feitas as fachadas, em homenagem ao santo [illegible].

Também os campos estão cheios de flores, e fico admirado como as pequenas flores não guardam sempre amarela, vermelha, azul e roxa. Agora as amarelas aparecem mudando a côr dos campos: a flôr das almas, como eu chamava na infância, e que vai até o dia dos mortos em Novembro. Tem cheiro doce de mel e é como uma pequena margarida de côr, como a beleza simples das flores do campo. No entanto, também nelas se realizam todos os mistérios da natureza.

16a → Nesses dias que passaram vi um homem pobre levar nos braços um caixãozinho de defunto, e fiquei imaginando se não seria para seu próprio

filho. Por certo não seria: ele fumava e tinha um chapéu enfiado na cabeça. Ia absorto pela rua, mas que pensamento se pode conceder a ele em tal momento? Há pensamentos de dor, de complacência, de indiferença em que os olhos (e um cigarro aceso, a precaução de fumá-lo, de atravessar a rua, concorre tudo para se fixar a angústia) e os olhos não realizam o verdadeiro sentimento.

Volto de três noites passadas no campo, quatro dias inteiros um tanto fora de mim. O que me impressiona, (o que é necessário, também reconheço) é que não me dedico às atividades diversas de minha vida de uma maneira integral. Em minhas relações com o Escrivão não me aprofundo porque sinto a literatura sofrendo. E quando mergulho nos livros e com o pensamento na profissão: não por amor a ela, mas pela consciência de dívida, de pagamento dessa dívida que cresce com os dinheiros de todos os meses. O que adiantará vencer uma delas sendo desonesto com a outra? Eu será possível, por um desejo de saldar uma dívida, pacificar toda a satisfação íntima de se realizar? Será justo?

São questões que me assaltam nos mais inesperados momentos e me dominam e me assaltam. Fico em silêncio e não participo das conversas gerais.

— Tu não gostas de ninguém!

— Gosto de ti, não é o suficiente, não fico contente com isso.

Ornin, minto para me salvar. Falsifico a mentira e justifi-

que nesse caso. Mesmo nesses casos falo com um meio-sorriso, irônico, tabaréz cínico. Recordo-me que uma pessoa um dia, em Recife, me repreendeu porque mesmo para as coisas sérias eu falava sorrindo, "como se tivesse vergonha", ela me disse. É justamente pelo "material humano" com que lido é que conservo esse sorriso, não por vergonha mas por precaução (medo de não estar sendo como é necessário ser em tais ocasiões).

É nesses quatro dias de acampamento estive um tanto perdido de mim. Quase irreconhecível. Completamente longe dos livros e dos pensamentos maiores, quase que reduzido a um homem que se alimenta e dorme, sem a consciência de que algo mais poderá existir de si fora além das obrigações cotidianas de ganhar a vida e gozar.

Envergonho-me de ter, logo no primeiro dia, me deixado levar por um baixo senso de amor próprio ferido, ao dar uma ordem a um soldado e vê-lo demorar a cumpri-la. Via sua botina fora da barraca e senti ímpetos de dar um chute e gritar com o rapaz. Não o fiz, quanto à botina, mas gritei e me envergonhei depois ao reconhecer que o humilhava com esses brados e perdia também ainda mais a razão. Então ele cumpriu o que eu exigira, e daí em diante tratou de me atender sempre com um sorriso humilde, e de falar comigo mesmo quando não havia necessidade, como se quisesse mais uma vez ver-se humilhado por mim, caso eu me irritasse. Mas não é somente necessidade de humilhação que há nesse gesto: existe

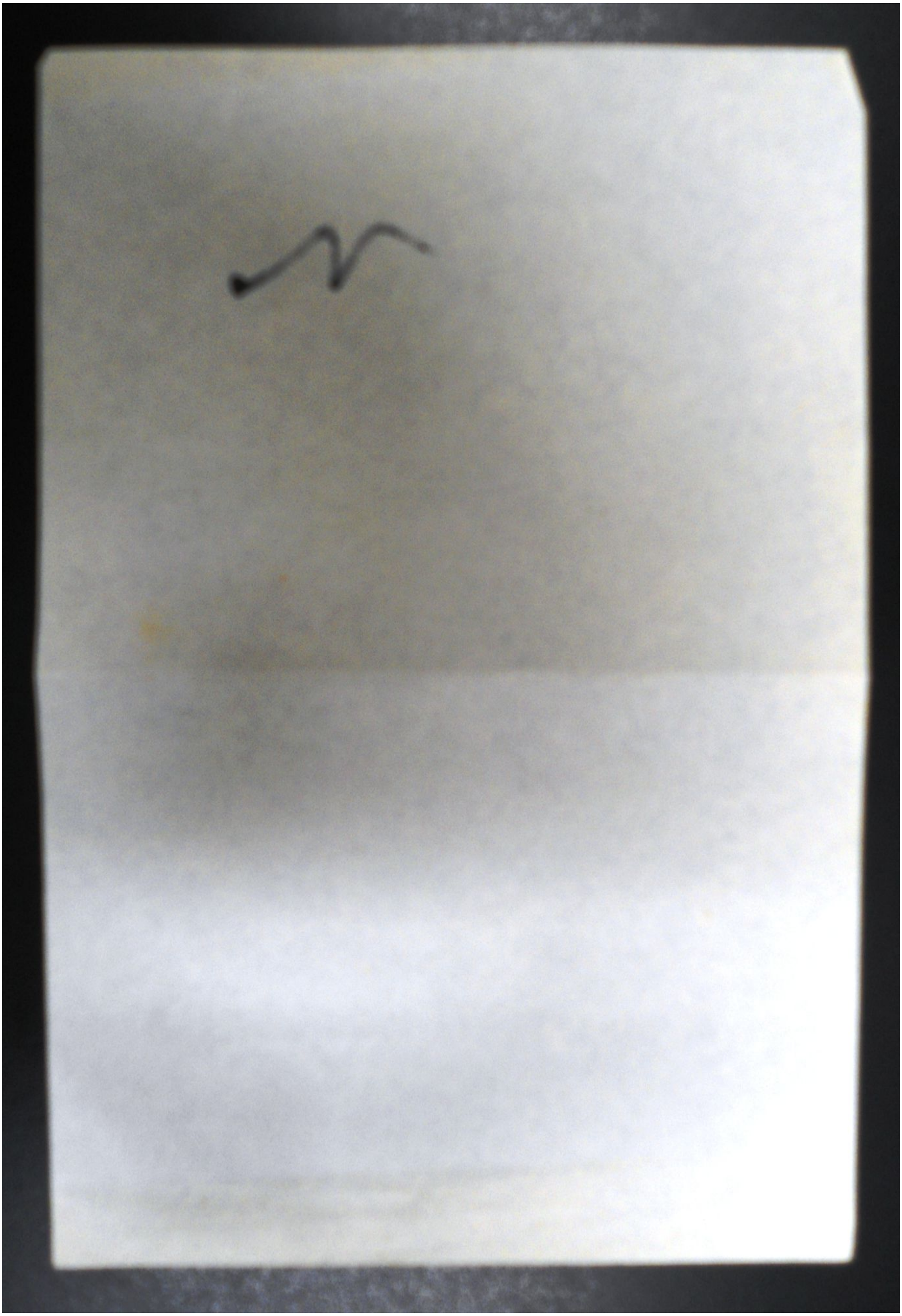
tambem a necessidade de se mostrar que "alem daquele ponto em que ainda existem outros em que ponho ser util". Os que foram humilhados muitas vezes nos concedem graça, embora seja natural que se não a espere deles; e, por ~~tudo~~ outro lado, muitas vezes somos ofendidos por quem não nos deve~~m~~ senão favores.

É desse grato dios ainda quero referir uma esperiência. Durante um espetáculo de que eu era ~~simples~~ espectador, os soldados achassam duas cobras e ~~matar~~ feriram-nas com os baionetas. Fui até o lugar aonde estavam se retorcendo e me mesendo a cada vez que se aproximava uma vara ou o pé.

— Agora só vão morrer quando o sol entrar, disse um soldado.

E aos poucos passaram todos e fiquei só, no campo, em presença dos animais feridos. Eram iguais, a pele colorida de amarelo e marron em desenhos estranhos, e uma em presença da outra estavam só em seu próprio sofrimento. Cortei tambem uma vara e virei uma delas sentido como a barriga é lisa e como são as escamas superpostas, ~~não~~ quase imperceptíveis, quando a madeira corre num sentido, e como é irregular quando percorrida no outro. Depois notei o sangue vermelho tingindo as folhas verdes da grama, o sangue vermelho, pastamente vermelho, igual, um principio de identidade. E ao aproximar a ponta da vara de sua cabeça a cobra procurou enrolar-se e abriu a

21
13
23
57



boca para morder, mesmo com o corpo aberto pela baioneta, justamente nesse momento verifiquei que eu lamentava o animal por não poder mais defender-se, por estar ali impotente, incapaz de usar seu único orgão de defesa; reparei na língua comprida e negra, ~~terminada em dois~~ bipartida na extremidade, e caida inerte para fora da boca, e me dei conta de que meus olhos estavam cheios de lágrimas. Então, procurei matar os dois animais, não por raiva de me terem levado aquelle pranto, nem para abreviar seu sofrimento, não sei se por maldade, o certo é que procurei matá-los mas logo desisti e me retirei, pensando que as cobras só morreriam, mesmo quando o sol entrasse.

X

Eis um dos dias em que me parece impossivel já haver escrito qualquer coisa de cujo valor alguem tivesse falado bem. Sinto-me desalentado ou, para dizer a palavra usada em tais casos, estou vasio.

Perdi a noção do tempo que faz que entreguei meus nove contos para serem datilografados e organizados por ela. Muito mais de um mês, muito mais. Desde então fui apartado deles, alguns dos quais nem tenho cópias a não ser neste caderno e, já se vê, com sensiveis diferenças. Pois todos os dias espero recebê-los, recebê-los e organisar o pequeno volume. (Espero com a ansiedade com que aguardava cartas na Escola Militar). Tambem as idéias desertaram de mim e não me julgo capaz de escrever um conto siquer. Desde muito tem-

po para ~~ela~~ havia sempre uma
idéia a ele ~~esperada~~, em se-
~~guida~~ ~~Gabriel~~, e, se não tinha
disposição para realizá-la ha-
via ao menos a tranquilida-
de do assunto reservado, a hi-
pótese esperando o momento em
que a mola se distendesse e as
palavras ~~escorressem~~ sobre o
papel.

Foi nesse dia, como ain-
da hoje, e o vaivém, a sensação
de incapacidade, de inutili-
dade.

— Pude agora a imprensa
exata de minha inutilidade.

— Ora, foi ela tirando
um serviço, está sendo útil.

— Uma espécie de utili-
dade inútil, eu digo, mas
ela acaba completamente sem
razão para esperar.

Vinha para mim que a
razão dizia à ~~memória~~ de mim

trabalhos, a separação, as promessas
falsas que ela fazia ~~a~~ toda a
semana: "sábado te entrego, na
próxima semana termino tudo;
ou coisas assim, ditas sem ver-
dade meu sentimento, como para
adiar minha insistência e en-
ganar ~~a esperança~~ uma espé-
cie de domínio, de dependência.

Por outro lado, reconheço
como é exido o trabalho que lhe
dei. (Por ter se oferecido com
~~muita~~ palavra, palavra demais).
E ao me arrepender de lhe ha-
ver ~~encomendado~~ ~~este~~ serviço — não
pelo sacrifício mas pela demora
a que me sujeita — fico pen-
sando em como será angustiante
esperar-se a publicação de um
romance de quatrocentas páginas.

×

Preciso viajar. É uma
maneira de se recuperar o tempo
perdido. Porque uma viagem

feita é uma bibliotica que se
lem. Uma longa viagem em que
se vai por mar; se encontram
terras novas e pessoas, e fa-
bemos que suas vidas têm sem-
pre determinados pontos iguais
ou semelhantes ~~às nossas~~. Como
nos livros os personagens. Se hou-
vesse ao menos um personagem
que não nos tocasse de maneira
alguma, que não aceitasse em
nós absolutamente nada do que
fomos, desejamos ter sido, ou la-
mentamos não haver alcança-
do; ou se não se identificas-
em sua presença o arrependi-
mento de haver sido igual ou
a glória e o prazer da ~~identifi-~~
~~cação~~; então tal ~~livro~~ perso-
nagem e livro seriam mortos.
Assim, nos tamboretes e plata-
formas, as pessoas que se encon-
tram e falam e se conhecem,
é um pouco para saberem até

que ponto usaram suas especiali-
dades, como e quando foram des-
tacados: para se aventurarem
unicamente na procura de
uma rota, e tudo sem compro-
misso *, com a convicção sem
compromisso de quem, ao descer
o trapiche ou da plataforma,
esquece ou abandona o azimute.
Pois há os que insistem na me-
tamorfose impossível e nisso
iludidos com ela. As vezes sal-
vam-se por ela: por adquirirem
um estado permanente de revolta.
São um tanto assim como ban-
deirantes de estrada real, estão,
não se embrenham na mata,
mas não deixam de desejar pene-
trá-la. Seu valor está na crença
da metamorfose impossível, a
fé nessa transformação que ja-
mais conseguirão realizar, an-
te a impossibilidade reconhecida,
mas que não é suficientemen-

te avassaladora para o destruir?
Essa é uma condição do humano: poder dirigir-se ao Supremo ou resumir-se no terrestre.
Tem a possibilidade, o direito, o dever de conservar e manter essa luta afim de extrair dela o que lhes justifique a existência.

×

Embarei-me hoje, faleci e agora escrevo sôbre os dias dois de Novembro.

Nas madrugadas eu me acordava com o rodar das carroças e as vozes do povo levando flores a seus mortos. Vinha gente dos arredores, das vilas e povoados, trazendo coroas modestas e belas de papel crepon verde, e branco e rosso, as rosas com muito amarelo, e outras flores sem nome que as mocinhas imaginavam nas vésperas contando o papel e inventando pétalas e pesando a unha com força para ficar áspera e enroscadas.

No sol forte da manhã as carroças passavam e as moças arrumavam as sombrinhas, sem côr, ~~roxas de velhas~~, os cabos retorcidos, mas servindo bem contra o calor, apesar de feias. As flores de papel de seda ou crepon, ~~elas~~ levavam nos braços, como se marchassem ao sol, e as coroas enfeitavam o interior da viatura, saltando às vezes para fóra os arames cobertos de verde, servindo de canôas e com folhas nas pontas.

Minhas irmãs iam no cemitério a 1.º, pela tarde, para que o túmulo amanhecesse florido. E lembro-me como tínhamos pena dos túmulos sem flôr, com os vasos secos ou quebrados que viam

chegar o dia e morrer o dia, abandonados.

E a dois os velas ardiam e as flores, os lírios brancos, as rosas — a "flor das almas" nos campos — todas eram contadas e trazidas para as catacumbas quietas. Então o cheiro das flores misturando-se das velas se derretendo fazia uma impressão tão forte que eu tinha medo e sabia que de noite viria assombrar e velas pelo quanto. O cemitério com flores novas e luzes tremendo era prá mim um enorme relógio, como se se aproximasse o juízo final e os cadáveres voltassem. Me apoelhava e rezava por minha mãe. Ester chorava. Então eu arrancava as ervas daninhas, o capim que rebrava, e disfarçava para não chorar também.

Quando o sol desaparecia e a luz das velas não estar sendo a única claridade única para os mortos, nós nos retirávamos para casa e minhas irmãs comentavam a profanação que havia nos namorados conversarem ao pedestal da grande cruz aonde se rezava a missa pela manhã.

Também me lembro como eram grosseiras as flores metálicas, esmaltadas em cores fúnebres, enfeitando todos os anos os jazigos dos ricos. O chocante som das folhas ou das pétalas quando se tocavam, som de armaduras de museu, ou elos de corrente. Compradas um ano e postas sempre, desbotadas e enferrujadas, postas por obrigação, não devotamento ou amor. Flores mudas de quem se esquece dos mortos. Não são flores, são vícios.

21

De noite, as estrelas no céu e as velas no chão, eu imaginava o cemitério aceso e brilhante, mas nunca o vi. Mas me diziam que uma enorme procissão saía dos muros brancos e percorria a cidade nas horas da meia-noite: os mortos ressuscitados em alvas túnicas e ~~com~~ círios brancos à mão, numa lenta e interminável coluna que desfilava por mim e me adormecia, afinal, como se fosse uma canção de ninar mal cantada e sem fim.

Vinha lindo e termino agora o maravilhoso Don Quixote de la Mancha, na tradução de Castilho e também posso considerar ditosos e felicíssimos tempos esses em que me foi dado ler este livro.

Por tudo ele me parece superior ao melhor que esperasse, e compreendo que nada posso dizer a mais do tanto que se tem dito sobre Cervantes e D. Quixote: não por ~~não haver~~ falta de o que se diga, mas por não poder ~~eu~~ fazê-lo. No entanto, nesses meus manuscritos, não pode deixar de aparecer uma referência, que não sei como fazê-la: discreta e sem os superlativos de estilo.

É consolador esse monumental sofrimento de D. Quixote pela sua sempre inabordável e inalcançável Dulcineia del Toboso. Fandio-so esse sentido de busca infinita pelos tempos afora. Na vida de Santo Agostinho, talvez se possa comparar, é que homem em mesmo sentido de esperança, o santo buscando Deus pela altura e inteligência, de um caminho à outro até à satisfação. Mas D. Quixo-

Um homem mais sensível melhor, ao terminar de ler a história do argenhoso fidalgo, e dos que vivem além do cotidiano, procurando definições capazes de clarear em alguns o seus caminhos, terá encontrado nesse brejeiro e guia dos cavaleiros andantes se nada mais, ao menos conforto. Por Sancho e D. Quixote, cavaleiro muito principal, e por sua dama e senhora jamais esquecida, nem mesmo quando, com a lança inimiga em cima da visseira baixa, e como se falasse de dentro dum túmulo, com voz debilitada e enferma, disse:

— "Dulcinéia del Toboso é a mais formosa mulher do mundo e eu o mais desditoso cavaleiro da terra, e a minha fraqueza não pode nem deve desmentir esta verdade: ataca, cavaleiro, a lança, e tira-me a vida já que me tiraste a honra."

Não mais se chamará Alice. Agora, e por enquanto, o nome poderá ser esse que é o de um soldado do Regimento, assim como Alice foi o de outro em Caxias. Será pois: Dircen Menino do Rosário. Um belo nome, cheio de poesia e ternura, justamente como convem. E como permite o debulhar, afim de não prejudicar a harmonia da frase: Dircen, Dircen Menino, Menino, Rosário, Menino do Rosário, Dircen Menino do Rosário!

Sua biografia constará de três etapas onde ação será desenvolvida em cenários diferentes. A cada mudança de cenário corresponderão sensíveis modificações em todos os setores: o meio ambiente (família, amigos), as relações espirituais e morais, o desenvolvimento intelectual, etc.

Também as cidades vão sendo maiores e mais importantes. Porém, como êle é sempre incompreendido e nunca arguido sôbre suas pretensões, viverá sempre deslocado e descontente. Pensará em todas as profissões, sem nunca saber qual seguirá (estudar a origem e as conseqüências). Como Proust: "A magistratura, não está demasiado desacreditada? Que me resta, posto que estou decidido a não ser advogado, nem médico, nem sacerdote...?" Desejará ser professor, já que muitas pessoas de sua família o foram ou são. E detestará o comércio, a que está submetido pelas circunstâncias. Enfim, no tocante a profissão, não terá a mínima noção ou interesse, e isso levará seu tutor a dirigí-lo à terceira etapa.

2 - Talvez, com um pouco de cultura ou oportunidades maiores, vi a aquilo em que não mais creia, seja meu lar, minha pátria, ou religião; tentará de condução-me na vida ou na arte o mais lìvremente que possa, empregando em defesa própria as únicas armas que me permito usar: o silêncio, o exílio e a astúcia" — como Stevan Dedalus. Mas não conhecerá fugas, nem Proust, nem ninguem. Será uma criança, um adolescente, e sempre desconhecendo a arte. Talvez na terceira parte, quando entrar em conhecimento e contato com a pintura, apareçam os princípios, a penitibilidade de uma definição. De qualquer forma, a arte, para ele, será um mundo maravilhoso e desconhecido ao qual talvez possa se aven-

turas não com indecisão nas com timidez. É possível que nessa última fase ele deixe de ler os livros com o desejo natural de ser os personagens, para passar a desejar ser o autor. Mas é necessário e indispensável que não seja um livro "literário."

Dirceu Menino viverá seus primeiros anos em Tijucas, Sta. Catarina e essa será a primeira fase. Lembro-me de que, numa espécie de diário de capa preta que iniciei ... não me recordo o ano, 1940 ou antes?, eu dizia, depois de haver descrito aspectos de minha infância em Tijucas, que aquela era uma data sensível (aquela em que fui para o Rio Grande) e poderia servir de marco divisório. Agora volta espontaneamente essa idéia. Lamentável que eu tenha perdido também o pequeno caderno de capa dura e preta, com um elástico negro para conservá-lo fechado. Passados os primeiros onze anos em Tijucas, o cenário passará a ser Passo Fundo (mais uma vez me falta o caderno preto e a biografia perdida). Nesta cidade Dirceu Menino viverá mais alguns anos, até aos dezoito, por certo, e terá cursado o ginásio e enfrentado o comércio e as angústias de cobrador de prestações. Por fim, a terceira etapa se desenvolverá em Porto Alegre, e não sei se o Menino morrerá ou se "desaparecerá", como para seguir além, pelo descondicionado, pelo maior e mais formoso mundo espiritual que entrevê.

Estou percebendo que meu Dirceu Menino do Rosário não está sigue esboçado.

23

Gosto de me debruçar sôbre
todas estas folhas escritas, — e
o faço com um sentimento de
ver uma etapa cumprida. Es-
ainda artesanato, mas vado-me
de confiança ao verificar que
preenchi tudo isto sem pressa,
uma vez que iniciei este cader-
no em Dezembro de 1947, e com
a convicção, quasi sempre, de
estar realizando o melhor de
que sou capaz.

Estamos a 20 de Novembro,
e praticamente dois anos se passa-
ram da data em que iniciei
escrevendo, a partir da folha 2,
uma espécie de definição e projetos
literários. Juntamente com a
narração de algumas passagens
biográficas, posteriormente utili-
zadas para realizar "O Adolescente":
ese depoimento estava nas 19
folhas arrancadas deste volume.
No depoimento eu referia que

completara um quarto de século e
estava meio desolado por nada ha-
ver conseguido ainda a "Cartas do
Nordeste" e demais artigos do "pagumi-
Foi um trabalho escrito sem a mí-
nima noção de limites ou possibili-
dades, e o melhor que poderia ter
feito foi o que escrevi: rasgar e
queimar. Quanto às experiências
pessoas, estavam por demais cruas.

Do presente volume apenas Bichos Chacun e O Desastre foram
escritos em Natal. Embarquei nos
primeiros dias de Maio para o Sul
e, chegando em Caxias a 15 de ju-
nho de 1948, aí estive sem escrever
quasi nada durante esse ano: tão
somente "Fuga" e "A fôfa", e mais umas
anotações. Tudo até a página 51.
Dessa página em diante tudo o
mais é de 1949 e de Porto Alegre,
quando minha vida estabilizou-se
mais, tudo já numa casa, um
quarto e relativo sossego, sem ter

24

que dar explicações a meus brilhantes e curiosos e incapazes de compreender ou pelo menos aceitar que os outros se interessem por coisas que não os interessa em absoluto, aos companheiros de profissão.

Enfim vejo meu volume de contos organizado. Agora sinto tudo e nada por êle. Sou mesmo como Otaniel... Mas não, pois tenho dado vários passos no sentido de vê-lo publicado.

São cerca de 100 páginas almaço, datilografadas a espaço duplo e constituido o volume de seus contos sob o título: Os Incoerentes. Iniciando o livro este conto, vêm os demais: A Visita, A Jóia, Maria Fagia, O Desastre, O Adolescente, Aria e A Procissão. Dedicado a minhas

irmãs, com epígrafes de Dostoievski e Rilke — o adolescente Dolgorukí dizendo: "E agora, pensa que não tenho medo? Tenho. Mas, de repente, tomei uma grande decisão e sinto que a levarei a cabo. E, então, comecei a dizer tudo isso..."; e um diálogo para Rodin: — "Pero habías sido joven?

— Sí, y entonces yo era un cualquiera. Cuando uno es joven no comprende nada. Eso solo viene más tarde, lentamente".

E, tudo pronto, me separei dêles por uma semana, levando-os ao R.F. que ficou de me dizer o que acharia. Levei bilhete escrito porque nunca o encontro em casa, e mesmo porque pulguei de mais esperar. Passei alguns dias com a impressão de que viria até aqui para falar nos contos. Não veio. Lembrei-me de quando Dostoievski

escaneou o primeiro livro, que o acordaram e o abraçaram e lhe disseram tudo, demais ou de menos. Não esperava tais expansões: apenas certa consideração (devida a que?). E todos os dias pensei em ir ao quarto do n: 916 para recuperar meus originais. Domingo de manhã não o encontrei novamente; deixei bilhete e 2.ª feira não estava o volume à disposição do portador. Quarta-feira encontrei-o no Centro e me decidi falar-lhe — que domingo à noite não tinha coragem — e me veio e falou como sempre, dizendo que eu podia mandar buscar, que mais tarde diria o que achou.

Ontem levei a pasta com os papéis para o arcamento da Globo e hoje, Dezembro 2, voltei para casa com uma

cópia nº 5053: "Para o Sr. Harry Laus — 500 exemplares "Os Sucarenguais", com 112 páginas de texto (igual à de Ignazio Silone) em papel Bufon 3º — 24 kgs. 76×112+4 páginas da capa, impressas em verde (o título) e preto, em cartão Sudan 200 grs, brochura, por Cr$ 68,50 a página. Desenhos e clichés são cobrados a parte." Isto tudo quer dizer um total de 7.946,00 que não pomo. E penso que, se tivesse, melhor seria ir numa grande viagem a Montevideo e Buenos Aires.

Minha intenção de fazer uma edição reduzida para amigos e críticos, foi reformada pelo empregado da Globo que falou em desvantagem de publicar apenas 100 exemplares. Que o preço da unidade seria elevadíssimo. Mas se fosse tudo possível, em três meses, por Fevereiro

ro, sairia o volume branco de letras verde no título!

R.F. recomendou-me procurar uma editora Cita, que descobri ser de meu primo Reinert, e hoje telefonei-lhe e marcamos para segunda-feira nos encontrarmos e tratar sôbre a publicação. Mas fico pensando e me arrependendo desse compromisso. Tenho medo do "Incoerente", tenho amor a êle, ainda o despreso e não assumo uma atitude definitiva. Com esse parente me parece que o compromisso de aceitar é maior — e que grande diferença de preço pode haver? Calculara mês 3.000,00 para 100 exemplares; e mesmo que assim fosse não poderia, ou não deveria me expôr a essa despesa. O que me trará essa aventura? — uma pergunta que me provoca, me incita. Pelo que há de duvidoso, de oposto em sua resposta. Se êle me tivesse dito o que lhe pareceram os contos... neste momento eu estaria jogando com mais segurança.

Talvez ainda o melhor será guardar a pasta cinza e prosseguir, tentar o meu "Divin Menino", ou procurar uma outra história curta e contá-la. Ou será que já está no tempo de abandoná-los em busca de algo maior?

"Et voici que tu viens:
... mériter une couronne pour ton front qui est nu."

Há dias atrás andei tomado pela idéia de um romance. Não seria mais que o estudo de

um personagem masculino, central, decomposto em quatro figuras intimamente ligadas por relações de amizade; isto é, fixar acontecimentos da vida de cada um dos quatro que poderiam ser de todos eles. Aprofundar num deles o que se refere à vida espiritual, mento a familiar, profissional e íntima, de maneiras que, por tudo isso parecessem as criaturas mais diferentes e opostas deste mundo e que, no entanto, são uma só e única.

Mas ainda me falta a coragem para <u>iniciar</u>. Em certos ocasiões tenho quasi a certeza de que, uma vez planejado, já poderia fazer o romance. O que falta, pois, é o plano? E para fazer o projeto detalhado é preciso tempo

para se concentrar e pensar: tenho motivos, razões e certos compromissos que continuamente me desviam a atenção. Agora novamente a secretaria no Regimento para me cansar intelectualmente com ofícios e processos! É a noite pede descanso e não me sobram quasi horas para recuperar o perdido.

Também nunca me julgo pronto para começar. Oh! formação sem formação! Ser autodidata, procurar caminhos sem bussola nem tempo oportuno. Sempre me parece que depois de haver lido ... (um livro mágico) será dado o sinal e terei pensamentos grandes e profundos e uma história com pessoas para pensá-los e dizê-los.

Além de tudo, um romance precisa situar-se numa

espaço numa cidade. Ou será
possível desprezar estes elemen-
tos? Talvez por ler tão
poucos romances brasileiros,
não me parece bem falar
numa rua conhecida, num
bar, um nome de banda.
Meus contos sempre descondes-
cem esses aspectos, e creio
que, neles, não têm havido
necessidade de falar em Tijuca,
ou para ot Vinita, ou Natal
para O adolescente, Patrícia:
porque o elemento humano,
que é imutável em presen-
ça dos fatos examinados, é
o que me tem interessado
mais. E mais, o elemento na-
tureza, o céu, o mar, flores e
árvores não convem numa ci-
dade de maneira tal que se
não se disser seu nome está
perdida a relação de expressão
e a beleza poética.

A fase disso, devo reconhecer,
a vulgaridade não perturbará
o valor do trabalho, como penso
e tenho muitas vezes, só porque
minhas pessoas deslocam-se
pela Avenida Farrapos e nela
conversam, ou porque vão
a um bar aonde todos vão
vasios e gemeiros. É justa-
mente em tudo isso, nesse mês
nesse bar e nessa rua, que a
sensibilidade está, numa vez
ou outra aparente, quasi sem-
pre oculta — aliás, eis um
dos aspectos que desejo poder fi-
xar no meu livro: o homem
que toma chope agora ali, tem
este problema, embora pareça
inacreditável. Age assim neste
momento por dissimulação, ou
quem sabe por libertação? Pois
ser vulgar e viver na multi-
tidão é uma maneira de se
libertar de certos problemas que

nos esperam em casa. É bem comum essa reflexão: "o que fará, o que sofrerá essa população que passa por mim." Apreender foi esse sentido, a vida cotidiana e sua tragédia (preciso ler Unamuno) e comparar quatro moços que sofrem a época atual e se deslocam como todos e são justamente como são todos.

Donde, então, estaria o valor do livro? Na maneira de apresentar os quatro, um a um, aparecendo aos poucos, desconhecidos e sem se conhecerem; se conhecendo depois, pouco a pouco, casualmente ou não, até chegarem a uma conclusão final de que afinal, "não te espantes pois talvez a ti também possa suceder isto".

— Me assusto justamente porque reconheço que me pode suceder

— E a mim, a mim que poucos vocês dizerem isso, a mim que estou em silêncio e de quem se esqueceram por momentos, a mim já sucedeu."

Chegaria portanto esse dia em que os personagens são quatro amigos e se fazem confidências e se reconhecem uns nos outros, e que são todos parte de uma corrente, cada qual um elo. — O valor, então, poderia estar na maneira de entrelaçar e decompôr os personagens; também na significação e qualidade das experiências, dos incenos.

É evidente que aos quatro havia uma galeria enorme ligada, uns dependendo dele, outros de quem dependem.

E disso tudo quem sabe não sairia o romance? Uma série de capítulos encerrando dramas intensos na vida dos simples e que sorriem e dizem "bom dia", sem conseguirem limpar seus faces do que se passou de noite, do que acontecerá amanhã, inevitável!, de seus temores, lutas e revoltas.

→ 24a Mas creio não devo abandonar meu Divino Menino que ainda me dá adeus com um lenço amassado e sujo, coitado, meu menino pobre, se preparando para a vida e esperando a morte — que vê nela como uma salvação e, também como a derrota. Divino Menino me espera, o Menino do Rosário, e por ser de arte uma obra mais fácil, mais espontânea e natural, deve

25

ser feita antes, e o anto será assim como uma consequência — o fruto da flor, ~~e~~ a semente do fruto, não o fruto da semente caída.

Misteriosamente aumentou de 112 para 168 página e com isto crescem ainda mais o preço do livro nessa tal Cita Editora Ltda.

Voltei hoje para receber o novo orçamento e conversar com meu primo. Não o encontrei, o que foi bom, porque talvez me forçasse a assumir um compromisso que não posso ~~não~~ devo, ainda mais quando as despesas aumentaram para 11.760,00, para os mesmos 500 exemplares.

Desta vez a nota é quase totalmente impressa, mais gorda e comercial, com o nº 2254,

sem mencionar o título do livro, apenas "livro — contos". Papéis: Onion e cartolina 80, formato 15x20, e fala mais em corpo 10 entrelinhado, a Cr$ 20,00 a página, portanto quasi o mesmo preço da página pela Globo. É uma nova indicação: para 100 exemplares a mais, Cr$ 1200,00.

Creio que aí fica a aventura, reduzida a tomada de preços, ou esperando algo que absolutamente não me ocorre neste momento e que faça aparecer nas vitrinas o livro em branco e verde, de um tal Harry Laws cujos amigos não sabem "que tu também dás para isso!" Na verdade, para muita gente seria surpresa que eu publicasse um livro, e mais ainda quando tivessem comprado o livro para ler e se visse obrigados a abandoná-lo ou por não compreenderem absolutamente nada, ou por esperarem coisa totalmente diversa; talvez ainda por julgarem esse princípio de obra como algo pretencioso e absurdo — jamais vulgar, desejo, quero, me comunico a crer.

1— Naturalmente, aos que lêem por amor à leitura, para desapercebida a luta que se põe para conseguir o que se apresenta: a eles interessa o que está feito, o que se põe diante de seus olhos. Não vem ao caso esperar deles benevolência ou compreensão. É cobrar o que se paga pelo livro — como num circo não se admite que os artistas errem seus números, percam o equilíbrio e caiam do arame — assim também ao leitor não interessam os anos todos de aprendizagem e artesanato. Eles estão certos, e seu julgamento: porteira, não é bom, porque muito vasio que seja está sempre

ligado ao que houve de concordância ou escritamento de seus problemas e sentimentos.

Já aos que têem "por profissão", a esses tem-se o direito de esperar muito mais: uma opinião, que se for sincera, o que é facil de se perceber, terá sido pesando tudo o que significa publicar um livro por um artista conciente. Mas, infelizmente, não sei até que ponto sou conciente em arte e quando passo a ser sonhador e pueril. Lucinda fala bem de meus contos, da "infância reencontrada dos meus meninos" e o que me agrada muito: "a poesia muito delicada e quase secreta, um ritmo de palavras 100% natural"; tudo isso coisas que sempre pulguei para mim mesmo nestes meus contos. Mas ele não leu "Os Inocentes"; ou talvez não quis falar nele, e esse

conto é a minha tese: se não tiver o valor que lhe concedo, estarei em estado de perda. No entanto, Lucinda pulga a poesia, a poesia de Garcia Lorca, mas é jovem demais para penetrar nos demais valores.

Hoje, foi, Dezembro 13, conheci o orçamento, o novo orçamento para um volume de contos de infância e adolescência.

Rainer Maria Rilke:

Canto
Do Amor e da Morte
Do Porta-estandarte
Christoph Rilke

"... a 24 de Novembro de 1663, / Otto de Rilke / em Langenau / Graeritz / e Zilgra / em Linda tomou posse

da parte do domínio de Linda deixada por seu irmão Christoph, morto na Hungria; necessitou, todavia, assinar uma carta de retorno (1) / segundo a qual a posse tornar-se-ia nula e não teria lugar / no caso de que seu irmão Christoph (que de acordo com o atestado de óbito apresentado morrera como porta-estandarte, na Companhia do barão de Pirovano, do Regimento de Cavalaria Imp. Austr. de Heyster), voltasse..."

•

Cavalgar, cavalgar, cavalgar, o dia, a noite, o dia.

Cavalgar, cavalgar, cavalgar, E o coração cansado, a nostalgia imensa. Não há montanhas, uma árvore apenas. Nada se ousa erguer. Cabanas estanhas, agachadas junto a poços lodosos, tão sêde. Nenhuma

torre no horizonte. É sempre a mesma imagem. Tem-se a mais dois olhos. De noite, às vezes, se crê saber o rumo. Talvez reparemos nas sombras a etapa que penosamente fizemos sob o sol estanho. É pois sinal. O sol pesa, igual ao da pátria no coração do estio. Mas foi no verão que dissemos adeus. Os vestidos (2) brilharam por muito tempo no relvado. E há muito tempo que cavalgamos. É então por certo o outono. Ao menos lá, aonde mulheres tristes nos conhecem.

O senhor de Langenau firmou-se na sela e disse:

"Senhor Marquês..."

Seu visinho, Francês - afamil, falou e riu durante três dias: É-lo espotado. É como um menino com sono. A palria depositou-se em sua fina gola branca de renda;

nem siquer se apercebe disso. E
se relaxa aos poucos sôbre a se-
la de veludo.

Mas o senhor de Lan-
genau sorriu e disse: "Tendes es-
tranhos olhos, senhor Marquês. Por
certo sois parecido com vossa mãe..."

Então o jovem Francês
se alegra; saca de a poeira da gola:
completamente nova.

Alguem fala em sua
mãe. Um Alemão, sem dúvida.
Em voz alta e lenta, dispõe as
palavras. Como uma mocinha
que faz um buquê experimenta
pensativa as flores, uma a uma,
sem saber como será o todo —:
assim ajusta ele as palavras. Para
a dor? Para a alegria? Todos escu-
tam. Até os blasfemadores (3) se ca-
lam. Porque nesse instante não
há mais que senhores de belas
maneiras. E mesmo os que, no grupo,
não compreendem alemão, o entu-
dem de repente, sentem certas pala-
vras: "De noite... quando era me-
nino..."

Eis que estão todos juntos,
os senhores que vêm de França e
Borgonha, Países Baixos, dos vales de
Carintia e castelos boêmios; do
imperador Leopoldo. Pois o que um
conta, já todos provaram, e justa-
mente assim. Como se existisse
uma só mãe...

Assim, cavalgando, entra-se
na noite, numa noite qualquer.
Novamente o silêncio, mas se conser-
vam luminosas palavras. Eis que
o marquês suspende seu elmo.
Os cabelos macios e escuros, quan-
do inclina a cabeça, desprendem-se

sôbre a mesa de molde quasi feminino. Eis que o senhor de Langenan por sua vez o percebe: ao longe alguma cousa se ergue, não se sabe o que, tão sombrio e delgado. Uma coluna solitária que se dissolve. Tempos depois, muito mais tarde, vem-lhe ao espírito que fôra uma mulher.

Fogo em bivaque. Todos sentados em torno, e se espera. Espera-se que alguem se ponha a cantar. Mas tão cansados estão. A luz é vermelha e pesada. Ela pousa sobre os calçados poentos. Arrasta-se até os joelhos, se introduz pelas mãos juntas. Não possue asas. Todas as faces são obscuras. No entanto os olhos do jovem Francês brilham por instantes com uma luz singular. Por ter beijado uma pequena rosa; agora pode continuar a murchar de encontro ao peito. O senhor de Langenan o vê, porque não pode dormir. E pensa: eu não tenho rosa, nenhuma rosa.

Logo após canta. E é uma velha e triste canção que em sua terra as mocinhas cantam, pelos campos no outono, quando a colheita chega ao final.

Diz o jovem marquês: "Vós sois moço, senhor?" E o senhor de Langenan, meio aflito e irado: "Degoito!" Depois se calam.

Mais tarde o francês pergunta: "Tendes tambem uma noiva esperando, senhor Junker?"

"Tendes?" replica o senhor de Langenan.

"Ela é loura como vós."

E se calam outra vez, até quando o alemão exclama: "Mas que diabo fazeis então montado, a cavalgar

através deste país enfeitiçado, ao encontro desses cães, os turcos?"

O marquês sorri: "Para voltar."

O senhor de Langeman fica triste. Pensando numa bela moça loura com a qual brincava. De modo selvagem. E desejou revê-la, ainda que por um instante, o tempo apenas que é preciso para falar: "Madalena, — por haver sido sempre assim, perdoa!" Como? pensa o jovem senhor. — Mas estão longe.

Uma vez, de manhã, um cavaleiro chega, depois mais um, quatro, dez. Grandes, de ferro. Mais mil, atrás: o exército. Sem se separar.

"Até à volta, senhor marquês.

"Que a virgem vos proteja, senhor Junker."

Ainda não podem partir. São bons amigos, de repente, irmãos. É necessário que façam novas confidências; pois que tantas coisas já sabem um do outro. E retardam. Ao redor deles a presença e o ruído de patas. Então o marquês descalça a grande luva direita. Descobre a pequena rosa, desprendendo uma pétala. Assim como se parte uma hóstia. "Isto vos preservará. Adeus." — O senhor de Langeman surpreende-se. Por tempos segue o francês com os olhos. Depois desliza a pétala estrangeira sob a túnica. E ela sobe e desce sôbre as vagas do coração. Clarim. Cavalga até ao exército, o Junker. E sorri tristemente; uma desconhecida o protege.

Um dia inteiro com o tilintar de combate. Pragas, vanglórias, risadas:

— o país é deslumbrante (4). Ocorrem moleques em roupas multicores (5). Risos e gritos. Surgem moças com chapéus púrpura em cabeleira ondeante. Brados. Vêm os soldados, negros, de ferro, como noite errante. Agarram as moças com tanto ardor que suas vestes se rasgam. Apertam-nas contra os bordos dos tambores. E a resistência feroz de mãos áridas acorda os tambores; como em sonho, eles murmuram, murmuram. — E de noite se lhes estendem lanternas, estranhas lanternas: vinho brilhando nos elmos de ferro. Vinho? Ou sangue? — Quem poderá distinguir?

Enfim diante de Spork. Junto a seu cavalo branco se retesa o conde. Seus longos cabelos têm o fulgor do ferro. O senhor de Langenau nem procurou. Reconheceu o general, saltou de seu corcel e se inclinou numa mesura de pró. Traz uma carta que lhe deve recomendar ao conde. Mas eis-lo que ordena: "Lê-me este trapo." Seus lábios não se moveram. Não é necessário, para tão pouco; e são para as blasfêmias bastante bons (6). Quanto ao demais, sua destra fala. Suficiente. Ah! parece bastante. O jovem senhor depois de muito termina a leitura. Apenas sabe onde se encontra. Spork obscurece tudo. O próprio céu desaparece. Então Spork, o grande general, diz:

"Porta-estandarte."

O que é muito.

A companhia acantona no outro lado do Raab. O senhor

de Langenau parte ao encontro,
cavalgando só. A planície. A
noite. O capilho da sela brilha
através da poeira. E a lua avan-
ça no céu. Ele o percebe nas
mãos.

E sonha.
Mas algo estranho grita
para si.
Grita, grita,
desmanchar seu sonho.
Não é um mocho. Mise-
ricórdia: a única árvore
grita-lhe assim:
Homem!
Ele olha: o vulto se alça.
Um corpo se alça, ao longo da ár-
vore, e uma jovem mulher, san-
grando e nua,
o ataca: Liberta-me!
Ele salta do cavalo na ne-
gra verdura,
corta os abrasantes laços;
vê seus olhos brilhar

e seus dentes morder.
Ela ri?
Ele treme.
Num instante se encontra a cavalo
e galopa na noite. Serran-
do no punho esses laços sangrentos.

O senhor de Langenau escre-
ve uma carta, absorvido. Lentamente
modela grandes caracteres, sérios e re-
tos.

"Minha boa mãe,
Pode orgulhar-se: eu levo a ban-
deira,
Não esteja inquieta: eu levo
a bandeira,
Muito me ame: eu levo a
bandeira..."

Depois guarda a carta em
sua túnica, no lugar mais secreto,
junto à pétala de rosa. E pensa:
Breve estará toda perfumada. E
pensa: Talvez alguem a encon-

tre um dia... E pensa:... pois o
inimigo chega.

Os cavalos pararam sô-
bre um campanil marmorado. Está
com os olhos abertos, e algo neles
se reflete; ausência de céu. Mais
tarde, os cães uivam. E' então uma
vila, afinal. E por sôbre os te-
lhados se ergue, todo de pedra,
um castelo. Larga ponte se
estende até êles. O portal cresce.
Alto soam os clarins as boas-vin-
das.

Escuta: algaravia, tinir
de esporas, e o latir de cães! Os
relinchos no pátio, patear de ca-
valos, exclamações.

Repouso! Ser afinal
hóspede de alguem. Não satisfazer
seus próprios desejos sempre por
um magro salário (7). Não receber
todas as coisas sempre de mãos inimi-
migas. Deixar-se uma vez ao me-
nos tudo fazer e saber: o que acon-
tece está bem. A própria coragem
deve uma vez entender-se e sosse-
gar-se sobre si mesma junto a co-
bertas de seda. Não ser para sem-
pre soldado. Usar os calabarços sol-
tos e a gola aberta, sentar-se em
assentos e sentir-se até às pontas dos
dedos tal como após o banho. E
recomeçar a aprender como são as
mulheres. Como são as crianças e os inocentes (8); que espécie de mãos elas
têm, e que canto é seu riso quando
os moços louros trazem belas taças
repletas de saborosos frutos.

De início foi um descanso.
Mudam-se em festa, não se sabe como.
Altas chamas se agitaram, as vozes te-
miam, confusas canções chocaram-se

nos vidros e nas luzes, e por fim,
os vítimos amadurando aos poucos,
soltou-se a dança. E a todos arras-
tou consigo. Era um bater de on-
das pelas salas, as pessoas se viam
e se escolhiam, se diziam adeus
e se reencontravam, se embriaga-
vam de luz, se deslumbravam
e se balançava a gente nos ven-
tos de estio que estão nos vestidos
quentes das mulheres.

Com as mil rosas e
o escuro vinho se escoa a hora,
ruidosa, nas ilusões da noite.

E alguem está ai con-
templando, espantado, o maravilhoso.
E ele é de tal feitio que se pergunta
se não se vai de repente acordar. Pois
não é sinão dormindo que se vê tan-
to luxo e singulares festas de jo-
vens mulheres: seu menor gesto
é uma dobra se formando no bro-

cado. Elas constroem as horas com
intenção argentina, e às vezes le-
vantam as mãos assim — e tu
dirias que estão colhendo, de onde
não alcança, doces rosas que tu
não vês. E és que sonhas: ser
ornado por seu encanto, de outra
forma cumulado, e merecer uma
coroa para a fronte sua.

Alguem, vestido de seda
branca, sente que não se pode acor-
dar, pois está turbado e entorpecido
pela realidade. Medrosamente, se
refugia no sonho, e vê-lo no par-
que, solitário no parque escuro. A
festa é ao longe. A luz mente. A
noite, ao redor de si, é fresca. E
pergunta a uma mulher que se
inclina para ele:

"És tu a noite?"

Ela sorri.

E vê-lo envergonhado de

seu traje branco.

Queria estar longe e só, em armas.

Dado às armas.

"Esqueceste que és meu pagem por esta noite? (9) Queres deixar-me? Donde vais? Teu traje branco me dá direito sôbre ti..."

. . . . . .

"Sentes saudades de teu grosseiro uniforme?"

. . . . . .

"Estremeces? — Te entristece a pátria?"

A condena sorri.

Não. É porque a infância lhe cai dos ombros, esse doce traje sombrio. Quem a leva?

"Tu?" pergunta ele com uma voz que não havia jamais ouvido: "Tu?"

E agora nada mais há sôbre ele. Está nu tal como um santo. Claro e esguio.

O castelo se apaga aos poucos. Todos prados: de fadiga, de amor, ou embriaguês. Após tantas longas e varias noites no campo: os leitos. Grandes leitos de carvalho. Aí não se reza da mesma forma que nas miseráveis valas dos campos, que quando se quer dormir, se assemelham a túmulos. "Senhor, como vos praza!"

Mais breves são os pesos num leito.

Porem fervente.

O quarto da torre (10) é escuro. Mas eles iluminam os seres com seus sorrisos. Tateiam diante de si como cegos e encontram-se

como se encontra uma porta. Quasi como crianças que têm medo da noite, se abraçam um ao outro. No entanto, não têm medo. Nada existe contra eles: não há ontem, nem amanhã: pois o tempo desmoronou-se. E florescem fóra de suas ruinas.

Ele não pergunta: "Tem esposo?"
Ela não pergunta: "Tem nome?"
Pois se encontraram por ser um para o outro de uma nova raça. Dar-se-ão cem novos nomes, e se os tirarão um do outro, docemente, como se desprende um brinco da orelha.

No vestíbulo, de sôbre um assento pendem a túnica, o baldriê e a capa do senhor de Langenan. Suas luvas estão no assoalho. A bandeira permanece tensa, apoiada contra a janela.

É negra e esguia. Fóra, uma tormenta corre através do céu e corta a noite em pedaços brancos e negros. A luz da lua para transformada em relâmpago, e a bandeira, imovel produz inquietas sombras. É sonha.

Chegou a manhã? Que sol se levanta?

Como é grande, este sol!

São os pássaros? Suas vozes estão em tôda a parte.

Tudo está claro, mas não é o dia. E há ruidos, mas não são vozes de pássaros.

São as vigas que brilham. E as janelas que gritam. E gritam, vermelhas, contra o inimigo que está fóra, no campo flamejante, elas gritam: ao fogo!

Com o sono rasgado em suas faces, todos se apressam

sem-nus em vestidos (11), de sala
em sala, de refúgio em refúgio,
em busca da escadaria.
Com o sôpro abafado, os
clarins balbuciam no pátio.
Reunir, reunir!
E os tambores tremendo.

Está aberta uma janela?
A tempestade entrou pela casa? Quem
fez bater as portas? Quem atravessa
as salas? — Deixa! Quem quer
que seja. Não encontrará o quarto
da torre (12). Como se estivesse a-
trás de cem portas, é esta grande
serra que dois sêres têm em ca-
mum: um comum como uma mãe
ou uma morte.

Mas a bandeira não está.
Voz: Porta-estandarte!
Cavalo em fúria, presa gotas,

Praça: Porta-estandarte!
Choque de forças, ordem e fogo.
Pátios: Porta-estandarte!
E ainda uma voz: Porta-estandarte!
E avança a cavalaria espumando.
. . . . . .
Mas a bandeira não está.

Ele corre inundado pelos cor-
redores em chamas, através das portas
que o enormam, ardendo, pelas escu-
das que o geminam, e se evade do
edifício em fúria. Sôbre os braços
leva a bandeira tal uma mulher
pálida, desmaiada. Encontra um ca-
valo e sôbre um brado: por sôbre
tudo, transpondo tudo, morno o ser.
E os que o estandarte também volta
a si, e pensa fora tão régio e ago-
ra todos o vêem, longe e na front,
e reconhecem o homem fulgurante
e seus olhos, e reconhecem a ban-
deira... Mas ela começa a brilhar.

se arroja e cresce e se empurpura.

É a bandeira em chamas entre o inimigo que a persegue a galope.

O senhor de Langenan está no seu inimigo, mas está só. O estandarte fez ao redor de si um círculo vazio, e ele resiste, no centro, sob a bandeira que se ergueu aos ventos.

Lentamente, quase como pensando, olha em torno de si. Há muito de estranho, de multidão diante de si. Como no jardim, pensa ele, e sorri. Mas é-lo que pressente, de repente, olhos que o devoram, reconhece os homens, e gela que são os cães devorantes: e lança o cavalo no meio deles.

Mas grande chão de

si tudo se prova, continua tudo sendo ainda como jardim, e os dezenas sabres reservos que sobre ele se abatem, golpe contra golpe, são uma festa.

Uma cascata de risos.

A linha se encurva no cantil, com a carta e a pétala de rosa de uma desconhecida.

Na primeira segunda (chegou fria e forte) um correio a cavalo do barão de Pizonano entrou lentamente em Langenan-la, com o pranto de uma velha mulher.

* * *

Notas: Paris, após a minha intenção de uma homem.

gem, nada mais seja minha tradução do que um crime. Sempre que possível, tendo presente o que Maurice Betz advertiu no volume de "Poésie" de Rilke, procurei manter uma equivalência rítmica entre o português e o francês, o que nem sempre é possível mas que é creio mais facil que manter entre o idioma alemão e um latino. Realmente, uma parte essencial da obra é a melodia da frase, mormente quando se trata de uma peça em prosa como é o Canto do Amor e da Morte. E neste momento em que faço esta tradução e a passo a limpo no final deste caderno, temo haver cometido uma traição, uma vez que "Rilke tenait pour une trahison de sa poésie toute traduction qui ne restituerait pas, en même temps que sa pensée, le mouvement intérieur, le rythme et la musique de l'original."

Por outro lado, tive diversas dificuldades por desconhecimento do francês, de certas expressões que meu pequeno dicionário não esclarece; e os principais vão em forma de notas, abaixo. Tambem preciso reconhecer que não alcancei o sentido preciso da seguinte frase, pela imagem que contem na parte final: "Comme dernière cent ports est ce grand sommeil que deux êtres ont en commun: en commun comme une mère ou comme une mort." Outras vezes, não traduzi, mas substitui a palavra, sem grande prejuizo, espero eu, como no caso de "mi-fer", para não quebrar em demasia o ritmo da frase.

× × ×

1 – lettre réversale = carta de retorno
2 – robes de femmes = vestidos
3 – crachent = blasfemadores
4 – le pays en est aveuglant = o país é deslumbrante.
5 – des gamins baniolé = moleques

em roupas multicores.
6 – pour juger juste assez bonne = para os blasfêmias bastante bons.
7 – maigre pitance = magro salário.
8 – Comme sont les blanches (femmes) et comme sont les bleues = como são as roliças e as inocentes.
9 – journée = dia = noite.
10 – donjon = torre (do castelo)
11 – mi-fer = vestidos

Porto Alegre, Dez. 25,
Natal de 1949.

Indice

– Rien Chacun — 21
– O desastre — 26
– Fuja — 33 verso
Ôdiosinha — 41v.
Chegar e dizer — 43 X
– A Jóia — 44
Nota para... — 51
– A visita — 53
Areia (intenção) — 66
Nota segunda... — 67v.
Pobre J. G. V. — 71v.
Capitel (vidia) — 75
Prolongamento de Fuga — 76
Proust. O Mar — 77v.
... Em sucessão memória — 79v.
– O adolescente — 83v.
– Areia — 91v.
A Passás (plage) — 99
– Maria Grazia — 104
– A procissão — 112
– Os Inocentes — 117
Observações sobre Os Inocentes — 128v
Correções e ampliações — 131
Impressões sobre Os Inc. — 141

a mãe - morta - uma lembrança
o pai - Eugênio (se for preciso)
Celeste
Liana - pensará e dirá como começou D.M. nos braços, o que pensa ao vê-lo grande
Dircen Menino
Otaniel - o que conhece D.M.

---

mãe - uma lembrança para ambos - um elo.
Dircen Menino - o herói
Otaniel - o que conhece e joga com os demais personagens, que refere os incidentes da trama. Cuidar para que não lhe seja dado relevo demasiado: D.M. é o herói.
Celeste - na imaginação de O. - talvez apareça mais tarde
Liana do Rosário - irmã de D.M. - equivalente sentimental de C.
o pai de D.M. - alfaiate, bebe, doente, morre.

- a rosa se desmanchando
- cena com a criança dizendo palavras e a mãe fazendo frases.

Parece-me que se houvesse um homem
que, por exemplo, segurasse uma ~~esfera~~
bola de ferro ao outro com o fim de
provar sua integridade de à loja, dis-
sante dos espectadores ~~uns~~ ~~enfeitados~~ uns
dos outros naturais e acabasse por ven-
cê-la, sua fraqueza ficaria manifesta
aos poucos do que experimentos pro-
gressivos dos espectadores

Levar:

Dostoievsky - Obra Completa

Rilke - Os Cadernos...
Cartas a uma Poeta

Alemanha - Vida de D. Quixote e Sancho
Pensamento

Gide - Dostoievsky
Fruto da Terra (p. Jean)

Proust - Em Busca

Bíblia - Pensam. de Pascal -
O Conceito - Pirandello.

Literatura

18 Brumário

Levar:

Dostoiewsky – Obra Completa

Rilke – Os Cadernos de Malte Laurids Brigge

Thomas Mann – Vida de D. Quixote e Sancho Pantza

Gide – Dostoiewsky

Proust – Em Procura do Tempo Perdido

Kafka – Prisão de Pascal –

C. Pessoa – Mensagem.

Literatura

Teatro

talvez o próprio Wilde (pois há bastante se-
melhança entre Menalco e o teatrólogo irlandês
- a referência ao escândalo; e também há
concordância com as relações Wilde-Gide: no
seu breve trabalho sobre Óscar Wilde, Gide con-
cede importância a 3 dos 6 encontros com ele
(em Paris, Argélia e Berneval. Morte da Fran-
ça), os três encontros plenamente divergentes: o 1.º
passeio, o 3.º logo depois de cumprida a pena) e
to à concordância de datas, não só passam
mamente quando foi escrito o Imoralista: mas
os entusiastas a que Gide concede importância foram
em 1891 (Paris), 1895 (Argélia) e 1897 (Berneval); sendo
que uma das edições de O Imoralista data de 1902
(Mercure de France).

282- Nota:

acrescentar, com modificações,
as notas sobre o Imoralista, para
publicação.

— nota sobre Whitman (de Nova)

— substituir a citação de Dostoievsky

Memórias de Subterrâneo (O Espírito Subterrâneo)

"E, não obstante, sabei-o: estou certo de que

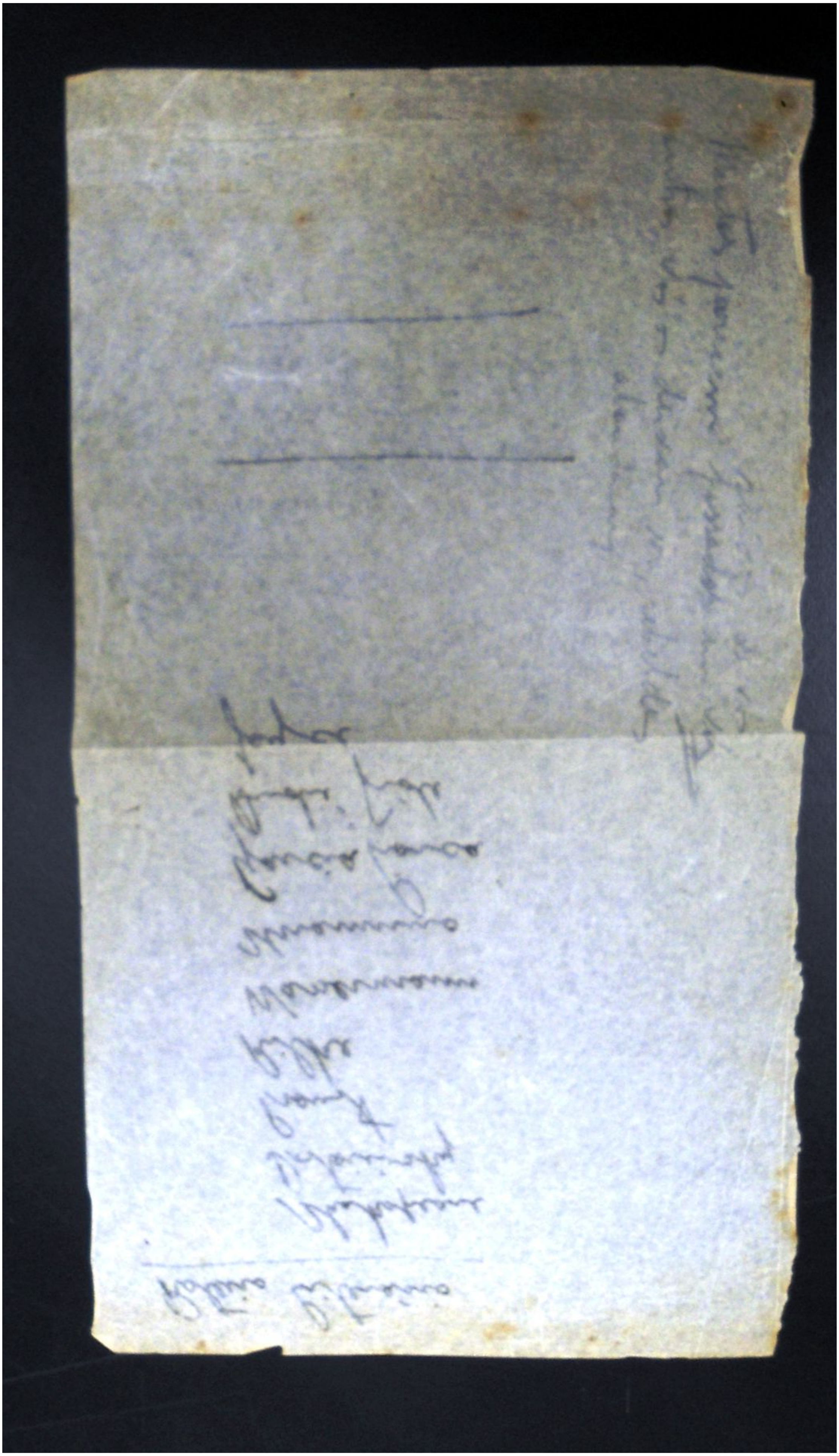
Dost. 1950/51

Roteiro Literário

Shakespeare
Dostoievsky
Proust
Rilke
Wasserman
Unamuno
Garcia Lorca
André Gide
Joyce

Livros a ler:

Ulisses
~~O espírito santificado~~
José no Egito
Confissões de Santo Agostinho
~~Obras de Cícero~~
O ramo de ouro



1,45 m Uruaçuca
Entrada de Manacá

Igreja - Santina (Lado direito)
Hotel Espaço - Hotel Imperador

Altura K:

Ponte Esparramilaho

Ponte - 2009 m
Nível do Rio Branco
Altura máxima 25 m
do nível do rio
(Rio Novo - ponte)
5 anos maior
Cerrado (altura do rio?)

Anúncios 111

S	D	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S	D	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12

O homem c/ o
corpos do defunto

Photo

Cronologia:
nascimento em 1922, infância até 11 anos em Santa Catarina;
de 1934 até 1941 em Passo Fundo, até 19 anos.
Demais datas: ver ficha de movimentação.

Augusto Navarro foi amigo íntimo do autor do livro e o tinha por confidente. Ao morrer, há cêrca de dois anos, exige a promessa de que o escritor fará sua biografia, dívida que tinha com diversos amigos mas que nunca se dispôs a cumprir por não se julgar um escritor realizado. Deixou com o escritor todos os seus diários e coleções de cartas que havia reavido para realizar o romance, ou a biografia, que nunca saiu. O escritor havia, por sua vez, feito diversas anotações, pois pretendia executar o livro ainda em vida do amigo e com seus auxílio. Com a morte inesperada de Augusto, resolve escrever o livro e nota a diversidade entre suas anotações, o diário, as cartas, as lembranças que dêle tem. Propõe-se então a fazer o levantamento da vida do amigo com os elmentos que possui, jogando os diversos elementos, na técnica do contra-ponto e do flash-back, com a intenção de explicar a personalidade aparentemente contraditória do amigo.

O ensenável e o perdido —— 142v
Nada e o bicho —— 149v.
Biografia de Clarice (1ª edição) —— 153v.
Fragmentos —— 157.
O dois, dia dois —— 167.
Com licença, Madame —— 171vs.
Lygia Marina de Morais —— 174
Fragmento —— 176v.
Publicar —— 177v.
Desdobramento —— 180
Arcamento II —— 184
O Canto
de amor e de Morte
de Portinari ——— 186
Christoph Rilke

—x—

Natal – 21 abr 33
Caeiras 5ª 1

P Alegre – 51 → abr-set (1949)

– pré 1630 – carreira?

datas → 176v

158
.63
160

1-41 Vorwort x
2-72 JGV x
3-75 x
~~4-76~~ war
5-80 x
5a-81 x
5b-82 x
6-83 x
7-129 x
8-141 x
9-143 x
x 9a-146
x 10-150
x 11-155
x 11a-157
x 11b-159
x 12-158
x 13-160
x 14-161
x 15-162
x 16-163
x 17-166
18-167 x
19-168 x
20-170 x
21-172 x
22-174 x
23-177 x
24-178 x
24a-184 x
25-184 x
26-198 -34

Os Incocentes? - 342/12 set 1953

publicação: 1958

Manoilesco --- — 31 (30)
44 (40)
53 (50)
54 (52)
88 (98)

} datilografada

~~Ao leste dos Andes~~ manuscrito

"o ano passado em Coimbra"

10/58 - carta do Cel Peregrino (80-90)

31/10/58 - chegada dos livros (81-92)

Waldemir Ayala (carta - maio)
. ida ao RS em junho

Uma Lembrança

do candidato

ao Eleitorado Corumbaense

Eleja como seu VEREADOR

P T B



P T B

DR. HIGINO GOMES RACHEL

Um moço trabalhador como
CANDIDATO TRABALHISTA

CONCLAMANDO

Era qual sonho que guardava n'alma
Com vivas chamas em sentido ardor
De, em tempo preste a sucumbir na luta
Eu vir salvar o bom trabalhador.

Era desejo que no peito ardia
Em consagrar-me aos trabalhadores
Em defender a sua soberania,
O seu direito e abrandar suas dores.

Pois que a miséria sempre o vem pisando
Sem humanidade e vai soluçando,
Ora gemendo seu pranto de dor.

Busque um amigo sincero e pacato
Eu, por exemplo, o seu candidato
Às urnas para VEREADOR.

Dr. Higino Gomes Rachel

